UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Kalliandra de Moraes Santos Araujo

**O planejado e o vivido:
histórias de vida de moradores do Sertão Goiano.**

São Paulo
2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Kalliandra de Moraes Santos Araujo

**O planejado e o vivido:
histórias de vida de moradores do Sertão Goiano.**

Dissertação apresentada ao Departamento
de História da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Zilda Márcia Grícoli Iokoi

São Paulo
2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Araujo, Kalliandra de Moraes Santos
O planejado e o vivido: histórias de vida de moradores do sertão goiano /
Kalliandra de Moraes Santos Araujo ; orientadora Zilda Márcia Grícoli Iokoi.
– São Paulo, 2014.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de
concentração: História Social.

Agradecimentos

Sou grata, de um modo geral, a todos os trabalhadores rurais que me disponibilizaram seu tempo e, por vezes, me ofereceram suas casas e refeições durante o percurso desta pesquisa. Estes moradores do sertão goiano demonstraram a hospitalidade do homem do campo. Entre um cafezinho e outro, fui servida de muitas histórias.

Sou grata a minha orientadora, Zilda Márcia Grícoli Iokoi, por sempre me orientar e acreditar em mim. Seus questionamento e sua inconformidade com as injustiças sociais serviram-me como um estímulo.

Agradeço aos professores José Carlos Sebe Bom Meihy e Odair da Cruz Paiva, que influenciaram de forma significativa com suas sugestões e críticas feitas no exame de qualificação, em novembro de 2013.

Aos colegas da Universidade de São Paulo, especialmente aos membros do Núcleo de Estudo em História Oral, NEHO, que se dispuseram a ouvir e discutir várias das minhas inquietações.

Recebi apoio irrestrito de meus pais, Ronan Bueno e Rosa Helena. Aos quais serei eternamente grata. Agradeço a minha irmã, Gabriela de Moraes, pelo seu constante incentivo.

De forma especial agradeço ao Bruno, meu companheiro amigo e cúmplice, sempre me encorajando e apoiando. Não poderia deixar de agradecer a Amanda, minha filha, que compreendeu minhas ausências e muito me inspira. Se não fosse pela atenção de todas essas pessoas e de muitas outras, dificilmente este trabalho teria sido concluído.

Por fim, o apoio financeiro que custeou esta pesquisa por meio da bolsa de estudo da CAPES, recebida pela seleção de projetos realizada pelo departamento de História da Universidade de São Paulo.

Resumo

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa com atingidos pela Usina Hidrelétrica Serra do Facão no sudeste de Goiás. Foram coletadas histórias de vida de moradores da zona rural de Goiás em dois momentos distintos. O primeiro em 2009, antes da instalação da barragem do rio São Marcos. O segundo momento das entrevistas foi pós o deslocamento compulsório, em 2012 e 2013, com a usina em funcionamento. Este intervalo entre as entrevistas nos permitiu analisar o que foi planejado e o que foi efetivamente vivido por estes moradores do sertão goiano.

Este empreendimento desapropriou 420 famílias, moradoras da zona rural em seis municípios: Catalão, Ipameri, Cristalina, Davinópolis, Campo Alegre de Goiás, em Goiás e Paracatu, no triângulo mineiro, Minas Gerais. Tomamos como recorte analítico as famílias remanescentes ou as famílias retornadas a terra, sendo assim, selecionamos seis histórias de vida que nos evidenciaram o que foi este processo de expulsão de suas terras de origem e as formas de reconstruir suas vidas agora não mais margeadas pelo rio. Os colaboradores foram mulheres e homens de distintas idades, todos moradores das beiras do rio São Marcos, localizados na zona rural do município de Campo Alegre de Goiás, que teve a maior área atingida e a maior quantidade de famílias desapropriadas.

Por meio da História Oral, registarmos histórias de vida nas quais foram expostos os mecanismos de sobrevivência destes afogados. Transcritas, as histórias de vida revelaram a complexidade deste cenário e demonstram a face perversa de expulsão do camponês de suas terras. Estes sujeitos tem outros conhecimentos para além do português letrado, que os permitiram reconfigurar a vida já tão dura pela lida na terra e pelos desmandos do estado. Revelou também que é preciso superar práticas autoritárias e de subordinação política na relação entre mediadores da barragem e camponeses, como uma das condições para uma nova retomada em suas vidas.

Palavras- chave: história oral, vida cotidiana, camponeses, Usina Hidrelétrica e medidas compensatórias.

Abstract

This dissertation is the result of a research about people affected by Serra do Facão Hydroelectric Dam at south-east Goiás. The histories of people who lived in the rural area were collected at two distinct times. First before the dam's construction at São Marcos River in 2009. The second moment of interviews was after the mandatory move, in 2012 and 2013, with the power plant already producing. This time offset allowed us to analyze what had been planned and what the former residents of this area actually experienced.

This venture expropriated 420 families living in the rural areas of six cities: Catalão, Ipameri, Cristalina, Davinópolis and Campo Alegre de Goiás in Goiás and Paracatu in Triângulo Mineiro region of Minas Gerais. As analytical approach taken cover the reminiscent families or families which returned to their land, so we selected six life stories what was this process of expulsion from their own land and ways of rebuilding their lives, now, no longer at the border of the river. The interviewed people were women and men of different ages, all residents of São Marcos river border's, in rural areas of the city of Campo Alegre de Goiás, the one with the largest affected area and dispossessed families as well.

Through Oral History, we recorded their life stories in which the mechanisms of survival of those "drowned" were exposed. Transcreated, These guys have other knowledge beyond the literate Portuguese, which allowed them to reconfigure life already so hard for the land labor and government excesses. Also revealed that it is necessary to overcome authoritarian and political subordination in the relationship between mediators of the dam and peasants practices as a condition for a new resume in their lives.

Keywords : oral history, daily life, peasants, Hydroelectric Power Plant and compensatory measures.

Siglas Utilizadas

ABMS: Associação Brasileira de Mecânica dos Solos e Engenharias Geotécnicas

ADA: Área Diretamente Afetada

AHE: Aproveitamento Hidrelétrico

ANA: Agência Nacional de Águas

ANEEL: Agência Nacional de Energia Elétrica

ANTT: Agência Nacional de Transportes Terrestres

APEGO: Associação dos Pescadores de Goiás

APP: Área de Preservação Permanente

ARPRA: Associação Regional dos Produtores Atingidos pela Serra do Facão

BRIC: Brasil, Rússia, Índia e China

CELG: Companhia Energética de Goiás

CGH: Centrais de Geração Hídrica

CMB: Comissão Mundial de Barragens

CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CPT: Comissão Pastoral da Terra

DNAEE: Departamento Nacional de Água e Energia Elétrica

EIA: Estudos dos Impactos Ambientais

EMATER: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

FHC: Fernando Henrique Cardoso

GEFAC: Grupo de Empresas Associadas da Serra do Facão

IBAMA: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IMABA: Instituto Brasileiro de Meio Ambiente

INCRA: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IPHAN: Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Nacional

LI: Licença de Instalação

LO: Licença de Operação

MAB: Movimento dos Atingidos por Barragens

MMA: Ministério do Meio Ambiente

MME: Ministério das Minas e Energia

MCP: Movimento Camponês Popular

PAC: Programa de Aceleração do Crescimento

PBA: Programa Básico Ambiental

PCHs: Pequenas Usinas Hidrelétricas

PND: Plano Nacional de Desenvolvimento

PRODECER: Progresso e Desenvolvimento para o Cerrado

PRONAF: Programa Nacional de Apoio à Agricultura Familiar

RIMA: Relatório dos Impactos ao Meio Ambiente

SEFAC: Serra do Facão Energia

SEPIN: Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação

SEPLAN: Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento
Econômico

UHE: Usina Hidrelétrica

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 SOBRE A REGIÃO E OS CAMINHOS DA PESQUISA.....	20
1.2 PROBLEMATIZAÇÃO E DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA	24
1.3 ANÁLISE DOCUMENTAL.....	29
1.4 HISTÓRIA ORAL: PROCEDIMENTOS E REPRESENTATIVIDADE.....	31
2. TRAVESSIAS E (IN)CERTEZAS ÀS MARGENS DO RIO SÃO MARCOS.	39
SENHOR ALCIDES JOSÉ DA SILVA	40
LÁZARO DIAS CANEDO.....	65
3. UMA ENCRUZILHADA NO SERTÃO DE GOIÁS: OUTRA VERTENTE DO	
PROGRESSO.....	83
D. FÁTIMA CONFORTE	84
D. EVA DIAS CANÊDO.....	103
4. MULHERES QUE PEGAM NO BATENTE: RELAÇÕES DE GÊNERO NO	
SERTÃO DE GOIÁS.....	125
D. TEREZA PEREIRA DA SILVA.....	126
D. DIVINA DIAS CANEDO	154
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	176
6. BIBLIOGRAFIA.....	180

Índice de Mapas e Tabelas

Mapa 1 - Delimitação do reservatório da UHE Serra do Fação e os municípios limítrofes. Fonte: Superintendência de Estatística, Pesquisa e informação de Goiás. Fonte: Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação de Goiás.	13
Mapa 2 - Localização do município de Campo Alegre de Goiás em Goiás. Fonte: EMATER	17
Tabela 1 – Quadro de Entrevistas	38
Tabela 2 - Aspectos demográficos de Campo Alegre de Goiás.	61

1. Introdução

Foto 1 - Vista do rio São Marcos a partir da propriedade do senhor Álvaro Honorato, atingido pela barragem. Após a instalação da barragem toda a mata em torno do rio foi submersa¹.

Amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem.
Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são
tranquilos e escuros como os sofrimentos dos homens.
Amo ainda mais uma coisa de nossos grandes rios: sua eternidade.
Sim, rio é uma palavra mágica para conjugar eternidade.”
(Guimarães Rosa)

Neste estudo tratamos das experiências contemporâneas de trabalhadores rurais que foram atingidos pela construção da usina hidrelétrica Serra do Facão². A

¹ Fotografia tirada pela autora em jan. de 2009. Pertence ao acervo do Centro de Referência (UFU/UFG) e ao Diversitas- USP.

² Constituída como Sociedade de Propósito Específico (SPE), formada pela Eletrobrás Furnas, Alcoa Alumínio S.A., DME Energética e Camargo Corrêa Energia S.A., a Serra do Facão Energia S.A. (Sefac) é a responsável pela implantação do Aproveitamento Hidrelétrico Serra do Facão, composto pela Usina Hidrelétrica Serra do Facão e linha de transmissão. A participação da Eletrobrás Furnas na composição acionária é de 49,47%, a Alcoa Alumínio S.A. responde por 34,97%, a DME Energética por 5,47% e a Camargo Corrêa Energia S.A. por 10,09%. Localizada no Rio São Marcos, entre os

questão central foi analisar o processo de desapropriação e adaptação de uma comunidade rural do sudeste goiano, que teve seu modo de vida alterado pelo empreendimento que provocou, além de especulação imobiliária, um novo processo de organização justificada por outra configuração social e econômica. Os seis municípios atingidos foram Catalão, Ipameri, Cristalina, Davinópolis, Campo Alegre de Goiás, em Goiás e Paracatu, no triângulo mineiro, Minas Gerais.

No mapa a seguir é possível verificar a delimitação do reservatório da usina hidrelétrica e os municípios afetados.

municípios de Davinópolis e Catalão (GO), a Usina Hidrelétrica Serra do Facão tem uma potência instalada de 212,58MW, suficiente para suprir a demanda de energia de uma cidade com 1,2 milhões de habitantes. Disponível em: <<http://www.sefac.com.br>>. Acesso em: 15 out. 2012.

Mapa 1 - Delimitação do reservatório da UHE Serra do Fação e os municípios limítrofes. Fonte: Superintendência de Estatística, Pesquisa e informação de Goiás. Fonte: Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação de Goiás.

Entre os anos de 2009 e 2010 trabalhei em uma pesquisa responsável pelo Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural³, na qual, junto com uma equipe multidisciplinar⁴, fiz entrevistas, fotos e filmagens com parte das 420 famílias atingidas por uma barragem em construção no sudeste goiano. O objetivo foi documentar as práticas culturais, suas permanências e ressignificações, por meio da

³ O Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural é um das vinte e cinco medidas impostas pelo governo para a instalação de um empreendimento hidroelétrico. A cada etapa destes programas, o governo emite uma Licença de Operação correspondente com a etapa do programa. Estas medidas abarcam estudos ambientais de solo, peixes, comunidades afetadas, flora, fauna, rio e afluentes.

⁴ Esta equipe multidisciplinar era composta por cientistas sociais, historiadores, biólogos, arquitetos, geógrafos, arqueólogos, arquitetos, conforme previsto em contrato entre a Universidade Federal de Uberlândia e a empresa gerenciadora do empreendimento hidroelétrico Camargo Corrêa Energia.

história oral de vida, de modo a registrar a memória dos camponeses com vistas à preservação do patrimônio histórico cultural⁵.

Para a primeira etapa da pesquisa a equipe considerou o que determina o IPHAN ⁶ – Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Nacional – e privilegiou construir um instrumento de pesquisa de fenômenos culturais, a fim de identificar as manifestações que representam traços marcantes do universo sob influência do empreendimento hidrelétrico. A cultura é parte integrante do contexto histórico, e suas práticas e representações são, portanto, importantes elementos para conhecer a dinamicidade da cultura local, e estabelecer através das entrevistas e histórias de vida, a história local pelo ponto de vista dos sujeitos sociais afetados uma determinada sociedade.

Finda esta primeira etapa de pesquisa, parecia inevitável investigar se o que se planejava com a chegada da barragem seria o que os atingidos por ela de fato viveriam. Sentimos a necessidade de iniciar outra ramificação desta pesquisa e incluir diferentes realidades e experiências que ainda não apareciam naquele momento. Neste contexto, fomos buscar nos próprios atingidos pela barragem discursos e interpretações sobre o que representou para eles a instalação da usina hidrelétrica, pois a versão oficializada e divulgada pelas mídias locais eram de que a usina hidrelétrica representava um progresso para a região, conforme publicou este jornal, o discurso era de que,

A Usina Hidrelétrica Serra do Facão é um dos maiores empreendimentos em construção nos estados de Goiás e Minas Gerais. A geração de empregos diretos e indiretos, a movimentação

⁵ Organizamos o material produzido em um Centro de Referência localizado na Universidade Federal de Uberlândia e na Universidade Federal de Goiás, no campus de Catalão (UFU/UFG), divulgamos o resultado das pesquisas em um livro e em um vídeo documentário intitulado de São Marcos do Sertão Goiano. O filme foi premiado na mostra de curtas do Triângulo Mineiro em dezembro de 2012. O Centro de Referência e o vídeo documentário não são parte das medidas compensatórias ou condicionantes para a instalação da barragem. Ambos são resultado de uma iniciativa do grupo responsável pelo projeto, pensando em facilitar futuras pesquisas sobre o processo de instalação da usina. No Centro de Referência é possível acessar as entrevistas em áudio, as transcrições, uma ficha de cada entrevistado com resumo e tópicos tratados nas entrevistas, documentação coletada ao longo da pesquisa, um banco com mais de três mil fotos catalogadas e material de uso da comunidade ribeirinha atingida.

⁶ O IPHAN recomenda a realização de um inventário das referências culturais das comunidades, valorizando as práticas, os saberes e a cultura local como um todo, percebendo-as como próprias e/ou peculiares de cada grupo social. Cf. Ofício n. 0233/2001 – GAB/DID/IPHAN de 13/09/01. Disponível em: www.portaliphan.gov.br/cultura. Acesso em fev. 2013.

financeira na região e o aumento da receita municipal têm dinamizado a economia dos municípios da área de influência da Usina hidrelétrica Serra do Facão. A construção da obra e a execução dos programas socioambientais demandam o aproveitamento de mão de obra local, seja em empregos gerados diretamente pelo empreendimento, seja pela contratação de serviços terceirizados (...). Esta é mais uma das razões que fazem com que os moradores das cidade do entorno da barragem a queiram em seus municípios.⁷

Mais que um estudo de mudança social existem discursos de mundos antagônicos: de um lado, estão os valores do chamado progresso, duplamente representado na necessidade de grandes empreendimentos energéticos e na visão dos técnicos elaboradores dos programas de relocação e indenização, defensores das benesses que a empresa trará para estes ribeirinhos e região. Acreditam estes técnicos, que um novo território de moradia, casas com revestimento de azulejos, energia elétrica, água encanada, saneamento básico, representaria uma justa e total compensação das perdas impostas à população ribeirinha afogada⁸ pelo barramento. De outro, estão os valores de tradição e do cotidiano⁹, do modo de vida tipicamente rural dos habitantes das margens do rio, cujas referências, temporais e espaciais pautam-se nos próprios ciclos na natureza.

Nesse panorama, a História Oral surgiu como uma prática capaz de inserir o sujeito nos discursos dominantes que os excluem. Basendo-nos na concepção de Silvia Cusicanqui Riveva¹⁰, para quem as fontes orais são um instrumento de luta política contra estes discursos dominantes, consideramos fundamental recorrer a esta

⁷ Informativo Sefac. Abril, 2009. Ano III. Jornal bimestral. Disponível em: http://www.sefac.com.br/index.php?arg=geracao_empregos. Acesso em: 05 de fev., 2014.

⁸ O termo afogado denomina a comunidade que foi afetada pela usina hidrelétrica e também o rio, que teve suas margens afogadas. Este termo é usada pelos colaboradores entrevistados e no vídeo documentário Tocantins: rio afogado, 2009. Universidade Federal do Paraná.

⁹ “A noção de cotidiano se verifica no espaço social, que compreende a produção do ser humano de seu próprio modo de existir. É no estudo deste cotidiano que se verifica mecanismos de controle e as estratégias de sobrevivência. O cotidiano engendra a contradição, e por isso, nele se evidencia a luta de classe, da resistência espontânea e da resistência organizada, do confronto com o sistema, da cultura das classes trabalhadoras, das constituições das redes de solidariedade e de conflitos. O cotidiano é tempo da extinção e da criação, nele se processa as condições para as atividades do dia a dia e da reprodução da vida social.” LEFEBVRE, Henri. A teoria das formas. IN: *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática. 1991. p 193.

¹⁰ RIVERA, Silvia Cusicanqui. Invisible realities: internal markets and subaltern identities. In: *Contemporary Bolivia*. Disponível em: <www.sephis.org/pdf/cusicanqui.pdf>

metodologia, com o intuito de investigar os aspectos do vivido, os valores e as trajetórias pessoais, como elementos reveladores dos processos históricos no nível da micro-história.

Uma vez desapropriada a área e os moradores compulsoriamente deslocados, retornamos em 2013 à mesma comunidade para realizar um novo conjunto de entrevistas, com o objetivo de verificar as mudanças no modo de vida destes ribeirinhos. Três anos após a instalação da barragem, algumas famílias permaneceram na zona rural, outras migraram para as cidades. Nesta pesquisa trabalhamos com as famílias que permaneceram ou que retornaram para a zona rural após a tentativa de adaptarem-se na cidade.

Tivemos múltiplos encontros com cada um dos colaboradores, que narraram suas histórias em pelo menos dois momentos distintos, sendo uma antes do barramento do rio, no correr dos anos de 2009 e 2010 e o segundo conjunto de entrevistas em dezembro de 2012 e janeiro de 2013, três anos após a instalação da barragem. As entrevistas realizadas em 2009 tinham o empreendimento em construção em vias de ser concluído, porém anterior ao deslocamento compulsório que ocorreu no final daquele ano.

Nesta segunda etapa da pesquisa, realizamos mais dezoito entrevistas, porém tomamos como recorte analítico as famílias remanescentes ou as famílias retornadas a terra, sendo assim, selecionamos seis histórias de vida, todos moradores das beiras do rio São Marcos, localizados na zona rural do município de Campo Alegre de Goiás.

Mapa 2 - Localização do município de Campo Alegre de Goiás em Goiás. Fonte: EMATER

O número de entrevista e seu teor instruíram a continuação e a escrita deste trabalho. A escolha destas histórias permitiu verificar as mudanças sentidas por aqueles que permaneceram ou retornaram para sua região. Cada indivíduo percebeu as mudanças, formulou ou revisou seus valores e, o conjunto destas narrativas, que compõe um todo, delineia a memória coletiva.

A seleção destas seis entrevistas se deu em razão das histórias, de modo geral, começarem a trazer elementos comuns e evidenciarem semelhantes experiências frente ao que viveram estes atingidos. Neste leque de seis entrevistas foi possível captar experiências diversas dentro de um mesmo contexto social, onde o que une estes colaboradores¹¹ além da região em que vivem é o fato de serem todos atingidos pela barragem do rio São Marcos.

¹¹ Colaboração ou colaborador são termos usados como resultado de propostas de um tipo de história oral que advoga a participação conveniada de partes que se dispõem a produzir um trabalho de pesquisa de fundo social. Nessa linha, colaborador é um termo que supera outras referências, como atores sociais, informantes ou objeto de pesquisa. O uso do conceito colaboração fundamenta-se em procedimento ético e remete ao respeito com o entrevistado que não merece ser visto como objeto. O termo adequado é de co-laborar, de trabalhar juntos. O narrador é autor da sua história assim como o historiador que reconta de forma escrita o discurso de sua memória. Essa história contada será recontada ao ser registrada. “Há um dono da história, que quer se reconhecer em sua história contada, que foi recontada”, disse o professor Sebe, ressaltando a importância do historiador respeitar o processo narrativo dado pelo sujeito, ou seja, não substituir as expressões populares dos narradores pela norma culta utilizada pela academia. MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. A prática em História Oral. In: *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2011. P. 51

Independentemente da existência de documentos, as entrevistas foram necessárias em razão das versões, diferentes da história oficializada e divulgada pelo empreendimento e pela mídia local, elas ainda possibilitam um estudo sobre a memória, a construção da identidade e formulação de uma consciência comunitária¹².

Importante pontuar que aquele sertão de Goiás não é um espaço estático, e sim passou por inúmeras mudanças físicas, econômicas e culturais. Porém a instalação da usina hidrelétrica Serra do Facão é mais um marco visível e o fato que define e periodiza nossa pesquisa. A região foi profundamente modificada com o crescente agronegócio, o investimento de multinacionais no plantio e exportação de soja que não é típica do cerrado, a instalação de multinacionais que priorizaram uma agropecuária exportadora e transformaram o cerrado em terras produtivas e lucrativas para seus negócios e a construção de Brasília. A própria cultura é um processo dinâmico, não é nossa intenção desqualificar as mudanças prévias a chegada e instalação da barragem, pois elas são inerentes à própria história.

O projeto inicial desta pesquisa passou por reformulação. A princípio a proposta era analisar o que foi planejado e o que foi efetivamente vivido pelas famílias atingidas pela UHE Serra do Facão que se mudaram da zona rural para as cidades na região. Porém estas famílias não residem mais nos endereços de destino pós deslocamentos, muitas delas se mudaram para outras regiões e outros estados. Diante da inviabilidade de reencontrá-las, foi importante reformular e repensar sobre a comunidade que seria viável reencontrar para novas entrevistas, sendo assim, nesta segunda etapa da pesquisa realizamos mais dezoito entrevistas, porém tomamos como recorte analítico as famílias remanescentes ou as famílias retornadas a terra¹³.

Como prevê um projeto em história oral, é importante ouvir as partes envolvidas, tanto os atingidos pela barragem quanto a empresa, para tal pretendíamos entrevistar também um representante do empreendimento, se possível o responsável pelo acompanhamento das medidas compensatórias para a comunidade atingida. Porém, depois de algumas tentativas, não conseguimos retorno.

É sobre este trabalho e sobre essas experiências que fizemos algumas reflexões. Para tanto, dividimos o trabalho em quatro partes. Na primeira delas, apresentamos a pesquisa e os caminhos trilhados para sua realização. Propusemos

¹² MEIHY, J. C. Sebe; HOLANDA, F. *História Oral: como fazer, como pensar*. P. 24

¹³ Por retornada à terra entendemos as famílias que tentaram a vida na cidade e por alguma razão, diante da impossibilidade de permanência, retornaram para o campo.

uma discussão bibliográfica e descrevemos a história do projeto. Ainda nesta primeira parte, apresentamos as fontes documentais utilizadas e justificamos a escolha do uso de história oral de vida como escolha metodológica nesta pesquisa.

O trabalho é composto por seis histórias de vida e suas respectivas análises. A partir das narrativas apresentamos este cenário rural, e fizemos uma discussão a partir das práticas do plantar, colher, comer¹⁴ e festejar, presente nas histórias de vida. Práticas estas que nos levam a refletir sobre, suas táticas e astúcias que lhes permitem viver a arte de fazer¹⁵ e suas tradições e (des)enraizamento destes moradores do sertão de Goiás. Neste espaço rural o homem do campo vem lutando para manter sua identidade e articular seus valores, crenças, práticas e costumes.

Apresentamos estes sujeitos que vivem margeando o rio São Marcos e as formas como dividem o trabalho e organizam suas vidas. Estas entrevistas nos revelaram as consequências das desapropriações no seu modo de vida, a nova inserção social desse grupo, novo campo de trabalho, a agregação ou desagregação familiar e, por fim, a sociabilidade vivida pelo homem do campo. Portanto, procuramos analisar as tradições resignificadas por estes camponeses que tem o seu próprio jeito de compreender a modernidade.

Procuramos, neste trabalho dar conta dos desafios propostos à nossa geração de historiadores, pontuando as escolhas realizadas, seguindo uma trilha apontada por Foucault:

O intelectual me parece atualmente não ter tanto o papel de dizer verdades proféticas sobre o futuro. Talvez o diagnosticador do presente (...) possa tentar fazer as pessoas perceberem o que está para acontecer, exatamente nos campos em que o intelectual talvez seja competente. Pelo gesto mínimo que consiste em deslocar o olhar, ele visibiliza o que é invisível, faz aparecer o que está próximo, tão imediato, tão intimamente ligado a nós que, exatamente por isso, não o vemos¹⁶.

Nas palavras finais pretendemos apontar trilhas de pesquisa e reflexões para estudos futuros. Todo material produzido por esta pesquisa será doado ao Centro de

¹⁴ Este nome remete ao título do livro de Carlos Rodrigues Brandão, *Plantar, colher e comer: um estudo do campesinato goiano*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1981.

¹⁵ A referência para refletir sobre táticas, astúcias e a arte de fazer é de: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

¹⁶ GROS, F. (org.). *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 22.

Referência da Universidade Federal de Uberlândia e da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, visando auxiliar futuras pesquisas e o acesso a este material pelos colaboradores do sertão goiano. e ao Diversitas – Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerância e Conflitos – USP - visando auxiliar futuras pesquisas e o acesso a este material pelos colaboradores do sertão goiano.

1.1 Sobre a região e os caminhos da pesquisa

A região de Goiás, especificamente onde se localiza o município de Campo Alegre de Goiás, no início do século XX, a maior riqueza que encontraram foi a natureza exuberante do cerrado. A Serra do Facão, por onde passa o rio São Marcos e um rico manancial de águas, onde se localiza a instalação das comportas da barragem. Antes da chegada dos trilhos de trem a cidade fazia parte do município de Catalão. Em 1870 o povoado que beirava o rio São Marcos foi desmembrado, dando origem a cidade de Campo Alegre de Goiás.

Nas primeiras décadas do século XX, a rede ferroviária de Goiás promoveu um impulso urbanizador na cidade e região, a partir de 1950, a pavimentação da rodovia GO 213 e BR 050, a cidade teve um alto investimento agropecuário com plantio e escoamento de grãos¹⁷. Até por volta de 1970, Goiás permaneceu com a maior parte de sua população residindo em áreas rurais¹⁸.

O sertão de Goiás foi descrito no século XIX como lugar das vastas solidões por Saint-Hilaire. Na escuridão da noite no cerrado, o viajante descreve em seu diário suas impressões sobre o atraso desta província, segundo ele, as terras eram consideradas de boa qualidade e havia minerais que trariam chance de desenvolvimento para a região, porém a distância que a separa do litoral tornava quase impossível a chance de investimento na produção para exportação. O esgotamento de jazidas minerais, segundo ele, é a causa pela qual cresce na região do sudeste goiano a aspereza de viver em regiões isoladas e pobres¹⁹.

¹⁷ Segundo os dados do IBGE, os municípios de Campo alegre de Goiás juntamente com sua vizinha Ipameri produziram em 2008, 82,75% do algodão e 60,02% da soja colhida na região. Essa agricultura, juntamente com a pecuária, tem sido a base da economia local. <http://www.seplan.go.gov.br/sepin>. Acesso em 12 de junho de 2013.

¹⁸ Disponível em: IBGE. <http://seculoxx.ibge.gov.br/>. Acesso em 12 de junho de 2013.

¹⁹ SAINT-Hilaire. Op. Cit. p. 76.

A região do sudeste de Goiás foi se transformando, na medida que as cidades criadas no seu entrono passaram a redesenhar uma nova geografia econômica e social. Um dos primeiros investimentos que conectou Goiás Velho com o restante do país ocorreu no início do século XX, com a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro da Rede Mineira, que se interligou à Estrada de Ferro de Goiás e ambas com outras malhas viárias, conectando o sul e o sudeste goiano à São Paulo, tendo como caminho o Triângulo Mineiro²⁰.

O projeto do governo Vargas, intitulado Marcha para o Oeste foi uma decisão tomada na década de 1940, com o propósito de interligar o Brasil central a um Brasil que se propunha nacional. Estradas, escolas, hospitais, aeroportos, usinas de beneficiamento, exploração de minérios, núcleos industriais, cerâmicas, curtumes, frigoríficos abrem novas perspectivas para aquela região, além disso, há que se considerar a construção de Goiânia em 1942, a Capital do Estado como uma cidade planejada, o investimento na Usina Hidrelétrica de Cachoeira Dourada em 1958, a inauguração de Brasília em 1961 e a pavimentação de BR-050, todos esses fatores interferiram na dinâmica da região²¹.

Durante o chamado Estado Novo, o potencial dos grandes rios do sertão goiano não mais passaria despercebido. A extração dos preciosos recursos naturais, já descrito por Saint-Hilaire no século XVIII, e também os recursos humanos do sertão assegurariam a prosperidade da nação. Como justificava o próprio Vargas:

o nosso Brasil, um país tão rico de recursos naturais e um povo único como o nosso, não precisa olhar para além do seu próprio quintal esquecido. “Temos muitos vales férteis e vastos no sertão goiano, que pedem para serem explorados, com o objetivo de enriquecer ainda mais tal região tão rica e fértil, de onde os instrumentos de nossa defesa e do nosso progresso industrial serão sabiamente alimentados”²².

²⁰ VILLALTA, Luiz Carlos (Org.) *História das Minas Gerais: as minas seiscentistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. V.1.

²¹ LENHARO, Alcir. *Colonização e trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro Oeste*. Campinas, SP: Educamp, 1985.

²² Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Goiânia*. Rio de Janeiro, 1942, p. 196. Disponível em : <http://biblioteca.ibge.gov.br/links.html>. Acesso em 15, jan. 2014.

A chegada deste progresso, almejado por Vargas delineava uma nova proposta de crescimento para o país²³. Com o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) um novo ritmo se estabeleceu. Toda essa transformação prevista para os projetos, que pelo menos no discurso era desenvolvimentistas, afeta os lugares antes bucólicos, os sertões, o rural e o agrário. O desejo do progresso não era um sonho isolado de J K, dele partilhavam milhares de brasileiros moradores das cidades ou das zonas rurais. Tal fato só foi possível pela criação de uma determinada infraestrutura, como as redes transmissoras de energia que integravam lentamente a paisagem do cerrado e dos vários rincões do interior do Brasil aos grandes centros do país²⁴.

O Plano de Metas desse governo dobrou a produção industrial brasileira, instalou a indústria automobilística, rasgou quilômetros de estradas de rodagem e desbravou o cerrado fechado, com o objetivo de instalar a nova capital do país, Brasília. A pouca atenção dada aos problemas agrários repercutiu na escassez, no aumento dos preços dos produtos alimentícios, no aumento das tensões sociais e na intensificação da migração rural para as cidades²⁵.

Ainda sob o discurso desenvolvimentista, os governos militares (1964-1985) desencadearam novas transformações nesse cenário, substituindo as picadas e os trieiros²⁶ por homens e máquinas que desbravavam o sertão goiano. Muitos dos moradores do campo não acreditavam que o poder divino das chuvas pudesse ser reproduzido pelo ir e vir dos pivôs centrais que tornaram o cerrado uma enorme fábrica de grãos²⁷ que redesenhou a paisagem rural. Soja, café, milho, algodão e

²³ MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Cultura popular e desenvolvimentismo em MG: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985)*. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

²⁴ ABREU, José Marcelo de. O novo rural brasileiro. IN: ORTEGA, Antônio César (Org.). *Agricultura, meio ambiente e sustentabilidade do cerrado brasileiro*. Uberlândia: EDUFU, 1997. P. 75.

²⁵ Ver: RODRIGUES, Marly. *A década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil*. São Paulo: Ática, 1992; BARBOSA, Francisco de Assis. *Juscelino Kubitschek: uma revisão na política brasileira*. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988; BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. *O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. JAGUARIBE, Hélio. *Sociedade, mudança e política*. São Paulo: Perspectiva, 1975; WEFFORT, Francisco. *Democracia e movimento operário: algumas questões para a história do período 1945-1964*. *Revista de Cultura Contemporânea*, n. 1, 1978.

²⁶ Trieiros – são trilhas traçadas por carros de bois e cavalos que serviam como caminhos construídos pelos homens da zona rural para se comunicarem e/ou escoarem sua produção. BRANDÃO. Carlos R., *O vento de agosto no pé do ipê*. Escritos do sertão. Goiânia: Editora da UCG, 2005. p.25.

²⁷ Para aprofundamento sobre os planos e projetos econômicos voltados para os cerrados ver: GONÇALVES NETO, Wenceslau. *Estado e agricultura no Brasil: política agrícola e modernização econômica brasileira (1960-1980)* São Paulo: Ed. Hucitec. MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Cultura e*

pecuária extensiva coloriram de diversas tonalidades a terra antes considerada improdutiva²⁸.

As transformações espaciais, decorrentes da almejada reestruturação produtiva do país promoveram mudanças significativas no campo brasileiro. O custo social e ambiental é cada vez mais evidente de acordo com as desapropriações em função deste tipo de empreendimento. O país passou a consumir mais energia, o que consequentemente, exigiu investimentos para gerá-la.

A esse respeito, vale assinalar a experiência da Comissão Mundial de Barragens (CMB), criada em abril de 1997 com o objetivo de avaliar as barragens construídas no mundo. A CMB envolveu a participação de representantes da indústria, analisou o Relatório Final “Barragens e Desenvolvimento – uma nova estrutura para o processo de decisão”²⁹ que foi elaborado a partir da construção de um consenso, considerando os diversos fatores sociais envolvidos. Neste contexto, Alberto Sayão³⁰, doutor em engenharia civil, especialista no assunto de construção de barragens, denuncia que as obras de engenharia para construção de barragens deveriam considerar os efeitos e os impactos ambientais e sociais, que, frequentemente privilegiam apenas os interesses privados e das concessionárias elétricas em detrimento dos interesses ambientais e sociais.

Desenvolvimentismo em MG: caminhos cruzados de um mesmo tempo. Universidade de São Paulo, 1998. Tese. (Doutorado em História) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. *Ação do Estado e as transformações agrárias no cerrado das zonas de Paracatú e Alto Paranaíba - MG.* Rio Claro: UNESP, 1988. (Tese de doutorado).

²⁸ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *No rancho fundo: espaços e tempos no mundo rural.* Uberlândia: EDUFU, 2009.

²⁹ O Sistema Elétrico brasileiro apresenta perdas técnicas da ordem de 15%. São perdas da ordem de 54 milhões de MWh (ou 54 bilhões de quilowates-hora) que ocorrem desde a eletricidade é gerada nas usinas, passando pelas linhas de transmissão e redes de distribuição até chegar na tomada do consumidor final. Se o Brasil adotar um índice de perdas de 6%, que é índice aceitável considerado como padrão internacional, o sistema elétrico teria um acréscimo de disponibilidade de energia elétrica de 33 milhões de MWh, equivalente ao que produz durante um ano uma usina hidrelétrica de 6.500 MW de potência instalada (ou mais da metade da Usina de Itaipu, que possui 12.600 MW). Os custos necessários para promover esta redução das perdas consistem basicamente no melhor isolamento nas linhas e na substituição de equipamentos antigos ou defeituosos, como os transformadores. Ações que não estão sendo feitas na frequência e na amplitude que a atual situação exige. Elas representam custos muito menores do que os investimentos para a construção de novas usinas. A proposta de redução das perdas, se tivesse sido considerada pelo governo antes da crise, permitiria que o racionamento imposto à sociedade brasileira tivesse proporções bem menores, não superior a 10%. O sacrifício, portanto, seria da metade do que foi definido pelo governo durante os meses de junho a dezembro de 2000. Disponível em: http://www.dams.org/report/wcd_sumario.htm Acesso em 10 set. 2012.

³⁰ Alberto Sayão é doutor em engenharia civil, professor da PUC-RJ (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) e ex-presidente da ABMS (Associação Brasileira de Mecânica dos solos e Engenharias Geotécnicas), além de autor de obras sobre o tema.

1.2 Problematização e discussão bibliográfica

As narrativas são marcadas pela dramaticidade de um processo de expropriação e experiências de luta, permanência e retorno a terra. Para compreender o processo pelo qual a comunidade passava, duas posições foram fundamentais: a de José de Souza Martins³¹ (1986, 2008), que trata da singularidade do homem do campo e das relações existente entre eles. Martins explica, dentre outras questões, o processo excludente intrínseco ao capitalismo e o desenraizamento e suas consequências sociais, e a de Zilda Iokoi, (1999) sobre a forma como se promove atualizações no campo sem alterar as estruturas de dominação, ou modernização sem mudanças³².

Para esta pesquisa, atentamo-nos nos detalhes das narrativas, aos sinais³³, lamentos e nostalgia que faz parte da vida cotidiana do homem do campo, tão sujeito as desafios naturais para plantar, colher, comer e viver. Estes narradores possuem várias formas de expressar-se, e explicar, a sua maneira, como vivem, sentem e legitimam sua existência, no mundo no qual estão inseridos. Sendo assim, a história cultural se faz importante, porque, como afirma Chartier: a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler³⁴.

Trabalhar com cultura popular, impõe alguns desafios, isto por que muitas vezes, o termo é usado como significado de uma cultura pura, que se auto-resguarda,

³¹ As obras que nos referimos são: MARTINS, José de Souza. *Não há terras pra plantar neste verão*. Petrópolis: Vozes, 1986; MARTINS, J. de Souza. *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo: HUCITEC, 2008.

³² IOKOI, Zilda Grícoli. Violência e barbárie na era da globalização. P. 596. In: *Simpósio Nacional de História*. História: Fronteiras/ Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP: ANPUH, 1999. P. 591-608.

³³ Emprestamos de Ginzburg o termo sinais e toda a referencia teórico-metodológica que o autor aplica, na perspectiva do historiador permitir-se, a partir do banal e do considerado insignificante, tecer sua trama histórica. CF. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das letras, 1989, p. 143, 217.

³⁴ CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Diefel, 1990, p. 16-17.

diferente de outra cultura forjada pelas classes hegemônicas³⁵. Apoiadas por estas leituras pensamos que cultura popular não é algo mais puro ou que, se opõe ao poder estabelecido. Enquanto fruto das experiências humanas, a cultura se constrói e se elabora a partir delas, e está em constante movimento, estabelecendo relações diversas com práticas, valores, costumes e situações, ora de aceitação, ora de resistência.

A cultura popular tem seus sujeitos específicos, como escreveu Maria Clara Machado³⁶, os profissionais da nova história social ou da cultura, elegeram, em sua grande maioria, como sujeitos desta história, as pessoas comuns, intituladas por gente modesta, de classes subalternas. Ginzburg as denomina de classe trabalhadora e Thompson de excluídos sociais. A tentativa destes historiadores é de demonstrar de que modo a experiência social de pessoas comuns são relevantes para a compreensão do processo histórico. Thompson e Michelle Perrot tem comprovado através de seus trabalhos que é possível refletirmos sobre a experiência social de sujeitos históricos até então ausentes na narrativa histórica, por suas práticas cotidianas.

Os autores Hobsbawm (1970, 1998), Thompsons (1998) e Santos (2002), contribuem para as análises sobre a função do historiador e o modo de interpretar e analisar os acontecimentos no âmbito da historiografia. Os autores João Guimarães Rosa (1965, 1962) e Carlos Rodrigues Brandão (2005), cada um, a sua maneira, e em seu gênero literário, descrevem este cenário, ambos grandes conhecedores dos sertões, suas belezas e histórias

O sertão descrito por Guimarães Rosa não tem limite geográfico, ainda que dele se extraia a sua matéria-prima. O sertão aparece como uma forma de aprendizado sobre a vida e sobre a existência do homem, “O sertão é o mundo”³⁷. A narrativa de Rosa tem uma linguagem própria do sertanejo, linguagem esta foi preservada na transcrição das histórias neste trabalho.

Esteticamente, estes narradores, colaboradores desta pesquisa, nos remetem a alguns dos quadros de caipira de Almeida Junior³⁸, como por exemplo, a obra Caipira

³⁵ CHAUÍ, M. *Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. 2ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 24. Ver também da mesma autora Notas sobre cultura popular. In: *Cultura e democracia; o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Moderna, 1982.

³⁶ MACHADO, Maria C. *Cultura popular: em busca de um referencial conceitual*. In: Cadernos de História. Uberlândia – UFU/ Laboratório de ensino e aprendizagem em História, v.5, 1994, p. 76

³⁷ ROSA, João Guimarães. *Noites do sertão: corpo de baile*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

³⁸ O ciclo de pinturas caipiras de Almeida Júnior desloca o foco da definição do tipo regional para um contexto nacional dotando a representação do camponês do interior paulista. Nascido em Itu, o artista demonstra familiaridade com o assunto que representa, registrando com atenção descritiva as

picando fumo³⁹. Na imagem, o homem caipira, faz seu fumo de palha, com os pés descalços, vestimentas simples, um olhar expressivo, sentado a porta de uma casa tipicamente vista no sertão goiano.

Foto 2 : Casas típicas dos moradores do sertão goiano⁴⁰.

Grande parte das residências que encontramos nas comunidades rurais são construções antigas, conforme visto na foto a cima. Estas casas são, provavelmente construídas nos anos 1920, cuja a arquitetura segue os padrões da época. Foram construídas pelos próprios moradores com a ajuda de parentes e vizinhos. Todo o material utilizado advém da própria natureza⁴¹.

vestimentas, a aparência das construções e utensílios desses personagens. Essas pinturas ganham interesse se vistas em contraposição aos retratos produzidos pelo artista, que configuram um verdadeiro confronto entre o homem do campo e o homem da cidade.

39 Óleo sobre tela, Caipira picando fumo, 1893. Itu, São Paulo. Obra em exposição na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Transferido do Museu Paulista.

⁴⁰ Fotografia tirada pela autora em jan. de 2009. Pertence ao acervo do Centro de Referência (UFU/UFG).

⁴¹ SCHETTINO, Marcos Paulo Fróes. *Espaço do sertão*. 1995. Dissertação de mestrado – Universidade de Brasília, Brasília.

Muitas cozinhas nas quais entramos e em algumas delas fizemos entrevistas, pareciam saídas da obra, *Cozinha Caipira*⁴², do mesmo autor. Bancos artesanais feitos pelo próprio morador da fazenda, fogão a lenha, carne e pele de porco pendurada no jirau⁴³, pilão, galinha na porta da cozinha. As vestimentas, a aparência das construções e utensílios desses personagens representados no conjunto de pinturas caipiras de Almeida Júnior foram frequentemente encontrados no cotidiano destes homens rudes, flagrados em atividades corriqueiras nas casas em Goiás.

O contato com estas pessoas foi uma lição fundamental para toda a nossa vida pessoal e profissional. Tivemos com este trabalho, a intenção de retribuir todo este aprendizado e acolhimento que vivemos ao longo de toda nossa inserção no campo, totalizando um convívio de cinco anos, entre idas e vindas para a pesquisa. Aprendemos a amar estas pessoas pelo que elas são e pelo que elas nos ofertam na convivência diária, deixando de lado todos os rótulos discriminadores que tentam classifica-las em subcategorias, supostamente inferior a outras classes privilegiadas econômica e socialmente.

A autora Bosi escreve que a observação mais completa dos fenômenos para uma pesquisa é a do observador participante. Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa, ainda, segundo a autora, “não basta a simpatia (sentimento fácil) pelo objeto de pesquisa, é preciso que nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência e nas condições de vida”⁴⁴.

É com este amor que justificamos a escolha de manter as falas da forma mais fidedigna possível. É uma opção consciente, política e declaradamente parcial. Como escreveu Guimarães Rosa: “a vida e a língua são uma coisa só”. Cada palavra dita faz referência a um modo de viver e de resignificar o mundo, corrigi-las para o padrão

42 Óleo sobre tela, *Cozinha caipira*, 1895. Itu, São Paulo. Obra em exposição na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Transferido do Museu Paulista.

43 Jirau é o nome atribuído a uma estante ou corda fixada no alto o fogão a lenha, já próximo ao telhado, sobre a parte mais aquecida do fogão. Neste jirau, os camponeses colocam carne de porco e de vaca penduradas de forma a esta carne ter contato direto com a fumaça do fogão a lenha, passando assim, Segundo eles, por um processo de defumação, que proporciona, além de maior durabilidade, mais sabor aos alimentos, dispensando assim temperos para carne, que são feitas apenas com sal.

⁴⁴ Op. Cit. p. 38

culto da língua, seria supor uma superioridade, com a qual não partilhamos. A língua é também um fator de inclusão e pertencimento a um grupo⁴⁵.

O autor José Saramago, diante da diversidade do português, afirma: “Não há uma língua portuguesa, há línguas em Português”. “No filme Língua: vida em português, de Victor Lopes a cantora Teresa Salgueiro afirmam que falamos a mesma língua, mas ela não é falada da mesma maneira”. O autor Mia Couto, faz referência ao caráter dinâmico da língua portuguesa, que permite que ela aceite muitas variações e traduza muitas culturas, neste mesmo documentário sobre vidas em português explicou: “No fundo, não estás a viajar por lugares, mas sim por pessoas”.

O que importa é a memória armazenada na língua, pois a forma de se expressar é a condensação da história de um povo, das suas influências, dos seus desejos, de suas expectativas, de seus preconceitos, do modo de ser sua gente, de sua música, seus ritos⁴⁶. Consideramos importante preservar a forma como os colaboradores desta pesquisa organizaram seu pensamento, quais fatos foram por eles selecionados e as palavras escolhidas para narrar suas histórias de vida, para permitir conhece-los melhor, bem como a sua realidade de morador de um sertão, cravado no interior de Goiás que se viu remexido pelas águas de um rio barrado pela usina hidrelétrica.

A veracidade das narrativas não é fator relevante. Primeiramente porque não existe mentira em História Oral, e segundo porque, não verdades absolutas em história oral, toda história contada carrega elementos da memória de quem conta.⁴⁷

Uma angustia é pensar que, estes que são os narradores colaboradores deste trabalho, jamais poderão ler suas falas transcritas. Isso tenta explicar porque

⁴⁵ “Como a educação ainda é privilégios de muita pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio de uma norma culta. Assim, da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, também existem milhões de brasileiros sem língua. Afinal, se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos de poder – são os sem língua. É claro que eles também falam português, uma variedade de português não-padrão, com sua gramática em particular, que no entanto não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português padrão ou o tomam como referencia ideal” BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. Edições Loyola. São Paulo, SP, p. 16, 2007.

⁴⁶ FIORIN, José Luiz. Línguas, identidades e fronteiras. IN: *Revista Diversitas*. Mar./set. 2013. Disponível em : <http://diversitas.fflch.usp.br/>

⁴⁷ O termo recordadores pegamos emprestado de Ecléa Bosi em *Memórias e sociedade: lembrança de velho*. P.37

algumas vezes, somos tomadas por um tom apaixonado e defensor desta minoria, já tão vitimada pela negligência do poder público e tão sujeitas aos desmandos e imposições desta usina hidrelétrica. Estas entrevistas transcritas, na íntegra, não são tão envolventes e sedutoras quanto às apresentadas pelos colaboradores dessa pesquisa, mas acreditamos que através delas, ficou evidente as suas perspectivas e formas de interpretar a vida.

1.3 Análise documental

Ao longo da pesquisa, desde os primeiros contatos inúmeras vezes, hospedei-me⁴⁸ nas casas dos moradores do sertão goiano que se deslocariam em função da instalação da barragem. Tivemos longas conversas nos fins de tarde, período em que termina a lida no campo e frequentemente os amigos que são os vizinhos, se reuniam. Partilhamos de suas angústias e alegrias, esperanças e incertezas frente ao que estava por vir com a iminente mudança. Partilhamos do alimento que produziam, das histórias e “causos” que fazem parte das narrativas do homem no campo. Também tivemos oportunidade de participar de algumas de suas festividades.

Os suportes utilizados para esta análise foram amplos e exploraram vários tipos documentais. Através das entrevistas, geramos arquivos em áudio, textualizamos e transcriamos narrativas⁴⁹. Este processo consiste em traduzir a entrevista do suporte tecnológico em áudio (língua falada), para um texto conferido e autorizado pelo colaborador para o uso e divulgação na pesquisa (linguagem escrita). A oralidade quando vertida para o escrito congela a realidade narrada, porém muda a dinâmica original.

Para analisar este cenário e obter maior riqueza de informações, ressaltamos a relevância dos dados oficiais do - IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e

⁴⁸ Alguns municípios em que pernoitei para realizar a pesquisa não tem hotéis, pousadas ou hospedarias, sendo a única alternativa aceitar o constante e gentil convite de permanecer na propriedade destes colaboradores.

⁴⁹ Textualizar e transcriar são denominações das etapas do procedimento do uso de História Oral. Na fase de textualização retiramos os ruído e palavras sem peso semântico. A partir da textualização extraímos da entrevista o “tom vital”, que é um recurso que requalifica a entrevista segundo sua essência. Porque se parte do princípio que cada fala tem um sentido geral mais importante, é tarefa de quem estabelece o texto entender o significado dessa mensagem e reordenar a entrevista segundo esse eixo. É o “tom vital,” diz o que pode e o que não pode ser eliminado do texto. MEIHY, J. C. Sebe e HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2011. P. 142.

Estatística; do EIA⁵⁰ - Estudo de Impactos Ambientais; do RIMA – Relatório dos Impactos do Meio Ambiente; dos mapas e paisagens cartográficas.

Além destes, salientamos a importância das fotografias, assim como a narrativa, também informa com suas expressões, estéticas e recursos próprios. A fotografia estimula à lembrança, a reflexão, a reconstituição. Kossoy considera que,

fotografia é fonte inesgotável de informações e emoções. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza enquanto dura, a imagem escolhida e refletida de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior. É também a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: é pois o documento que retém a imagem fugidia de um instante de vida que flui ininterruptamente⁵¹.

Todas as fotografias serão doadas ao Centro de Referência, juntamente com as entrevistas transcritas, assim como em um arquivo de áudio, para contribuir com a coleção de documentos e futuras pesquisas.

Esta opção reforça o compromisso assumido com as pessoas de tornar suas histórias públicas e segue a prática de pesquisa indicada pelo Núcleo de estudo de História Oral – NEHO/USP, que enfatiza a importância das narrativas serem disponibilizadas integralmente. Este movimento de valorizar as experiências dos sujeitos tem sido tema de debate entre as ciências humanas. O trabalho de campo tende a valorizar cada vez mais as questões da subjetividade e do conceito de trabalhar de forma colaborativa⁵².

Todos estes suportes documentais contribuíram para a elaboração deste trabalho. Contamos, por fim, com uma bibliografia e filmografia temática que também deram suporte à análise proposta.

⁵⁰ Estudos de Impactos Ambiental/ Relatório de Impactos ao Meio Ambiente. Nestes Estudos de Impactos Ambientais o objetivo é identificar impactos ambientais, sociais e geográficos, mapear as possíveis espécies afetadas pelo empreendimento. No Relatório de Impactos ao Meio Ambiente o objetivo é de traçar planos e metas como medidas para mitigar seus efeitos impactantes tanto ambientais quanto sociais, neste relatório consta também, além das vinte e cinco medidas compensatórias para a comunidade e ambiente afetados, um plano de metas a serem cumpridos pelo empreendimento pelo período vigente em contrato de acompanhamento as comunidades afetadas e deslocadas de suas propriedade. Disponível em: <http://ibama.gov.br/relatorios>. Acesso em: 01 maio de 2013.

⁵¹ KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática, 1989. P. 3

⁵² MARCUS, G. E. *A estética do trabalho de campo contemporâneo em arte e antropologia*. Simpósio Internacional Ciências Sociais em dialogo. Laboratório de imagem e Som em Antropologia. Disponível em: <http://www.lisa.usp.br/simposio>. Acesso em 23 fev, 2013.

1.4 História Oral: procedimentos e representatividade

A pesquisa teve como colaboradores os moradores do entorno do rio São Marcos, que tiveram suas propriedades atingidas pela usina hidrelétrica Serra do Facão, privilegiando suas memórias e suas histórias. Dessa forma, a história oral tornou-se importante instrumento metodológico para o diálogo com estes protagonistas. Por meio de suas histórias de vida, cada um compôs, a seu modo, uma história contextualizada na totalidade rural goiana, em sua relação com urbano e o rural.

Entendemos que é pelas falas dos entrevistados que podemos interpretar os vários encontros e desencontros de temporalidades distintas e suas tendências, engendradas nas contradições da cultura e das práticas sociais. A exemplo de Alessandro Portelli, concebemos que as entrevistas “lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida das classes hegemônicas. (...) Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas também o que queriam fazer, o que acreditavam estar fazendo e o que agora pensa que fez”⁵³.

As entrevistas com nossos colaboradores permitiram recuperar fatos nem sempre registrados, que estavam presentes apenas em suas recordações. Em muitos casos são narrativas tecidas por meio de experiências individuais e coletivas, permeadas por práticas de cooperação, solidariedade e vizinhança. A autora Ecléa Bosi escreve,

o modo de lembrar é tão individual quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalha-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique para ele. O tempo da memória é social, não só porque é calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar⁵⁴.

⁵³ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: Cultura e representação. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC/SP*, n. 14. São Paulo, 1997. P. 31.

⁵⁴ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 31.

Dentre as definições possíveis sobre a prática da história oral optamos pela proposta teórica José Carlos Sebe Bom Meihy, que considera a história oral um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamentos e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. A história oral é sempre uma história do presente e “reconhecida como história viva”⁵⁵.

Por meio da história oral, movimentos de minorias culturais e discriminadas – principalmente de mulheres, índios, homossexuais, negros, desempregados, pessoas com necessidades especiais, além de migrantes, imigrantes e exilados – tem encontrado espaço para validar suas experiências, dando sentido social aos lances vividos em diferentes circunstâncias. Sendo assim, os colaboradores desta pesquisa podem ser classificados dentro de outra minoria: são eles camponeses e lavradores, os homens e mulheres do campo de baixa renda, analfabetos totais e funcionais, moradores do rincão de Goiás⁵⁶.

Para este grupo de colaboradores, marginalizados e desprezados por outros documentos, a história oral ganha significado ao elucidar as suas experiências do passado através da existência de um narrador do tempo presente, além de possibilitar registrar histórias, contos, “causos”, receitas que não existem em registros escritos.

Neste trabalho, tanto no primeiro quanto no segundo contato, desenvolvemos um referencial metodológico para a realização de entrevistas, ancoradas na metodologia da história oral de vida desses moradores do vale do rio São Marcos. Pela história oral buscamos registrar as experiências dessas pessoas que viveram esse empreendimento e suas consequências, suas impressões do passado e do que está por vir depois da instalação da usina. De acordo com Paul Thompson,

a História Oral pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação. Pode derrubar barreiras que existe entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior, ela é capaz de produzir história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fenomenal, mediante suas próprias palavras⁵⁷.

⁵⁵ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história Oral*. São Paulo, edições Loyola, 2002

⁵⁶ Sobre este tema conferir: THOMPSON, E. P. History from below. In: *The times literary supplement*, abril, 1966, p. 279 – 270; SHARPE, J. *A historia vista de baixo*. In: BURKE, P. (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 40.

⁵⁷ THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Trabalhar com esta metodologia nos permite ir ao encontro de registros que estão na memória dos entrevistados. Considerando que a memória possui uma dimensão dinâmica, pois um entrevistado ao narrar um fato, o submete a uma dupla interpretação sobre o que viveu num determinado momento de seu passado, porém acrescida da perspectiva temporal, ou seja, de suas experiências e avaliações decorridas até a sua própria narração de informações pertencente a ele próprio. Sobre tal questão Santos escreve:

História oral é uma forma de interpretação que volta ao passado e acontece no presente, ou seja, visto a partir de tudo o que se passou na vida da pessoa desde aquele passado até este presente momento. Quem fala faz as escolhas, elenca o que quer dizer e a maneira que quer dizer sobre sua atuação no seu passado ⁵⁸.

Nas entrevistas de história oral de vida, as perguntas devem ser amplas, dando assim ao entrevistado, maior liberdade e autonomia frente a sua narrativa. José Carlos Meihy orienta que as questões sejam elaboradas em blocos de acontecimentos e que o entrevistador use de estímulos a narrativa do entrevistado, ou seja, a participação do entrevistador deve ser de conduzir e estimular, nunca de confrontar.

A história oral torna-se imprescindível quando se quer obter informações não registradas por fontes escritas. Através das entrevistas, pudemos registrar as experiências de cada um nesse processo dinâmico, a experiência pessoal e de uma comunidade é um veículo importante de recuperação e revalorização do próprio indivíduo. Quando ele narra sua trajetória ele se sente inserido naquele contexto, percebe sua função como agente ativo nela e capaz de alterá-la, significá-la, conduzi-la ⁵⁹.

Segundo a interpretação de Thompson, a história oral propicia uma dialética entre informação e interpretação, entre classes e gerações construída em torno de pessoas faz um jogo que “traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade” ⁶⁰.

⁵⁸ SANTOS, Lucy Woellner dos. *Fato e Verdade da História Oral*. Trabalho apresentado na disciplina Teoria e Metodologia da História Oral, 1997. Curso de pós-graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina.

⁵⁹ BOSI, Ecléa. Op. Cit.

⁶⁰ THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 26

Os procedimentos que nortearam a pesquisa para o projeto de preservação do Patrimônio Histórico Cultural previam o planejamento da condução das gravações, transcrição, conferência do áudio com o texto transcrito, autorização do entrevistado para uso e divulgação, organização do Centro de Referência e publicação ⁶¹. O cumprimento de todas estas etapas nos colocou em contato com os colaboradores pelo menos quatro vezes.

Neste segundo momento da pesquisa, quando retornamos para novas entrevistas, e com o material produzido num suporte documental de áudio, fizemos novamente a transcrição deste segundo conjunto de entrevistas. É relevante salientar que, depois de transcrito, os textos de cada entrevista, deve ter o aval do narrador/entrevistado para que ele se reconheça no texto gerado a partir de sua narrativa. Para transcrição é preciso recorrer às indicações de Meihy,

a transcrição é a fase final do trabalho dos discursos. Teatralizando-se o que foi dito, recriando-se a atmosfera da entrevista, procura-se trazer ao leitor o mundo de sensações provocadas pelo contato, e como é evidente, isso não ocorreria reproduzindo-se o que foi dito palavra por palavra. (...) O fazer do novo texto permite que se pense a entrevista como algo ficcional e, sem constrangimento, se aceita essa condição no lugar de uma cientificidade que seria mais postiça. Com isso, valoriza-se a narrativa enquanto um elemento comunicativo. Neste procedimento, uma atitude se torna vital: a legitimação das entrevistas por parte dos depoentes ⁶².

Na primeira etapa do projeto viajávamos para os municípios atingidos pela barragem da usina hidrelétrica aos fins de semana por um período de vinte meses. Por ser seis cidades que a usina atingiria, fazíamos uma divisão da equipe multidisciplinar. Todos os membros da pesquisa passaram por todas as cidades, para isso, fazíamos um rodízio de equipes. Essa aproximação com os atingidos pela barragem facilitou nossa reinserção neste espaço três anos depois do primeiro contato, pois as pessoas se lembravam da pesquisa realizada em 2009 e 2010.

⁶¹ Este projeto, que é detalhado mais a diante, resultou na publicação de MACHADO, M. C., (Org.). São Marcos do sertão goiano: cidades, memórias e cultura: Edufu, 2010. Livro este que participei escrevendo dois artigos, um sobre as políticas de instalação de uma barragem e as possíveis medidas compensatórias regidas por lei, outro sobre um dos municípios atingidos, a cidade de Ipameri.

⁶² MEIHY, José Carlos Sebe, HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto. P. 133, 2002.

Na história oral de vida, na medida do possível, deve-se trabalhar com o que se convencionou chamar de entrevistas livres, ou seja, sem roteiros pré estabelecidos e sem perguntas restritivas, utilizamos os estímulos. Para a realização destas entrevistas tivemos como diretrizes as seguintes questões:

- a. motivar os colaboradores a contar sobre sua origem, seu modo de viver no campo e as atividades por eles desempenhadas;
- b. verificar o significado da chegada da usina hidrelétrica e do processo de mudança vivido por cada um e pela comunidade;
- c. motivá-los a narrar sobre seu cotidiano e suas expressões culturais, tais como festas, “causos”, a relação de vizinhança e sobre a saída dos moradores e, conseqüentemente, a saída de seus vizinhos para outras localidades;

Neste reencontro com os moradores do vale do rio São Marcos, usamos como guia norteador para as novas entrevistas as seguintes questões:

- a. comparar sua atual situação com a que tinham antes do deslocamento e chegada da barragem;
- b. identificar se houve melhorias ou dificuldades pós instalação da barragem e se suas expectativas futuras, na época do deslocamento compulsório, se realizaram;
- c. verificar se as medidas compensatórias, prevista em contrato, estão sendo cumpridas pela empresa gerenciadora destes projetos, a Camargo Corrêa Energia;

A história oral, que se define como história viva, pretende se constituir a partir dos arquivos vivos que são os homens que narram. Eric Hobsbawm escreveu que toda história é história contemporânea disfarçada. A escolha de um período recente como objeto de pesquisa podem impedir conclusões mais balizadas. Como sustenta Hobsbawm,

Todo historiador tem seu próprio tempo de vida, um “poleiro” particular a partir do qual sonda o mundo (...) Mas quando não escrevemos sobre a Antiguidade clássica ou sobre o século XIX, mas sobre nosso próprio tempo, é inevitável que a experiência pessoal desses tempos modelem a maneira como os vemos, e até a maneira como avaliamos a evidência à qual todos nós, não obstante nossas opiniões, devemos recorrer e apresentar⁶³.

As relações entre história e memória permeiam as análises das entrevistas, e assim como a história oral, tem produzido debates sobre sua aplicação. A história oral implica uma percepção do passado a partir da história narrada no tempo presente, ou seja, ela sofre ações do presente, e isso dá a ela a característica de história viva. A memória, segundo Eric Hobsbawm, pode ter equívocos:

Comecei minha carreira como jovem historiador entrevistando sobreviventes da Sociedade Fabiana pré-1914 a respeito do seu tempo, e a primeira lição que aprendi foi que nem mesmo valia a pena entrevistá-los, a menos que eu tivesse descoberto mais sobre o tema da entrevista do que poderiam se lembrar. A segunda lição foi que, no tocante a fatos verificáveis de modo independente, sua memória tendia a se enganar. A terceira lição foi que era inútil levá-los a mudarem de ideia, já que está havia se formado e fixado muito tempo antes⁶⁴.

Durante as entrevistas fica evidente a relação entre história e memória⁶⁵. Este episódio da chegada ou não da barragem aparece sob diversas perspectivas, com pitadas de imaginário e saudosismo de uma época. Dentre algumas particularidades nas narrativas, ouvimos histórias de apego a vizinhança, a terra, a região, a lida no campo. Segundo Ecléa Bosi, lembrar é um foto social, a lembrança é resultado do que

⁶³ HOBBSBAWM, E. J. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras. P. 244, 1998.

⁶⁴ HOBBSBAWM, Eric J. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das letras, p. 247, 1998.

⁶⁵ Sobre memória consultar: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2001; LE GOFF, Jacques. *Memória*. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Porto: Imprensa Nacional: Casa da moeda, 1984. V. 1, *Memória: história*; SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007;

está disponível no ato da narrativa. “Diante da impossibilidade de recriar o passado, nos resta exercer a função social de lembrar”⁶⁶.

Na tabela 1 é possível verificar as informações básicos dos colaboradores desta pesquisa:

⁶⁶ Op. cit. p. 34

Tabela 1 – Quadro de Entrevistas

Nome	Idade	Primeira entrevista	Segunda entrevista	Origem	Trabalho
D. Fátima Conforte Silveira	62	Dez./2009	Dez./2012	Campo Alegre de Goiás	Atendente no hotel da família
Sr. Alcides da Silva	50	Jul./2009	Jan./2013	Campo Alegre de Goiás	Produtor rural
D. Eva Canedo	81	Jan./2009	Jan./2013	Davinópolis	Dona de Casa e lavradora
D. Divina Dias	62	Jan./2009	Dez./2012	Campo Alegre de Goiás	Dona de casa, fiandeira
Lázaro Dias Canedo	71	Jan. /2009	Jan./2013	Campo Alegre de Goiás	Produtor rural
D. Thereza Pereira Silva	63	Fev./2009	Dez./2012	Campo Alegre de Goiás	Dona de casa e produtora rural

2. Travessias e (in)certezas às margens do rio São Marcos.

Sobradinho⁶⁷

O homem chega, já desfaz a natureza
Tira gente, põe represa, diz que tudo vai mudar
O São Francisco lá pra cima da Bahia
Diz que dia menos dia vai subir bem devagar
E passo a passo vai cumprindo a profecia do beato que dizia que o Sertão ia alagar

O sertão vai virar mar, dá no coração
O medo que algum dia o mar também vire sertão

Adeus Remanso, Casa Nova, Sento-Sé
Adeus Pilão Arcado vem o rio te engolir
Debaixo d'água lá se vai a vida inteira
Por cima da cachoeira o gaiola vai, vai subir
Vai ter barragem no salto do Sobradinho
E o povo vai-se embora com medo de se afogar.

Remanso, Casa Nova, Sento-Sé
Pilão Arcado, Sobradinho
Adeus, Adeus .

Neste capítulo, tentamos compreender este espaço rural a partir das narrativas de dois dos colaboradores: senhor Alcides, de 50 anos e Senhor Lázaro, de 71 anos. Suas histórias de vida permitiam desvendar as questões que surgiram com a chegada da usina hidrelétrica e as formas que eles encontraram para lidar com isso. Cada entrevistado colaborou narrando, a seu modo, em dois momentos distintos. Sendo assim, foi possível verificar o planejado antes da desapropriação pela barragem, em 2009, e o vivido em 2012-2013, ou seja, três anos após serem *afogados* pela barragem. Partimos das entrevistas e fizemos suas respectivas análises.

A primeira história é a de Alcides, um senhor que nos recebeu e nos guiou até os demais atingidos pela barragem. Ele conhece bem a região e os trilheiros que atalham caminhos nas estradas batidas de terra. Nascido e criado na região, ele tem forte apego a terra, aos vizinhos com quem tem uma relação de grande amizade, os chamando sempre de “cumadi ou cumpadi”. Surpreendente foi ouvi-lo, apesar da perda material, reclamar e marejar os olhos ao falar da possível morte do tamanduás em função do barramento do rio São Marcos.

⁶⁷ Letra e melodia de Sá e Guarabyra. 1977.

Senhor Alcides José da Silva

Foto 3 - Senhor Alcides ⁶⁸.

⁶⁸ Fotografia tirada pela autora em jan. de 2009. Pertence ao acervo do Centro de Referência (UFU/UFG) e ao Diversitas- USP.

Estranho esse progresso, né? Pra que lado que é esse progresso? Pra frente, pra trás, pra baixo? Me parece, que na realidade, são interesses de grandes grupos e com certeza os mais pequenos vai sendo esmagado. É a lei do mais forte, é a mesma que predomina na natureza selvagem. Eu fico muito preocupado com o que vai ser dessa gente? Vai ser igual aquelas músicas que a gente ouve de sertanejo que vai embora e fica doidinho pra voltar, mas a diferença é que não vai mais ter pra onde voltar, vai estar tudo revirado, sem as casas, embaixo d'água.

Eu vou começar falando da minha região, contando um pouco do que era antes da usina chegar e mudar tudo, antes de tudo isso que tá vindo por aí e que a gente ainda não sabe, só sabe que vai mudar. Na região de Campo Alegre, a história do pessoal mais antigo, digamos assim, vinte anos atrás, vivia era basicamente devido à pecuária e agricultura. Estas atividades eram só pra subsistência e o povo daquela época tinha muitos costumes, todo mundo, os fazendeiros maiores tinham vários agregados, os moradores nas propriedades que prestavam serviço e que fora esse serviço prestado nem tinha uma diária, não tinha uma carteira assinada e nem nada, eles tocavam pequenas roças de arroz, milho, feijão, para sustento dos animais domésticos e da própria subsistência. Aqui nesta região tem poucos grandes fazendeiros, a grande maioria é de pequenos produtores, que vivem e trabalham nas suas pequenas propriedades. Grande mesmo só tem um que fornece grãos pras beneficiadoras, mas ele nem é da região aqui.

A soja é novidade por aqui, a vinte anos atrás nem não ouvi falar em soja, agora tá esse marzão de soja. E isso foi assim um longo período aí, até uns vinte anos atrás. Depois começou o desenvolvimento da agricultura no cerrado, aqui basicamente predomina o cerrado, né? Com exceção daquelas terras de cultura, onde esse pessoal antigo explorava as agriculturas e as pastagens. As terras de cerrado elas não tinham utilidade na época. Mas mesmo sem ter utilidade não tem lugar mais bonito que este aqui! Nem o Rio de Janeiro ganha de beleza! Todo mundo que diz que Rio de Janeiro é a cidade maravilhosa é porque não conhece meu Goiás velho! Tem o lugar onde vai sair a barragem, lá é a Serra do Facão, um lugar muito bonito. Campo Alegre fica numa região riquíssima! Com muitos mananciais de água, nascentes, água

pra todo lado, terras excelentes hoje pra agricultura, né? E muita paisagem, né? É bonito de mais isso aqui...

Antes era só beleza, depois foi tanto beleza e desenvolvimento, foi quando começou a ter mais investimentos em pesquisas da EMBRAPA, sobre o cerrado pra desenvolvimento da agricultura. Aí, quando começou a chegar o pessoal do Rio Grande Sul, do Paraná, os paulistas é que fizeram essa fronteira agrícola, essa frente agrícola aí no cerrado.

Hoje Campo Alegre deve ser a segunda ou terceira cidade mais irrigada do país. Hoje se tornou um potencial, tanto na produção de grãos e também na pecuária que, juntamente com o desenvolvimento dessas áreas que eram inaproveitadas, hoje é tudo aproveitável, também desenvolveu muita a pecuária, tanto de corte quanto a de leite. Hoje Campo Alegre se tornou um grande produtor de leite e cereais. Basicamente, é a zona rural de Campo Alegre, a cidade mesmo não tem nada de muito grande, o comércio é pouco, e mesmo as pessoas que vivem na cidade tem uma vida muito ligada com roça, tem parente lá, ou veio de lá.

Ai, começaram falar desse negócio de chegar usina hidrelétrica aqui. E esse envolvimento todo foi por volta ai de uns dez anos. Esse projeto dessa usina Serra do Facão, ela já existe desde uns 50 anos atrás que eu nem era nascido. Desde que eu entendo por gente vejo falar nesse projeto. Só que uns seis, oito anos pra cá que intensificou mais e começou aparecer gente, fazendo mais levantamento, já visitando o pessoal que ia ser desapropriado. Então, de início, devido a tempo que se falava, a gente até não acreditava, a gente preferia que isso não acontecesse porque os transtornos com certeza, os que já vieram com o pessoal já foi desapropriado e a gente não sabe o que vai acontecer com os remanescentes. Eu faço parte desse pessoal dos remanescentes porque eu ficava na beira do lago. Mas, em nome do progresso não tinha como isso não acontecer.

Os transtornos com certeza já começaram com o pessoal que foi desapropriado, as pessoas que nós temos na região de Rancharia, principalmente os ribeirinhos lá da beira do São Marcos, que eram pessoas basicamente os primeiros habitantes daquela região; um pessoal muito primitivo e eles viviam em grupo ali, uma família chamada Felipe, e desde que se conhece a região, eles existiam ali, os primeiros habitantes. Então, eles nunca aprenderam a sobreviver pensando em vender, em ganhar dinheiro, eles vivem lá com a pesca, basicamente com agricultura de subsistência. Eles tinham lá sua cultura, seu jeito de vida, né? E todo bloco de gente

era da mesma família, então eles tinham até um linguajar diferenciado. Coisa que eles conversavam se você chegasse, muita coisa você nem sabia o que eles estavam falando. Tanto que assim, as origens deles vêm de um tempo atrás e eles preservavam isso na cultura deles. E com a dissipação desse povo, com a chegada da barragem que eles foram sendo desapropriados, eles não foram pra outra região. Foram um prum lado, outro pra outro e outro pra outro, dizimaram aquela cultura deles. A maioria deles, aí uns noventa por cento não tendo dificuldade até de sobreviver em outro lugar. Com certeza, eles foram bastante incomodados e estão prejudicados porque acabaram os costumes, foram conviver com outras pessoas que não eram do jeitão deles e estão passando por sérios problemas.

Sei que tem pessoas que não conseguem dormir a noite, passa a noite inteira dentro de casa, outros quer voltar pro lugar de origem porque não se adaptou. Com certeza isso, eu acho que o pessoal do SEFAC não levou em consideração o transtorno que causou na sociedade. Muita gente não saiu ainda das casas que tem que sair, outros que moravam mais perto do canteiro de obras já tiveram que sair rapidinho. Eles já receberam o dinheiro da empresa, mas a gente sabe que dinheiro não resolve tudo na vida da gente. Aqui as pessoas estão muito acostumadas e ficar sem dinheiro, sem ter que ficar comprando tudo. Aqui na roça é assim, a gente se vira com o que tem e considera que o que o vizinho tem é nosso também, como se fosse tudo da mesma família.

Eu sei que teve gente que até deu infarto, eu não sei te contar como foi direitinho, mas sei que não tá bom pra ninguém ali. A gente encontra pessoas aí, aparentemente, com depressão, outros não estão se adaptando compraram outra propriedade, já quer vender porque não se adaptou a região e...

E tem ainda os que foram pra cidade, estes por enquanto tá comendo o dinheiro que receberam, e a hora que acabar? Eles não têm profissão, eles não tem mercado de trabalho pra eles e, o SEFAC de início as propostas seriam de umas vinte e não sei quantas ações do SEFAC, isso não foi cumprido. Psicólogo, assistente social, esse pessoal desapareceu! Ninguém tá dando essa assistência pra esse pessoal. Isso é, basicamente que tá vendo, essas coisas e nada tá sendo feito.

No início, quando eles resolveram que vinha com força, começou aparecer historiadores, psicólogos, geógrafos, um monte de gente da empresa pra falar na região e como o pessoal da zona rural toda, é pessoal humilde, muito hospitaleiro, muito que acreditava em tudo, né? Que achava até interessante, que o pessoal chegava

já chamando por nome, aquela amizade toda, né? Como eles já sabia até os nomes das pessoas eu não sei, mas é que chegar nas casas chamando pelo nome já fazia os moradores baixar a guarda, achar que quem tava chegando era só gente boa. E eles eram mesmo gente boa, tomava café com a gente, prosiava muito tempo, só que a gente não percebia que tava entregando o ouro pra eles de graça, tava era dando tudo que eles queriam, que era informação nossa, de como a gente vivia, de quem era os líderes da comunidade, do que era que ia agradar a mulheres aqui. Os bacanas chegava de um jeito que inibia até que formasse uma associação forte contra a barragem. Que pudesse alguém liderar toda essa negociação com o SEFAC, isso foi tudo jogado por terra diante desse pessoal que apareceu, né? Com promessa disso, daquilo e o pessoal da zona rural foi deixando levar. Quando eles sentiram o drama da perda e do incômodo que eles tão passando, já era tarde. Porque hoje, se eles chegam lá no SEFAC, o pessoal que já negociou, eles não são mais bem recebidos quanto antes, né?

Porque a gente que conheceu o pessoal lá, eu fiquei remanescente, mas a gente sente a perda da vizinhança que a gente tá perdendo, porque a gente vivi na comunidade, a gente nunca sabe que hora que você precisa d'um vizinho, né? Isso aí, então seria um socorro daqui, outro ali, ou mesmo uma festa hoje, que hoje o pessoal dizimou mais da metade. Com certeza nós não vamos ter aquela mesma alegria que a gente tinha. Eu vejo dessa forma aí, com certeza muitos transtornos virão, né? O progresso que eles estão tentando trazer é uma faca de dois gumes, o transtorno que eles estão causando, tanto com o meio ambiente, quanto com a deslocação desse pessoal que tá sendo todo incomodado, eu não sei até onde vai esse progresso. Será que precisa tanto, será que não tem outros meios de fazer energia? Nós já temos vários outros sistemas que poderiam tá impedindo que causasse esse transtorno no meio ambiente, quanto com o pessoal que é desapropriado, né?

Estranho esse progresso, né? Pra que lado que é esse progresso, né? Pra frente, pra trás, pra baixo? Me parece, que na realidade, são interesses de grandes grupos e com certeza os mais pequenos vai sendo esmagado, isso é pura verdade. É a lei do mais forte, é a mesma que predomina na natureza selvagem. Na vida é igual na natureza, é só observar. Então, não que a gente queira aceitar, mas infelizmente a gente não tem muita opção. Tanto assim a gente vê que eles usaram muito do poder, do dinheiro, tanto na negociação das terras, que todo mundo que foi desapropriado eles passaram as escrituras de suas terras como se fosse compra e venda e não foi

como desapropriação.

Se hoje juntar um grupo desse pessoal que foram desapropriados pra reivindicar qualquer coisa diante das leis, eles estão todos desamparados. Porque eles num tiveram nenhuma acessória de pessoas que poderiam tá esclarecendo, eles inibiram que fizesse uma associação forte pra representar esse pessoal e assim por diante. Todo mundo já sabe o final da história como vai ser.

Eles mal saíram das terras deles e já estão ficando doente, isso porque ainda eles nem sentiram o prejuízo real, o quanto vai mudar, as pessoas estão saindo agora, mas eu já li este livro, conheço bem esta história... A corda arrebenta você sabe de que lado? Sempre do mesmo! Isso não muda! Muda empresa, muda barragem, muda quem chega, quem sai, mas os mais fracos são os mais esmagados. Eu fico muito preocupado com o que vai ser daqui em diante.

Nem estou falando de mim, na minha propriedade quase não vai mudar nada, vou só ter que mudar umas coisas poucas de lugar e só, mas minha preocupação é com meus amigos, amigos do meu pai, do meu avó, moram tudo meio embolado de tão junto que moram. O que vai ser dessa gente? Vai ser igual aquelas músicas que a gente ouve de sertanejo que vai embora e fica doidinho pra voltar, mas a diferença é que não vai mais ter pra onde voltar, vai estar tudo revirado, sem as casas, embaixo d'água...

Outra coisa que ninguém fala nada é sobre os tamanduás. De primeiro os engenheiros da barragem vinha aqui e dizia que tinha monte de plano pra coletar os bichos. Eu achava que eles iam mesmo coletar porque tá na moda preservar animal, dizer que é protetor da natureza e que gosta de animais selvagens. Quando a gente vem chegando aqui consegue ver uns na estrada que foram mortos por atropelamento. Eu fico com dó, uma dó de doer no coração mesmo! Os bichos estão na casa deles, não querem nem ver gente, ai começa a chegar trator, muito homem pra trabalhar e mata os bichos. Mata atropelado, mata com veneno, eles colocam fogo no mato pra poder fazer a obra e fazer moradia pros operários perto da obra e noutro dia pode vê que tem tamanduá morto aqui. Eles morrem até queimado! Isso porque não subiu o rio, mas e a hora que subir o rio? O que vai ser deles? Eles vão só morrer de mais um jeito: afogado também! Pra não dizer que ninguém fez nada, fez sim, mas era melhor nem ter feito, parece que foi só pra ter documento de que tentaram alguma coisa, como se dissesse assim pra gente: “olha, eu fiz minha parte, minha parte no acordo tá feito!.” Fizeram um corredor, disseram que era para o tamanduá atravessar de um lado

da rodovia pra outro sem ser atropelado, isso lá na rodovia, peto da cidade. Seria já uma ajuda se desse certo, mas ai em fiquei pensando como é que o bichinhos iam saber que era pra eles passarem por ali? Um dia eu fui ver e te digo com certeza: eles não passam por ali! Primeiro porque eles tem que procurar muito e subir pra chegar na entrada, e principalmente porque eles não cabem ali dentro, ia ser ainda pior! Eles iam era ficar tudo engastado ali! Ia morrer era de fome! Não cabe o tamanduá inteiro ali pra atravessar, o corredor afunila, eles prendem ali, não conseguem sair de jeito nenhum! Foi feito? Foi, foi feito. Resolve? Não, não resolve...

* * *

A zona rural hoje passa por um momento difícil e a usina só reforça mais essa dificuldade, mostrando que tudo que é urbano é melhor. Aqui a gente era tudo embolado de tanta amizade. Tem gente que começa a contar e até chora. O que a gente vai fazer?

A gente acompanhou o pessoal da usina. Foi bom ? Não, não foi. Mas tem como reverter? Não, num tem. E a relação é mais harmônica hoje com a empresa porque não tem como reverter, então eu pensei que a gente tem que tirar o que a empresa pode nos oferecer de melhor. E diante disso, a gente tem conseguido alguns avanços, como o Centro Comunitário, que foi proveniente dessa demanda da comunidade com a empresa, diante disso a gente tem fortalecido a comunidade, pelo menos o restante que sobrou aqui na Rancharia. Isso é um esforço mais por parte da gente, que negocia, que vai atrás, que mostra o que é necessário. Mas é nesse sentido, e a gente tá sempre almejando buscar mais coisas. Mesmo tendo ficado pouca gente aqui na comunidade este centro acaba que reuni os ex moradores, eles vem aqui, joga um truquinho, conversa, participa das reuniões.

A usina fez um rolo. Eles, depois de tudo certinho, queriam mais um pedaço grande da minha propriedade, eles queriam partir ela em dois e no meio passar uma vicinal, eu ia ter que remanejar tudo de novo, ia dar muita mão de obra, precisa de tempo, de muito peão e isso também custa. Eu estou com minha mãe lá na fazenda, ia ser outra incomodação pra ela. Eles foram lá, conversaram com minha mãe, mas ela

nem deu ouvido pra eles. Ela ouvia tudo, fazia que sim com a cabeça mas ficava era contrariada deles vim aqui e querer mudar tudo mais uma vez.

Eles mudaram comigo, morreu a conversa quando eles viram que se dependesse de mim, a gente ia ter que esperar uma liminar na justiça. Ficou do mesmo jeito. Eu acho que eles me veem como um negociador, como eu tenho respeito aqui pela comunidade, eles evitam me contrariar. Num justificava também eles me desapropriarem mais terra, eles tinham outra opção, eles podiam já passar por dentro de um terreno que já era deles. Eu bati o pé e disse que não vou aceitar, era um caminho que é de utilidade da comunidade, a partir do momento que abrisse uma vicinal, ainda mais que tem gente ai com intenção de turismo, na porta da minha casa eu ia ter um desassossego, foi muito nesse sentido que eu não topei negociar. Nunca tive a intenção de prejudicar a comunidade, nem a usina.

Eu achei diferente que na desapropriação primeira, eles chegavam e impunham o valor a ser pago, o prazo pra gente sair, mas agora eles não fizeram isso. Parecia mais uma conversa que um negocio com uma grande empresa como a Camargo Correa.

Fizeram isso com várias pessoas, tem por exemplos, uns primos meus, eles são vizinho do Luiz Manteiga, eles tem a propriedade e trabalham na cidade, sobrevivi da cidade e investe tudo na propriedade rural. A forma com que eles impôs a negociação eu fiquei abismado de ver. Eles diziam assim: “ou é isso ou vocês só vão receber na justiça.!” Não tinha lado de chegar neles pra conversar. Quem vai entrar na justiça contra um empreendimento forte desse? Eles deposita lá em juízo e você fica sem a terra, sem o dinheiro e você só vai receber sabe Deus lá quando!

No meu caso está na justiça, porque minha área atingida foi 0,6 hectares, era quase irrisório, pegava só a margem da minha propriedade, e ainda assim me deu trabalho, viu? Porque eu usufruía muito do rio, agora não posso passar nem perto. Meus gados bebiam nele, eu tinha um cercadinho pra eles não cair dentro do rio mas eles chegavam lá e bebiam. Hoje eu tenho a mão de obra de levar água diária pra eles.

Não foi tanto por negociação, como eu não aceitei o valor, eles depositaram em juízo, até ontem eu não tive nem notícia. Eles me falaram que se eu quisesse apressar o processo tinha que por advogado, mas eu não vou por estes trem de advogado pra pegar uma merreca. Eu não sei quanto eu vou receber, se é que eu vou receber. Então eu não fiz escritura da minha terra, ai eles não podem ficar com a terra sem documento, eles não me pagaram, eu não escretei então a terra ainda é minha.

Eles podem até ter nos documentos dele que eles tem a propriedade mas quem tá usufruindo dela sou eu, porque até hoje eles não me falaram onde é meu limite, eu não aceito enquanto não tiver documentado a terra. Eu acho que eles não querem briga, por isso está tudo em banho maria até hoje.

Tudo que eles disseram que iam fazer eles até mais ou menos fizeram, só falta resolver o problema da balsa. Mas a qualidade do que eles fazem é que é triste! Tem estrada que é melhor a gente pagar no nosso bolso pra não quebrar caminhão que esperar eles arrumarem. Até a prefeitura de Campo Alegre faz melhor que eles, e olha que o serviço da prefeitura é ruim! Tem uns poços artesianos que eles ficaram de fazer em muitas propriedade eles não cumpriram e tem o principal que é a cerca do reservatório que eles disseram que iam por e pelo menos aqui na Rancharia eles não começaram e acho que nem vão começar. Tá cada vez mais raleando o número de funcionários deles aqui.

Teve uma depreciação muito grande do lago, tem problema pra todo lado, porque os limites da cerca que era feitinho foi tudo desconsiderado, tá longe de ser o que é de verdade nas escrituras, agora emendaram todo mundo, eles não fazem cerca.

Agora nos estamos no período da seca, está tudo seco, não tem rio mais, antes, mesmo na época de seca a gente tinha a água normal do leito, das beiras de rio. A balsa lá do Manuel Sotá, lá onde trabalha o Rui Balseiro, a barragem morre uns 300 metros pra cima dela, e nasce outra ali, São umas cinco barragens aqui no São Marcos nos últimos 5 anos, antes não tinha nenhuma. Então eles desviaram parte do rio pra lá e lá está bem cheio, o que faz ter uma depreciação aqui. É provável que não volta até cair bastante chuva.

Aqui agora deu de aparecer muita capivara, num tinha capivara aqui. Eu não sei de onde elas vem, nem o que vai ser feito delas, mas tá cheio de capivara. Agora deu de aparecer mais cobras e tamanduás. Aumento de forma significativa. Eles não tem mais o habitat deles. Quando a Sefac vem e fala pra gente que não pode matar, a gente entende e não mata os tamanduás, quem mais matou tamanduá aqui foi eles mesmo, mas cobra não tem jeito. A gente tem que matar. Se a gente não mata essa cascavel que tem tido muito aqui elas pode picar a gente e até nas crianças aqui, aí não adianta se arrepender. Chegar na cidade ficou mais difícil, tem que arranjar um jeito de socorrer logo aqui mesmo.

Sobrou poucos fragmentos de reserva, os animais são muito territoriais, eles precisam de ter o meio deles, não tendo eles começam caçar outro meio, né? A

preocupação que eu tinha era com a comunidade em si, eu tinha medo de desestruturar, o que ia gerar e gerou. Quando desestrutura não afeta só que foi atingido diretamente pela barragem, afeta todo mundo. Tenho certeza que mudou pra todo mundo, até pra quem não teve área atingida. A gente tinha um bom relacionamento com os vizinhos. As vezes a gente ficava até um ano sem ver o vizinho, podia acontecer, mas a gente sabia quem estava ali, e que a gente podia contar. As vezes a gente precisava de cavalo eu sabia onde ir. Outras desestrutura é a financeira, né? As pessoas, a partir de que entrou esta verba de indenização muita gente não soube bem como usar isso e muda toda estrutura econômica. Na época houve uma alta e agora está na época de declínio. O reflexo deste caos ele não é instantâneo, é a partir de agora é que a gente vamos começar a entender o que foi que aconteceu com a gente mesmo. O que eu estou te falando é só o notório, o que já deu pra perceber na comunidade, mas ao longo do tempo vai acontecer muita consequência disso ainda. Hoje a gente vê gente que estava com muito dinheiro e não soube melhorar a renda dele. Antes ele tinha uma terrinha e conseguia viver dela, quando pegou no dinheiro achou que ele estava bem, mas hoje a renda dele caiu e o dinheiro não ajuda mais em nada. A Sefac tinha que dar uma orientação. Tem muita gente aqui que nunca foi em banco, e de repente teve que abrir conta e viu um dinheirão lá, achou que tinha ficado rico e não soube como administrar.

Hoje o impacto é que o trabalho tá muito maior. As terras mais férteis são as baixadas, mais perto dos rios, aí os produtores ficam sem esta área e reduz muito a produção. Se minha propriedade tivesse sido mais atingida eu tinha que ter ido pro topo, onde as terras são mais fracas, não dá pra contar com pomar caseiro, canavial de tratar o gado, e aí por diante, o canavial do Luiz Manteiga não existe mais. E lá no chapadão que ele está não produz cana. A produção dele, quando ele conseguir voltar, vai ser bem menor. Isso aconteceu com todos aqui, a pastagem diminuiu, o pomar, as terras mais férteis, mais agricultáveis, isso está começando a ser sentido agora, de um ano pra cá, que acabou o dinheiro e não tem mais a terra. A questão é: tem como reverter? Não tem! Tem é que tentar amenizar.

Na época a gente não tinha este conhecimento, a gente tinha o MAB que é considerado como o movimento dos sem terra, eles vem com barulho danado e com pouca coisa concreta. A gente não tinha visão do que estava pra acontecer. Ninguém esclarecia nada pra gente, nem a usina, nem o MAB, a gente foi entendendo conforme foi acontecendo. A empresa tinha o perfil de com quem eles estavam lidando, em todo

o empreendimento, as áreas atingidas tinha uns quatro ou cinco proprietários mais robustos economicamente. Estes foram indenizados da forma com que eles quiseram primeiro, deixaram eles desfrutando da terra e sobrou o resto, que é maioria de micro e pequeno proprietário, que é menos favorecido até de sorte, que eles pagaram da forma como eles quiseram.

A zona rural hoje passa por um momento difícil e a usina só reforça mais essa dificuldade. Mostrando que tudo que é urbano é melhor. Os meninos mais novos já pensam assim, aí vem a empresa e reforça, fica difícil remar contra a maré. A Mão de obra está muito escassa, os moradores estão muito desentusiasmado, ontem a gente foi na cooperativa, são mais de 220 sócios e a gente estava ouvindo isso, os filhos deste produtores não querem mais a terra, não querem mais tirar leite, não quer mais ficar aqui. Todos querem ir pra cidade, é geral, é unanime. Não foi a Sefac que fez isso, ela só reforça a ideia de que lá é melhor, é mais avançado, tem mais opção de tudo.

Tem também os que queriam ficar aqui na terra e a Sefac fez eles irem pra cidade, dizendo que seria melhor e muitos estão lá passando dificuldade, né? Eu sei de pessoas que viviam de forma primitiva na beira do rio, tem pessoas já de idade que foi pra outra propriedade que até tem mais estrutura e não se adaptou, vive com depressão, não dorme de noite, mas quando alguém da Sefac vai lá, a assistente social, eles dizem pra ela que esta tudo bem, servem de tudo pra ela, e não contam que estão deprimidos. Eles tentam mostrar só a parte boa, mas a gente que é amigo de verdade, que tem conhecimento, sabe que eles não estão nada bem. O Pai da Abgail é um desses. Lá é difícil de ir, ele fica ilhado, sozinho. A Sefac tinha era que ter tirado ele de lá e colocado pra perto da família dele.

Tem vários problemas assim, as pessoas tem sentimentos que ninguém vai tirar deles, nem dinheiro, nem cidade, nem moderno, nem urbano, nada! O sentimento é ligado a terra. O senhor Domizio morreu e ele estava muito insatisfeito, ele achava que era muito perigoso onde ele morava. Eu sei, o filho dele me contou, que ele fazia as malas dele e ia lá pras beiras de rio, arrumava uma choradeira e não queria ir pra cidade, mas por conta do filhos, que acharam a cidade melhor, ele foi e não aguentou. Teve um infarto. Os próprios filhos dele falam que sair da terra dele abreviou a vida dele. Era a depressão purinha! Ele ficou muito desinsofrido, com medo de morar lá na casa nova dele. A gente, depois de certa idade, tem mais dificuldade de adaptar com as mudanças.

A resposta que a Sefac dá é de quem todos se adaptam. As gerações futuras, sim, elas se adaptam, mas os antigos vão morrer com o sentimento apertado, isso é óbvio. A ideia de que é bom, de que tudo ficou melhor a usina vende pra todo mundo, e já essas coisas que mostra o sofrimento não aparece, ninguém mostra. Agora tem lá a usina de Belo Monte e fica mostrando o progresso, a evolução, mas num fala que tem muita gente sendo desapropriada, e lá tem índio, né?

As pessoas que nasceram e criaram aqui, levam esta nossa vida, elas não vão se adaptar a lugar nenhum, por melhor que seja, por melhor que achem que seja, os Felipe eram tribais, eles ainda casavam os filhos com os primos, mantinha tudo dentro da família, até a forma deles conversar é diferente, tem horas que nem a gente que é da terra não entende tudo que eles falam. Como é que eles devem estar numa cidade feito Catalão? Duvido que fiquem bem! Eles brigavam entre eles, resolvia tudo entre eles. Uns ali torcia pro Santos e outro pra Palmeiras pra ter umas brigas as vezes, mas a vida deles era essa, hoje não...

A diferença nossa aqui é o quanto a gente é amigo. Muitas vezes a gente está indo pra casa e encontra um vizinho na encruzilhada, e dali a gente já pega de conversa e não para. Os que se mudaram daqui sentem isso, sentem porque não sabem, muitas vezes, nem o nome dos vizinhos, se por acaso, você precisar de um vizinho você não sabe nem o nome dele pra chamar. Aqui até os peão é amigo dos proprietários, nós é tudo embolado de tanta amizade. Como que alguém que nasceu, cresceu e viveu isso aqui vai conseguir viver fechadinho dentro de casa? Abre a porta de casa e tem só asfalto, que pode ser bom por uns lados, a roupa fica mais limpa, mas não tem liberdade. Aqui só ultimamente; e que a gente tem fechado a porta das casas pra dormir, porque chega muito forasteiro, mas até isso é novidade aqui. Tem gente que começa a contar e até chora. O que a gente vai fazer?

Já que não tem como reverter, a gente tem que tentar conseguir algumas coisas com isso. Mudou a cara da comunidade. Hoje já não é o que você viu aqui antes. Houve uma mudança, nos perdemos muito da cultura, dos vizinhos. Teve evolução, mas uma evolução entre aspas, porque o que a gente ganhou foi cursos do SENAC que a Sefac traz aqui pra gente, as festas ser no Centro Comunitário, o que também nem sempre é bom, porque fica longe, as pessoas só vai vir aqui se tiver a balsa funcionando.

A Sefac diz que vai trazer muitos cursos pra gente enquanto tiver demanda. Eles disseram que vão dar um curso de pomar caseiro pra gente conseguir aproveitar

melhor os espaços. Esses cursos devem acontecer nos próximos trinta anos, que é o tempo de concessão pra usina, mas já estamos com três anos e só tivemos um curso aqui. As festas aqui no centro comunitário a sefac diz que é melhor, mas será que é? Por isso a gente vai perdendo a tradição de fazer a treição, começar a festa numa fazenda e ir levando a festa pras fazendas do lado, envolvia todo mundo. Nos perdemos com o empreendimento, perdemos as pessoas mais antigas que ajudavam manter tudo aqui.

Esse galpão do Centro Comunitário foi resultado de três anos de negociação. Nos fizemos um grupo de frente, eu o Joelso e o Frodis.

Este terreno era do meu pai, ele doou na época pra construir uma escola rural, era uma época que tinha muita criança aqui e elas não iam pra escola. Com o tempo as crianças foram diminuindo e o prefeito começou a levar os meninos pra escola na cidade e a escola ficou abandonada. Fizemos uma parceria com a prefeitura porque este terreno era de uso dela por cem anos, então a prefeitura me devolveu antes do prazo na condição de que aqui sairia um Centro Comunitário, fizemos uma comodata por mais cem anos. Aqui é oito hectares é da comunidade, em cima disso, a gente já tinha o terreno, aí foi uma batalha de três anos! Eles impôs muita dificuldade, diziam que iam fazer mas no tempo deles, que a prioridade era outra, foi muito difícil de sair. Teve época da gente ir até lá todo dia! E o que custa isso aqui pra eles? é um galpão, sem divisória nenhuma, dois banheiros, um portão e uma janela. Isso aqui não fica em dez mil pra construir. Mas saiu. Foi difícil, mas saiu. É uma conquista. Agora a gente vai tentar ganhar umas mesinhas de truco, um fogão grande e uma geladeira pra ter aqui pras nossas festas.

Hoje teve a reunião da associação de moradores, demos o nome de José Emiliano Silva, é o nome do meu pai, ele que doou o terreno então nós achamos que seria uma bonita homenagem. Esta associação vai ser muito proveitosa pra todo mundo, até pra negociar melhores valores com a cooperativa de leite. Porque os moradores vão poder fazer um cadastro e receber bem mais como uma cooperativa A gente faz um cadastro único. Nos já chamamos o presidente da COACAL e a gente viu que o valor muda muito.

Mesmo os moradores que estão resistindo agora, que são como São Tomé, enquanto não vê não crê, eles vai acabar aderindo a associação. A hora que as pessoas começaram a ver que está dando certo, eles vai entrando. Eles falam que não vai aderir porque fica com medo, mas mais de 90% já aderiram, mas os que mais

demoram são os que mais ficam os melhores depois. Quando a pessoa convence que vale apenas ele vira o melhor associado. A gente cobra vinte reais pra ser associado, e tem gente que acha que não vale. O leite é um segmento, mas a gente tem outras coisas na associação.

Eu gosto muito de política, mas não tenho interesse em outro cargo que não seja na associação. Eu até quero ser um dia vice prefeito, é a melhor coisa do mundo, porque você acaba fazendo todo mundo trabalhar. Ele tem que ser melhor que o prefeito. Meu pai era conselheiro do políticos.

Ano passado a gente começou um encontro com todos os pequenos produtores a gente tem ficado muito unido, a gente dependia do apoio da Sefac e da prefeitura, no final do ano a gente formou um grupo muito forte e fizemos uma base em cada região, e esse grupo vem crescendo. A Sefac e a prefeitura disseram que iam nos apoiar, mas não fizeram nada pra isso.

Nem todas as regiões tem centro comunitário, mas elas se reúnem até mais que quem tem. A Sefac trouxe uns instrutores de UFG pra nos ensinar sobre homeopatia, eu me interessei muito. Eu estou até aplicando homeopatia nas fazendas. Tem uma proposta de trazer cursos técnicos pro Senac aqui ne Catalão.

A Serra do Facão me deu apoio total na homeopatia aqui na região. Os homens aqui da região criticou, não acreditou e depois que a gente prova que funciona ai eles admitem que estavam errado e hoje se tornou muito fácil, homeopatia ela é muito baratinha, não gasta dinheiro, porque toda matéria prima tem na propriedade. Eu que produzo mas quero ensinar e passar pra mais gente, já temos dezoito propriedade inscritas pra fazer a homeopatia. A Sefac tem um biólogo acompanhando, eles dão transporte pra professora vir aqui nos ensina, eles dão suporte nas passagens do treinamentos. Ele defendeu a tese de mestrado dela sobre a homeopatia no campo, ela formou em Viçosa e agora tá prestando serviço em projetos do governo federal lá no Nordeste, mas eu tenho que tirar duvidas com ela, porque sozinho eu ainda não sei. Ela vem quando tem demanda. Em fevereiro ela deve vir de novo, ela tem o tempo muito corrida, é um desgaste muito grande. Eu estou gostando muito disso. Eu fiz um curso com ela, ela me ensinou fazendo, foram três meses até eu começar a fazer certinho, isso é de 2009 pra cá.

Ela veio pra uma grupo de educação ambiental, as reuniões tem relatório e eles colocam que teve mesmo que tenha só dois moradores. Eu estava lá, mas era só eu e mais dois. Mas o que a empresa precisava era registrar que teve. Eles organizaram

um encontro em Catalão, aí eles chamaram até imprensa mas aí eles fazem diferente, eles arrumam ônibus pra passar nas comunidades, dão lanche pros moradores, depois levam de volta. Eles fazem isso quando eles chamam a imprensa e depois mostra no noticiário.

Teve outro acontecimento aqui que eu achei muito estranho, eles me falaram que o livro que a Universidade tinha feito, aqueles que vocês fizeram, não tinha saído, que não tinha sido aprovado porque ele tinha muitos erros. E então que como eles tinham que entregar estes livros eles mesmos iam fazer outro. Eu sei que foi feito, mas eu não tinha visto ainda nenhum.

* * *

É possível perceber que o senhor Alcides constrói, ao longo de sua narrativa, a imagem de si mesmo como um líder comunitário. Sua narrativa difere das demais nesta pesquisa, pois, além de ser o colaborador que nos guiou pelas estradas e vicinais na zona rural, ele é visto pelos moradores da região como um possível candidato a cargos políticos para representá-los. Sua narrativa é uma análise sobre os impactos provocados pela usina hidrelétrica, ele tem a convicção de que estes impactos estão só começando a serem percebidos. Em especial, ele destaca seu conhecimentos da região, buscando sempre elementos que o legitimem como um líder, ou um porta-voz da comunidade frente aos agentes da barragem. Ele se posiciona como sendo a autoridade qualificada pela sua comunidade a advogar pelo grupo ao qual ele pertence, preocupado com seus vizinhos e com os animais que tiveram seu habitat natural modificado.

Conforme dito pelo nosso colaborador, a instalação da barragem é uma história antiga na região. Os primeiros contatos estabelecidos pela empresa construtora da barragem com as comunidades atingidas, como nos conta o senhor Luiz Manteiga, morador da região de Pirapitinga, em Campo Alegre de Goiás, se deram ainda na década de 1960:

Começou mesmo de verdade foi em 1961, porque em Campo Alegre tem um cidadão que já está velhinho, ele ganhou um jipe

daquele Alvarano do Brasil, novo, zerinho, pra fazer a medição lá na balsa do Manuel Sota, todo dia cedo, meio-dia, e de tarde, ele anotava o nível do rio. Puseram as réguas lá pra fazer a leitura, o nome dele é Baldino, senhor Ubaldo Luiz Vieira, mora lá em Campo Alegre perto da prefeitura, ele deve estar com uns 97 anos, mas é totalmente lúcido. Essa demora da barragem atrapalhou muita gente aqui, eu inclusive. A gente já não sabia mais se plantava e continuava cultivar nossa terra ou se deixava de lidar na terra que seria obrigatoriamente vendida pro empreendimento. Teve gente que ficou com tanto medo que até ficou doente, dessas doenças da modernidade de ficar ansioso, deprimido ⁶⁹.

⁶⁹ MANTEIGA, Luiz. *Narrativa*. Campo Alegre de Goiás, jan. 2009.

Foto 4 - Luiz Manteiga Álvares de Campo, produtor rural e produtor de cachaça e seu filho Luiz Manteiga Álvares de Campo Filho, engenheiro agrônomo. Fazenda Pirapitinga dos Monteiros, zona rural de Campo Alegre de Goiás⁷⁰.

Na foto acima, o Senhor Luiz Manteiga e seu filho contavam suas histórias de vida. Para tirar esta foto, por sugestão do senhor Luiz Manteiga, pai e filho se sentaram em frente a um quadro de fotos da família. Este quadro foi feito por ele para um evento de aniversário da cachaça Castelo Branco. Esta cachaça é produzida pela família desde 1909. A imagem do meio do quadro, circulada de vermelho é a foto do pai do senhor Luiz Manteiga, no entorno tem os membros da família.

⁷⁰ Fotografia tirada pela autora em jan. de 2009. Pertence ao acervo do Centro de Referência (UFU/UFG).

A concretização do empreendimento tem uma distância de 40 anos entre o anúncio de instalação e sua chegada. Ao longo dessas quatro décadas os moradores sofreram com a expectativa da mudança e a incerteza sobre sua permanência no local onde vivem.

A materialização desse projeto é explicada pelo senhor Ubaldino Luiz Vieira, morador da cidade de Campo Alegre de Goiás, indicado pelo senhor Luiz Manteiga para compor nossa rede de colaboradores, quando relata ter, durante sua mocidade, participado dos estudos para a instalação dessa barragem na região do sudeste goiano,

eu trabalhei um ano, quase dois anos medindo a água pra barragem, isso no início nos anos 60. Tem uma régua até hoje lá na beira do corgo. Parece uma vigota igual um portal. Eu passei medindo um ano e tanto, isso tem muitos anos já. Era num avião com uma helicizinha que media, apitava e fazia um barulho, então media o volume de água. Eu media todo dia, cedo e de tarde, eu medi essa água um ano, quase dois anos. Eu anotava, tinha um papel de marcar. Naquela época todo mundo tinha medo, não queria mudar a vida por causa da barragem, mas acho que pouca gente acreditava que ela chegaria de verdade, eu mesmo não achava que era de verdade, custei a acreditar. Depois de feito toda a pesquisa da área eu ainda não acreditava, tem hora que eu ainda nem não acredito. Tinha gente que me via medindo a água e achava que a culpa era minha, mas não era! Se eu não medisse outro ia medir. A usina ia chegar de qualquer jeito ⁷¹.

Nesta direção, Márcio Santos, assim define o que é este período de longa espera pela desapropriação e incerteza frente ao novo, que altera o espaço físico, social e as estruturas de produção, que costumam ser a forma de vida destes moradores ribeirinhos

A construção de uma barragem representará uma edificação de uma catedral tecnológica, sob a qual submergirão para sempre os elementos materiais e imateriais que produziram, na região em questão, um determinado modo de vida e de expressão simbólica das populações que sucessivamente a habitaram. Em alguns meses, prazo de enchimento do reservatório, ocorre a supressão de uma paisagem que se vinha construindo ao longo de séculos de ocupação humana – aliás, os efeitos dessa supressão, pode-se

⁷¹ VIEIRA, Ubaldino Luiz. *Narrativa*. Campo Alegre, 29 jan. 2009.

dizer, iniciam-se antes mesmo do enchimento, já que a anunciada remoção dos lavradores interrompe os cultivos, mesmo em algum tempo antes da barragem do rio, conseqüentemente, estes atingidos por barragem, ficam à mercê do que a catedral tecnológica impõe para esta comunidade. É preciso considerar que parte significativa destes que interrompem sua produção vivem dela⁷².

No Brasil, a construção de barragens com vista a geração de energia hidrelétrica costuma pautar-se por critérios técnico-políticos, favorecendo e atendendo os interesses dos investimentos públicos e privados de grandes empresas, em detrimento dos interesses das populações atingidas por barragens, que por certo, são as mais carecidas de amparo e acolhimento.

Em Junho de 2012 a engenharia brasileira se viu diante de uma tragédia com o rompimento da barragem de Aldeões, no Piauí. A chuva foi apontada pelos responsáveis, como a causadora pelo rompimento. Alberto Sayão, sobre este evento, escreve para a Folha de São Paulo, denunciando a situação atual de outros empreendimentos hidroelétricos:

*Anualmente, muitas barragens rompem no país. Em reunião na ANA (Agência Nacional de Águas), falou-se em 800 acidentes ou incidentes com barragens brasileiras nos últimos oito anos. (...) A culpa desses inúmeros acidentes pode ser atribuídas à má gestão. Existem hoje no Brasil centenas de barragens sem dono, sem um responsável privado ou governamental.*⁷³

A instalação da barragem altera de forma significativa a qualidade da água, a forma do rio se modifica, algumas curvas submergem e longos trechos onde o rio era raso, passam a ter grande profundidade, ou seja, o rio passa a tender a necessidade de geração de energia em detrimento do uso dele por parte dos ribeirinhos. A foto a baixo mostra a placa indicando o risco de elevação rápida das águas do rio São Marcos,

⁷² SANTOS, Márcio. Irapé: a catedral tecnológica e a supressão de uma paisagem. In: *Revista eletrônica ComCiência*. Disponível em: HTTP//: www.comciencia.br Laboratório de Jornalismo Científico da Unicamp, n. 62. Fev. 2005. Acesso em: 23 set. 2012.

⁷³ SAYÃO, Alberto. A segurança das barragens brasileiras. Caderno Opinião. *Folha de São Paulo*. 10 jun. 2012.

Foto 5 - Placa indicativa sobre o risco de elevação rápida do rio São Marcos. Jan. 2013.⁷⁴

A narrativa do senhor Alcides atesta que estes benefícios advindos com a chegada do chamado progresso, materializado no empreendimento, provocou uma mudança significativa na zona rural das áreas atingidas. A partir deste período de instalação da barragem, o fenômeno da urbanização se expandiu. A soja, como exemplificado pelo senhor Alcides, se estendeu como um grande manto modificando a paisagem, conforme foto a baixo, juntamente com o plantio de algodão, principais produtos da cidade e região. No entanto, as atividades tradicionais não deixaram de existir no centro-oeste: pecuária bovina de corte e de leite e criação de porcos, voltados predominantemente para o abastecimento da cidade e região⁷⁵.

⁷⁴ Foto do Acervo do Centro de Referência (UFU/UFG) de jan. de 2013.

⁷⁵ ALMEIDA, Maria Geralda de. (Org.) *Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares*. Editora Viena, 2008

Foto 6 - O mar de soja. A soja se estendeu como um grande manto modificando a plantação típica de árvores baixas e retorcidas do cerrado⁷⁶.

A província de Goiás, e mais especificamente o sudeste goiano, foi descrito pelos viajantes como uma bela região, porém pobre se não fosse pelas riquezas minerais e, quanto essas se exaurissem, restaria “apenas um caminho sem caminhos”⁷⁷. Ouro e gado eram os únicos objetos de exportação, fora isso era provinciana, com um comércio extremamente rudimentar, cercada por dois rios, o Paranaíba e o rio São Marcos.

Segundo os dados mais recentes, o município de Campo Alegre de Goiás tem aproximadamente 6.286 habitantes, sendo que 1.7300 residem na zona rural⁷⁸. A comunidade rural de Rancharia, localizada na zona rural da cidade de Campo Alegre de Goiás foi a região escolhida para análise dos impactos sentidos pela instalação da usina hidrelétrica Serra do Facão, principalmente por ser o município com maior área submersa e por ter o maior número de famílias atingidas pela barragem.

⁷⁶ Fotografia tirada pela autora em jan. de 2009. Pertence ao acervo do Centro de Referência (UFU/UFG).

⁷⁷ SAINT-Hilaire, Auguste de. *Viagem a província de Goiás*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

⁷⁸ Dados disponíveis em: Secretária do Estado de Gestão e Planejamento. Disponível em: <http://www.seplan.go.gov.br/sepin>. Acesso em 12 de junho de 2013. Estes dados foram apurados no segundo semestre de 2012. Não há novas estáticas mais atuais disponíveis para consulta.

Tabela 2 - Aspectos demográficos de Campo Alegre de Goiás.

ASPECTOS DEMOGRÁFICOS				
População Censitária				
	1980	1991	2000	2010
Total (habitantes)	4.386	4.536	4.528	6.060
Urbana (habitantes)	1.051	2.094	2.871	4.481
Rural (habitantes)	3.335	2.442	1.657	1.579
Masculina (habitantes)	2.430	2.415	2.366	3.108
Feminina (habitantes)	1.956	2.121	2.162	2.952
Urbana Masculina (habitantes)	556	1.074	1.448	2.238
Urbana Feminina (habitantes)	495	1.020	1.423	2.243
Rural Masculina (habitantes)	1.874	1.341	918	870
Rural Feminina (habitantes)	1.461	1.101	739	709

Fonte: SEPLAN. Superintendência de estatística, pesquisa e informação do governo de Goiás.

A usina hidrelétrica Serra do Facão atingiu uma população constituída fundamentalmente por trabalhadores rurais, caracterizados como posseiros ⁷⁹, arrendatários ⁸⁰, trabalhadores sazonais temporários ou permanentes ⁸¹, que

⁷⁹ Posseiro é a pessoa que detém a posse de uma porção de terra, mas não é o considerado o dono desta terra, não possuindo assim documentação e registro em cartório, como por exemplo, quem ocupa terras devolutas sem registro e titulação em cartório. Terras devolutas são propriedades públicas que não pertenciam a um particular, mesmo estando ocupadas. Diferenciam-se destes por não estarem sendo aplicadas a algum uso público federal, estadual ou municipal, que não hajam sido legitimamente incorporadas ao domínio privado (Art 5º do Decreto-Lei n.º 9.760/46) enquanto que as terras públicas pertencentes ao patrimônio fundiário público são aquelas inscritas e reservadas para um determinado fim. O termo "devolutas" relaciona-se com a decisão de devolução dessas terras para o domínio público ou não, dependendo de ações judiciais denominadas discriminatórias. QUEIROZ, Maria Isaura. O campesinato brasileiro. Petrópolis: Vozes. São Paulo: Edusp, 1973. P. 45

⁸⁰ Arrendamento é um contrato de cessão de um fator de produção, pelo qual seu proprietário o entrega a outro para ser explorado, mediante determinada remuneração previamente acordada. Arrendamento rural é o contrato agrário pelo qual uma pessoa se obriga a ceder à outra, por tempo determinado, o uso e gozo de imóvel rural ou partes do mesmo, incluindo ou não outros bens e benfeitorias com o objetivo de nele ser exercida atividade de exploração agrícola, pecuária, agroindustrial, extrativa ou mista, mediante pagamento ou parte da produção. Seu traço característico é que o arrendatário, além de assumir os riscos da atividade agrícola, se obriga a pagar quantia líquida e certa para o arrendador, independente da produção. ALVES, Sandra Aparecida. *Vozes sufocadas: memórias, espacialidade e História dos moradores do Vale do Rio São Marcos*. Catalão: UFG, 2004. P. 77.

desenvolvem uma agricultura familiar e de subsistência complementada por atividades afins para pequeno comércio e troca entre os vizinhos.

Cada um destes municípios tinham pequenas comunidades que se relacionavam entre si, e tinham seus territórios divididos pelo rio São Marcos. A cada margem residia uma dessas comunidades. O contato entre elas, muitas vezes se dava em ocasiões festivas, como a Folia de Reis, a Festa do Divino Espírito Santo e a Cavalhada, tradicionais em todas as comunidades do sertão de Goiás.

A energia produzida pela UHE Sefac é o suficiente para alimentar uma cidade com 1,2 milhões de habitantes, ou seja, este empreendimento supriria Goiânia, que no último censo, realizado em 2010, consta que a capital de Goiás tinha 1,1 milhão de habitantes⁸². O reservatório da UHE Serra do Facão tem uma área de extensão de 218,84km² e cota máxima de inundação de 756km². A cidade de Goiânia tem 256 km², ou seja, a maior cidade do estado de Goiás tem uma área inferior a área de extensão do barramento do rio São Marcos para a instalação da UHE Serra do Facão. Com esta extensão territorial e esta capacidade de geração de energia, a UHE Serra do Facão assume a posição de 13^a maior usina hidrelétrica do país, num ranking que lista as 109 maiores, levando em conta a área de extensão e a capacidade de produção energética. Estes dados dão a dimensão do tamanho do empreendimento e, conseqüentemente, do impacto causado por ela.

O retorno a esta região em 2012 e 2013 para registro das narrativas foi sem agendamento prévio, pois os moradores da zona rural não tem telefone. Na primeira ida fomos diretamente ao hotel de uma de nossas colaboradoras que nos indicou formas de acessar a zona rural de Rancharia e as novas moradias de alguns remanescente. Porém, como estávamos no período chuvoso, e os acessos serem exclusivamente por estradas de terra, encontramos muitas dificuldades de acesso. Por

⁸¹ Sobre trabalhadores temporárias, J. de S. Martins define: “Mais do que migrantes temporários, há um definido universo social da migração temporária. Mais do que trânsito de um lugar a outro, há transição de um tempo a outro. Migrar temporariamente é mais do que ir e vir – é viver, em espaços geográficos diferentes, temporalidades dilaceradas pelas contradições sócias. Ser migrante temporário é viver tais contradições com duplicidade; é ser duas pessoas ao mesmo tempo, cada uma constituída por específicas relações sociais, historicamente definidas; é viver como presente e sonhar como ausente. É ser e não ser ao mesmo tempo; sair quando está chegando, voltar quando está indo. É necessitar quando está saciado. É estar em dois lugares ao mesmo tempo, e não estar em nenhum. É, até mesmo, partir sempre e não chegar nunca.” MARTINS, José de Souza. O voo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil. In: *Não há terra para plantar neste verão: o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo*. Petrópolis: Vozes, 1966. P. 45.

⁸² Disponível em <http://www.censo2010.ibge.gov.br/amostra/>. Acesso em 29 de abril, 2013.

inúmeras vezes tivemos que retornar para a zona urbana e aguardar a chuva acabar para tentar novamente mais tarde ou no dia seguinte. A balsa que poderia ajudar em alguns trechos estava fora de funcionamento. Foi possível perceber a dificuldade de acessibilidade destes remanescentes.

Porém, quando os encontros aconteciam os alguns destes homens do campo nos recebiam de forma hospitaleira. Quando convidado a falar sobre a sua vida, os lavradores⁸³ do interior de Goiás contam sobre seu trabalho. Entre as atividades de manutenção da propriedade e a produção direta de alimentos de origem vegetal e animal, estes ribeirinhos empregam a maior parte do seu tempo e de sua vida. O trabalho na zona rural envolve toda a família, para as crianças são delegadas atividades mais brandas, porém importantes para o plantio, colheita e criação do gado.

A linguagem deste homem sertanejo se assemelha aquela apresentada nas obras de Guimarães Rosa. No repertório dos entrevistados é recorrente expressões como “alumia” e “matula” ambas presente no conto *A terceira margem do rio*⁸⁴, do mesmo autor. Sendo assim, embasadas na forma poética, e lírica, tanto dos entrevistados quanto de Rosa, fizemos a opção de preservar as falas no ato de transcrever suas narrativas, apenas, quando necessário, uma nota explicativa do termo e da expressão usada.

Outra característica marcante das obras de Rosa é posto de forma clara e poética em sua literatura: a travessia. É na travessia, na passagem, no inacabado, na constante transformação que está presente o modo de ser do homem do sertão, “nos perigos do indefinido e da liminaridade, por isso viver é perigoso”.

A história de vida do senhor Lázaro foi narrada sob a sombra de uma árvore do seu quintal. Ele é um senhor muito astuto e bem humorado acredita que a vida sempre muda pra melhor. Na segunda entrevista ele já residia em sua nova moradia, a

⁸³ Lavrador será considerado o produtor rural que lida diretamente com a terra, porém não é, necessariamente proprietário dela. A categoria lavrador envolve trabalhador rural meeiro, o assalariado rural diarista, donos que trabalham em suas próprias terras, assim como o peão, que combina a alternativa associada de acesso à terra e a venda de sua força de trabalho. Camponês ou pequeno proprietário é o produtor agrícola dono de pequenas porções de terra de pequenas dimensões; trabalhador direto em regime de produção familiar e, em geral, não apropriador de força de trabalho de outros. Com raras exceções, a maioria dos entrevistados são camponeses e lavradores. Sobre estas definições, conferir: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Plantar, colher e comer: um estudo sobre o campesinato goiano*. Rio de Janeiro: edições Graal, 1981.

⁸⁴ ROSA, João Guimarães. *Primeiras histórias*. Rio de Janeiro :Nova Fronteira, 1960.

casa de azulejos e com energia elétrica que ele imaginava desde quando soube que seria desapropriado para a instalação da barragem.

Lázaro Dias Canedo

Foto 7: Sr. Lázaro, durante entrevista⁸⁵.

... eu só quero outra terra, eu num quero dinheiro, eu num sei negocia em dinheiro.... Somos aqui igual passarinho, a gente conhece tudo e sabe quanto que vale tudo aqui, só de ver, sem precisão de bota dinheiro no meio. O dinheiro faz a gente não entender, é melhor trocar terra em terra.

Meu nome é Lázaro, mas as pessoas me chamam de Lazim, eu gosto mais de Lazim que de Lázaro. Sou proprietário desta terrinha aqui. Isso aqui é tudo de bão pra mim, aqui eu crio meus porco, minhas vaquinha, minha hortinha, tem de tudo aqui, aqui é o mesmo que viver num paraíso. Aqui nós é que produz e que pranta horta, que tira leite, mexe com porco, com galinha, com tudo quanto há. Nós pranta arroz, nós pranta feijão, nós pranta milho, muita abrobera pra tratar das criação, bananeira, quiabo... Na horta nós pranta muito legume na seca, agora não, nós pranta só na seca,

⁸⁵ Fotografia tirada pela autora em jan. de 2013. Será doada ao acervo do Centro de Referência (UFU/UFG) e ao Diversitas- USP.

pra irrigação de água, nós faz pra despesa da casa.

Eu trabaio na lida mesmo, num fico beirando a casa. O serviço do homem é um serviço que é pra lá, não em redor de casa. Porque o home que fica em redor de casa não é homem, num presta! Desde que eu era menino era assim, as muié trabaia de dentro de casa e na hortinha delas, e homem trabaia na lida dura, no roçado, faz cerca, bate pasto, tira leite, mata porco, mata vaca e leva as carne pras muié termina de fazer tudo lá dentro de casa. Do mesmo jeito que homem tem que trabaia muié também tem, só que lugar diferente. Se não for assim num presta, não funciona, por isso que tá essa anarquia que tá hoje. Hoje os mais novos querem misturar tudo, dizer que o trabalho não tem que ser separado.

Eu levanto as 4 da manhã, eu mais a Eva, né? A gente levanta toma um cafezinho preto e eu já vou buscar leite. Trago todo dia leite fresquinho, a gente tira um litro pra nos tomar e o resto a Eva faz queijo, ela é a melhor fazedeira de queijo que tem aqui! Vendo todo dia tudo. Depois disso eu vou oiá os gado, os porco, trata deles, e vou fazer produção de alimento que é pra nós ter comida pra nós mesmo, as vezes até dá pra vende um pouquinho, mas é as vezes é muito pouco, não dá nada em dinheiro, nem vale a pena.

Aqui nós tem tudo, a única coisa que nos começou a comprar na cidade é guaraná. A Eva adora tomar do Guaraná, ela fala que faz cocega no céu da boca dela! Eu num gosto daquele trem de jeito nenhum. Eu compro só fosqui (fosforo) pra acender o fogão a lenha e pasta de dente, o resto é tudo de produção. É muito mais mió e muito mais barato. Ir na cidade é uma trabalheira, eu as vezes, peço pro cumpadi que vai na cidade trazer essas coisas pra mim, porque eu mesmo só vou lá quando tem muita precisão.

Tem os filhos que moram na cidade. As vezes eu vou lá mais é rápido, é só ver rapidinho e volto. Eu mais a Eva juntamos, nós tem 15 filhos, eu tenho 5 e ela tem 10. Em vista dela eu tenho pouco filho. Todos são casados e moram tudo por aqui mesmo, tem uns que moram na cidade, esses que eu vou lá as vezes visitar. Eles foram pra cidade modo de os filhos deles estudar. Mas sabe, filho é igual pardalzinho, aparece só quando eles querem mesmo. Nós pais somos igual pássaro preto, a gente não sai do lugar, então fica eu mais a Eva, dois pássaro preto, esperando os pardalzim. Os netos vem aqui as vezes, mas vem pouco também, eles tão estudando, isso toma tempo diário deles. Nas férias eles vem, fica quase um mês aqui com nós. Os netos vem, fica ai, vai embora, nós fica com sodade (saudades), mais tem que esperar a

outra férias pra eles voltá outra vez, né?

Eu trabalhei a vida inteira, segurei muito pra mim pode compra uma terra, pra mim pode aposenta e vive na terra sem precisa ta trabalhado pros outro, eu trabalhava a noite, até tardão da noite. Eu já fui vaqueiro, motadô de cavalo, fui tiradô de leite pros outro, trabaiei e sufri muito pra adquirir esse pedacinho de terra pra nos sobrevive até o fim da vida. E assim lá vai levando... acho que isso os filhos e nem os netos percebem, eles acham que a fazenda é lazer, mas é lazer deles, nosso aqui é trabaio duro! Antes da gente comprar essa terrinha boa, a gente trabaiaava pros outros, eu era caseiro e lidava na roça diário, a Eva fazia serviço de casa e ajudava na roça também.

A gente quase num tinha gasto com nada, a gente comia o que tinha na roça que a gente trabalhava, nosso patrão deixava nós come de lá. E assim, nós foi juntando um dinheirinho, comprando bezerro, vendendo e comprando umas vacas leiteira, e depois nós vendeu tudo e comprou essa terrinha aqui. Comprei ela pititinha, e fui devagarzim comprando os entorno dela. Hoje, aqui tem seis alqueres. É suficiente pra nós, num precisava mais que isso não. Dá pra ter criação, horta, pomar, essa casinha que é pequena mas é só nós dois mesmo. Quando vem gente a gente aperta que cabe todo mundo!

Quando veio a ideia de barragem nós sentiu muito medo. O povo tinha um comentário que essas barragens não pagava o povo, desapropriava o povo e num pagava, e nós fico naquele pra lá e pra cá, sem sabe o que que era. Um falava uma coisa, outro falava outra, mas na minha mente eu pensei que eu ia receber, por que eu logo peguei ser amigo do povo da SEFAC, da turma da SEFAC, ai eles falo: “oia, assim, vai ser a época de nós faze os pagamentos pro cêis, nós não vai dá prejuízo em ninguém.” Aí tiro aquilo da minha dúvida, quando eles começo a fala, ele logo pediu reunião aqui em casa! Toda reunião que eles fazia era aqui, embaixo do meu pé de manga. Aqui juntou gente que ave Maria! Os funcionários da Sefac foram explicando que todo mundo ia receber, que ninguém ia ser prejudicado. Eles prometia muita coisa pra nós, que nossa vida ia ficar igual ou melhor, que ninguém ia ficar desamparado. Antes disso tava todo mundo com medo, assustado, tinha gente querendo vender as terras e quase não tinha gente querendo comprar, depois que eles explicou ninguém mais queria vender, mas ai começou aparecer muita gente querendo comprar, isso fez as terras fica muito mais cara, mais valiosa.

Antes da Sefac vim esclarecer tudo pra nós veio uma muié de Santa Catarina, uma loira, diferente, falava engraçadinho, parecia que ela cantava ao invés de falando.

Ela disse pra nós aqui que esse povo de barragem é tudo enganado, que eles pagavam ninguém... Aí nós fico louco meu Deus do céu!

Essa muié foi atingida lá nas terras dela, e ela disse que nunca recebeu. Mais eu acho que eles vão pagar tudinho pra nós aqui, eles vem dentro da casa da gente, panha amizade com nós, não é possível que eles vão providenciar nós. Outra coisa que a muié falou é que lá na terra dela, quem recebeu tá hoje tudo na lona, porque eles gastaram tudo e ficaram sem terra, sem dinheiro, mas aqui eles tá fazendo tudo muito bem feitinho, eles disseram que vão pagar em dinheiro, mas que a gente não vai poder ficar comprando e vendendo tudo toda hora não, que a moradia vai ter que ficar por 4 anos, que eles vão acompanhar nós este tempo todinho, 4 anos é muita coisa, né?

Ganha indenização tanto os proprietários, os arrendatários, os diaristas, todo mundo que lida com a terra vai ser indenizado, eles disseram que não vai ficar ninguém desamparado. Eles não tá deixando ninguém de baixo da ponte... A nossa região aqui, tá tudo organizadinho e se alguém quiser o dinheiro e ir pra qualquer outro lugar pode também, eles não vão ficar vigiando a gente não.

Teve um cumpadi nosso que já recebeu tudo e foi embora, ele foi pra Carmo do Paranaíba, ele chorou de mais no dia da mudança, ele gostava daí de mais da conta! E ele é atingido, num teve jeito dele continua na terra dele, porque tomou tudo a produção e a sede dele. Fico ruim de mais a fazenda dele e ele entregou tudo pra Sefac, vendeu tudo e foi embora, ele acho ruim, chorou de mais, ele e a muié dele. Ela tava muito sentida, todo mundo tava sentindo, e um caminhão passou na hora que a gente tava falando deles, aí que foi mesmo aquela choradeira.

Quando nós compro aqui a gente não sabia se ia ser bom, a gente comprou porque era mais barato. A gente não conhecia essa região do lado de cá do rio, a gente mora a vida toda do lado de lá. Mas, a gente aprendeu a gostar daqui, logo de primeiro. Aqui é bom e é nosso! Eu recebo aposentadoria, e emprego esse dinheiro na fazenda, junto, compro umas vaquinhas, hoje já tô com 30 vacas, e produz queijo e vendo, leite a gente tem com fartura. Num falta pra gente daqui. A gente não chega a juntar leite pra vender na cooperativa, porque eu tiro o soro pra alimentar os porcos, nós faz queijo mas nunca falta leite aqui em casa. E a Eva sabe muita receita que vai leite. Esses dias ela fez doce de leite, ficou o trem mais bom do mundo!

Os porcos atacam de mais, eles são caros! Da um trabalho que Nossa Senhora! Tinha uma porca sortida aí, que eu falei pra Eva: “Oh se não fecha essa porca eu vou mata-la mesmo!” Eu mais o cumpadi João pelejava com ela, antes de ontem deu uma

chuva aqui, a porca fico com medo, ai nós fecho ela dentro do chiqueiro e ela não saiu mais. Ela é custosa. É atentada feito o cão. A gente precisa dos porco, se não precisasse não criava eles não. Nós precisa da banha, da carne e do óleo. A gente faz carne na lata (carne conservada na banha do porco), guarda banha pra cozinhar, o porco é muito importante pra nós aqui.

Depois do porco o mais importante é as galinha, mas elas fazem greve quando tão trocando de pena, ai elas não botam ovo, não dá pra contar com a renda delas. Elas somem, elas não botam, mas elas é baratinho de mais de manter, de tratar e o ovo, quando tem, é valorizado, a gente vende e usa na alimentação nossa aqui. Tem compradô que vem na porta. Quando tá bem eu vendo 3 duzia por semana, já é uma rendinha, já é dinheiro da pinga pro truco!

Essa vida boa nossa aqui vai mudar muito, vai mudar pra melhor, eu acho. Eu negociei com Sefac, eles me ajudaram a negociar com eles mesmo. Quando eles começaro a paga, fui falei com eles: eu só quero outra terra, eu num quero dinheiro, eu num sei negocia em dinheiro.” Somos aqui igual passarinho, a gente conhece tudo e sabe quanto que vale tudo aqui, só de ver, sem precisão de bota dinheiro no meio. O dinheiro faz a gente não entender, é melhor trocar terra em terra. Ai surgiu o dono na nova terra que eu tenho e disse que queria vender tudo. A Sefac junto nós e nem me deu dinheiro. A Sefac mandou eu ir lá ver a terra, se fosse do meu agrado eles iam ajudar a negociar. Eu nem precisei ir lá pra ver, eu já conhecia, ja tinha trabalhado lá, ja foi ajudar por cerca, bater pasto, eles perguntaram se servia pra mim, eu disse que servia. Só que a terra era muito grande, foi preciso repartir, ai eu pedi pra Sefac vender a outra parte pro meu irmão, que também ia ser desapropriado, que assim nós continuava ser vizinho. A Sefac fez tudo, só me passou a outra terra. Foi bão pra mim e pro homem que queria vender, ele recebeu direitinho da Sefac. Eu nem vi a cor do dinheiro. E meu irmão vai continuar sendo meu vizinho. A gente aqui fala de vizinho, que eles é bão, mas o meu é ainda mió! É meu vizinho e meu irmão! E ainda joga truco! Tem coisa mió que isso?

A terra nova fica na distancia de 4 quilometros daqui, é perto. É na região aqui, desse mesmo lado de rio. A casa tá ficando muito boa, eles vão me entregar ela com zulejo (azuleijo) e vai ter nergia (energia). O ruim é só que o fogão vai ficar do lado de fora, mas é o jeito que teve pros zulejos não trinca tudo. A Eva não quer fogão a gás de jeito nenhum, ela diz que não cozinha, não esquentar. Ela tem um fogão a gás, mas ela usa de armário, nem tem o botijão. Eles são muito caprichoso, tá ficando

muito bonitinha a casa. A nergia a gente que vai pagar, mas eles fazem a mão de obra tudo.

Eu sei que a Sefac não ajudou todo mundo, que teve gente que cramô (reclamou), eles não tinha condição de judá todo mundo, é muita gente, é mais de 400 famílias só com essa barragem, e tem mais duas barragens saindo aqui no mesmo rio, eles disseram que o dinheiro da indenização é o mesmo pra pagar todo mundo.

A terra da minha outra terra é igual essa aqui, é muito boa, dá pra pruveitá bem ela. A outra terra é mais velha, mais impenada, mas as duas são terra boa. Eu to satisfeito, muito satisfeito! Muito mesmo... A maior insatisfação é que os amigo ta mudando tudo, e até agora todo mundo recebeu. Nosso medo era fica desprovido de tudo. O mió seria se ficasse como tava antes, mas já que vai mudar, que todo mundo vai ter que sair, não tem outro jeito, pelo menos tá todo mundo recebendo direitinho. Vai ficar pouquinha gente aqui, hoje nós é uns 35, 40 aqui berando o rio, agora, depois da barragem, vai ficar só uns 6.

Os vizinho era muito bão pra nós aqui, isso vai fazer falta, mas pelo menos eles receberam, meu irmão vai fica aqui comigo. Na época que a gente tava com medo era muito pior. Nós uma vez de tanto desespero, foi de ônibus até Goiânia pra ouvi o que tava sendo planejado pra nós aqui, se alguém sabia o que ia acontecer, nós nem dormia, não sabia se plantava, se vendia, se ficava, nós tava feito cego em tiroteio, não sabia nem pra onde correr.

Nós foi umas 50 pessoas no ônibus lá em Goiânia, todo mundo atingido pela barragem. O Doutor Jardel falou que não, que a Serra do Facão não tinha nada que ia nos providicá, que era pra nós carmá (acalmar). Que onde tivesse produção de gado, produção de cana, ia receber tudo direitinho, que não era hora de desesperar. Aqui não era um lugar disprodutivo (improdutivo), então o lugar tinha sido iscuido (escolhido) e eles ja sabiam que ia te que paga nós direitinho. Um outro deputado falo que não, que todo luga quem tinha uma terra, que todo mundo que vivia naquele lugar com produção pequena ia receber. Mais que lá era lugar de tranquilidade, e eu tava indo leva discórdia pra eles, me acusou de que eu tava é organizando uma coisa muito descombinada, que eu tava atrapalhano os eleitor dele, que ele nem podia ganha a eleição em Catalão mais, e ai o cumpadi Silvio respondeu: “quem mora lá tem sua produção, tem sua oportunidade que ta lá, se ele nunca mudo, se ele nunca robô, se ele nunca mato ele ta lá, então ele vive daquilo lá. Aquilo lá é um lugar que nós gosta, então ocê tem que dá um dedicação pra ajuda nós e não povidica (prejudicar).”

Ai o que ele respondeu pra nós assim: “ eu dei o armoço disinteressado procêis aqui, não interesse no que ocêis ta falando e nem o que ocêis é.” O que ele falo pra nós foi assim, ai aqueles deputado tudo foi falando, ai veio um secretário de un deles e falou assim: “não, isso é uma coisa que tem que ser resurvado é antes da barrage, mais na hora que tive sendo construído vai ser tudo resurvado, porque eles não vão dá prijuizo ocêis porque essa firma num dá prijuizo os outro, e tem muita gente aqui mal dizendo que a Serra da Mesa, do Tucuruvi não pago, mas isso é um despeito que eles pode até ter, mais que ocêis vai ser beneficiado ocêis vai ser. Eles vai beneficia todo mundo, muda suas nergia, muda seus barraco, muda suas casa, muda suas terra, ai é que vai ser, cuntinua a mesma coisa cum mais um tempo cuntinua”

Isso foi em 2003. Faz mais 5 anos que nós foi lá. Ai nós veio mais carmo (calmo), nós veio fazendo farra no coletivo, no ônibus de noite! Até chega em casa! Ai a gente viu que era hora de esperar. O governador viu nós lá em Goiânia, ele passou e fez só um tchauzinho. O Perilo, só deu continência pra nós e viro as costas e num apareceu mais, ele mando o secretário dele que foi lá e exprico assim mais ou menos, e sumiu também. Ai nesses três anos até a barragem chegar de verdade a gente fico na dúvida, a gente não sabia se prantava ou se esperava a negociação, né? Fico naquela, uns falava: “pode pranta!”, uns falava que isso vai demorá uns dez anos, outro que vai demorá cinco ano... , e nisso eu fui um pouco perdendo a crença, foi abandonando as coisas, porque nós num sabia se nós ia ter uma produtiva boa, se nós tinha alguma coisa que num ia cunvinía (convir). Pra nós foi ficando daquele jeito. Ai depois eu fui lá, conversei cum chefe da Sefac, que era o Ivam, e ele falo assim: “Nóis vamo ter uma reunião lá com cêis, nós tem procura uma casa, uma árvore, um lugar, um trem que tem uma providade”, e chamo a comunidade intera pra ixprica pra gente, aí nós marco pra cá, e todas reunião da SEFAC foi aqui, embaixo deste pé de manga que vai pra de baixo da água agora. O escritório deles era aqui, no meu pé de manga.

Quando ia ter reunião ajuntava gente de mais da contá! Ele exprico tudo pra nós e depois nós ia lá, cunversando, expricando... Mandava chamar mais gente, eles falam quem era pra nós chamar e nós chamava pro próxima reunião. Nisso foi todo mundo entendendo melhor, e foi tirano as dúvidas... Eles veio cá só pra tira as dúvida e sempre eles vinha. Quando eles num podia vim, eles manda as secretária deles vim. Foi muito bom, nós fico muito satisfeito, deles fazer isso pra nós. Tiro nós do lugar que nós ta, mais amparô todo mundo, tá todo mundo tranquilo...

Mas graças a Deus eles foi muito bão pra nós, eu to satisfeito! Igual o cumpadi Manel, ele tava morando de favor ali na casa, trabaiano aqui, ali, mexendo, fazendo os carvão dele, mas agora ele tem o abrigo dele, se ele fala: “hoje eu num quero mais nada”, ele tem o obrigo dele que é um lugar pra ele mora, eles num deixo ele a toa...

Eu tinha medo o que ia ser dessa veiarada (velharada) aqui! Pensei que ia ficar tudo no desobriga. Eu to satisfeito de mais! Eu gosto de mais daquele povo! Depois que a barragem vim vai ter muita gente vindo aqui passear, ver o lago bonito que vai formar, vai vim gente pescar, andar de barco, nadar. Esse povo de Brasília tudo passa por aqui pra ir pra São Paulo, Uberlândia, eles vai posar aqui, vai ter muita pousada, hotel. Vai ser bão.

Eu, de primeiro, tinha raiva deles da Sefac, tinha medo deles e rancor. Agora eles virô tudo amigo, até mandei por o nome do meu neto de Ivan, pra homenagear o engenheiro que negociou por nós e ajudou muito nós aqui. Se acontece da água fica lá perto na minha nova propriedade, igual eles tão falando, vai fica bonito, lá vai ser o ponto deles desce e vaza da braquiária!

Minha casa vai ficar a uns 200 metros do rio. Esse rio é até congestionado de tanto peixe! É apinhadinho de peixe de tudo quanto há marca, sabor e tamanho. Vai ficar muito bão pra nós tudo aqui. Tem muito piá, tem pacu, tem barbado, tem pintado, tem jaú, tem pirapitinga, tem mandiga, tem muito.

Minha casa fico a 200 metros do piquete lá ai eles acho até bão, falo que nós tá cumprindo a lei certinho fazendo mais distante. Então tá bão, eu fiquei satisfeito, foi lá é que nós fez sem medir. Aí eles foi lá mediu, deu isso, se a gente tivesse feito a casa mais berando a gente ia ter que desmonta e fazer em outro lugá.

Esse negócio de barragem aqui é muito antigo, a gente viveu muito tempo com medo dela. Eu vi uma vez um povo estranho andando aqui na região e fui pergunta pra eles o que era aquele trem que eles tavam fincando dentro do chão. Eles respondeu assim: “é uma barrage que vai surgir aqui, é o nível da água que ela vai pegar”. Ai eu falei: “mas quando é isso?”, eles disseram que eles não sabia quando, mas que ia chamar Serra do Facão e que eles só sabiam que tinham que medir o nível da água que era e que ia ser depois da barragem. Isso faz muitos anos. Eu era menino, tinha uns 16 anos ainda, hoje tô com 67, mas depois ela sumiu, e a gente paro de ouvir falar dela, depois voltou com tudo mesmo foi em 2000. Eu fiquei naquela dúvida com aquele tem... Ai quando nós percebeu, eles tava fazendo notro morro da outra

banda, eles rudiaram de cá, rudiaram de lá em cima e fez no outro morro. E eles fizeram picotação desse trem. E ta lá até hoje esse marco, tem um marco lá direitinho, eu mostro lá quaque hora que você quiser ver.

É no São Marcos, disse que era pra fazer essa barragem lá. Isso que ninguém nem lembrou disso mais, isso acabou! Quando passa pra 1995 sai um povo fazendo pesquisa, fazendo um povo fazer assinatura. O povo todo mundo assinando aquilo, aí disse que era essa barragem, isso ainda demora mais quatro anos pra ela poder vir. Aí ela veio! Veio, mais veio com tudo! Essa barragem tem anos de mais que tá programada, Deus me livre! É tudo muito demorado isso é que fazia a gente desinteressar.

Quando a gente foi lá pra Goiânia, quem que liderou isso, foi um povo da MAB, aquele povo que junto nós e levou lá. Nós foi porque tava era com medo do desamparo, do desabrigo, mas a gente nem tinha pensado de ir sozinho. O padre Orcalino e o Dom Guilherme é que chamou esse povo da Pastoral da Terra e do MAB pra juntar nós tudo e ir lá pra acertar e convenir tudo pra gente.

* * *

Eu num gosto de ficar reclamando, gosto de resolver a vida, ela sempre vai ficar melhor que era... Mas as vezes eu desconfio...

A vida num ponto tá ruim em outros tá bom. Depende do jeito que a gente quer ver. Eu aceitei negociar, eu fiz tudo de acordo com o que eu achava devia aceitar, assinei tudo que eles me pediu, deixei livrinho pra eles entrar e sair da minha propriedade antiga e da nova a hora que eles queria. Tinha vez que vinha um monte de carro diferente, eu ficava até preocupado. A gente num conhece esse monte de gente, né? Mas era trabalho deles, não era certo eu prejudicar eles, nem criar problema.

Eu assinei com a Sefac, e pra eles lá da Sefac, assinar é igual o quê dá sua palavra, vale até mais, é igual o quê abriu tudo pra eles. Até no dia de assinar eles ficava nervoso, apressando nós, depois que nós assinamos foi igual jogar um balde de água fria na fogueira, eles tudo ficou ruim...

O que ficou ruim pra gente é que o engenheiro que negociava com a gente saiu da Sefac, a gente não tinha mais como falar com ele. Quando a gente ia lá ninguém conhecia nós, era o mesmo que nós fosse um estranho pra eles porque era mesmo.

Eu chegava lá no interfone e falava: “aqui é o Lazu da Eva. Eu vi conviniá com o Ivan, que é o engenheiro que conversa com nós”. A pessoa dizia que não tinha nenhum Ivan lá. Eu ficava desinsofrido com aquilo, amargurado, parecia que tinham me passado pra traz, mas eu sei que não era isso... A Sefac é uma empresa séria, uma empresa grande, eles não ia fazer isso com nós.

Passava uns dias eu ia lá e nem contava nada pra Eva, pra ela não preocupá, eu falava pra ela que eles tava resorvendo tudo. Mas eu ficava amargurado com aquilo, ninguém lá queria saber de conversa com nós.

Eu fiquei pensando será que aquele povo do MAB tinha razão? Será que eles tava certo? Porque a Sefac dizia que ia acompanha a gente tudo, todos os atingidos por 4 ou 5 anos e eu não via mais ninguém pra poder conversar. Só ia uma gente estranha que num num era funcionário da Sefac, era só medidô da empresa que não conhecia nada nem ninguém de lá, eles iam lá na minha propriedade e dizia que as medida tava dando pobrema, que eu ia ter que tirar todo o pomar que eu tinha prantado. Eu ficava preocupado com aquilo, ainda num tem nada ressovido, num sei o que vai acontecer com isso, mas eu não vou aceita não! Num é justo! Eu segui tudo que eles disseram, prantei só onde eles disseram que podia, agora o povidicado vai ser eu?

A vida num tá ruim, só que também num tá boa. Tá tudo indefinido ainda. Isso deixa nós sem saber se corre ou se fica parado. Ao invés de mandar esse monte de gente pra agiliza a medida que eles querem, eles podiam mandar uma vez alguém pra nos acudi, nos orienta, a gente fica perdido.

Agora aqui nós tem nergia. Isso foi uma coisa muito boa pra nós. Nossa vida fica mais fácil. Mas o tanto que tá vindo cara a nergia nós num dá conta de paga ela não. A Sefac num tem nada que vê com isso, mas eles podia só exprica o que que nós pode fazer pra vim num preço miozinho um pouco. Nem minha família que mora na cidade e tem muito objeto que usa luz paga tanto de nergia, eu acho que tem alguma coisa errada aqui.

Eu num gosto de ficar cramando, gosto de resorve a vida, ela sempre vai ficar melhor que era. Mas as vezes eu desacredito...

Meu irmão ficou sendo meu vizinho aqui na casa nova, mas ela tá numa labuta doida na terra dele e as coisas ainda não certa pra ele. Eu acho que eu providiquei ele, porque eu queria tanto que ele ficasse aqui comigo que nem procupei se as terras dele ia ser de acordo pra ele.

A casa dele ficou boa, mas ele num tem sossego pra plantar. As terras dele lá

são pior e fica longe do rio, outra coisa é que a empresa ainda não falou pra ele onde ele vai poder cultivar em definitivo, eles fala um lugar, depois fala outro. Plantar custa, gasta tempo, mão de obra, tem que ser tudo planejadinho, conforme o tempo de Deus. As plantas tem tempo certo de plantar pra colher.

Minha casa aqui tá um luxo só! Uma beleza! Tem zulejo, tem nergia, tem fogão a lenha pra D. Eva cozinhar do jeitinho que ela queria, mas eu nem sei te dizer porque que eu num gosto daqui. Parece que tô na casa de alguém fazendo uma visita, nao parece que aqui é minha casa...

Mandeí rancar uns azulejo do quarto, o zuleijo fico bonito, mas é frio e liso, a gente escorrega. Eu imaginava outra coisa com a casa, com os zulejos, de ter nergia...

Mas não vou ficar aqui cramando. Vou resorve isso. Vou esperar e ver o que empresa vai me dizer, se eles falar que o preço da energia e esse mesmo, eu vou ter que tirar essa nergia daqui.

Esta terra nova aqui num é ruim, mas o lugar que ela fica é mais afastado da cidade, pra mim ir lá pra vender queijo ou pra comprar qualquer coisa fica mais difícil, tem que pegar um trieiro e uma vicinal que fica lá pras terras de Pirapitinga, fica longe pra ir. Tem que compensar ir na cidade, eu já num gosto de cidade, só ia quando tinha muita precisão, agora nem num vo mais mesmo, nessa lonjura!

Acho diferente a roça ficar longe da casa, mas diz que agora o bom é ser assim. Antes minha roça era juntinha da casa, do meu pomar eu ouvia a Eva chamando, agora nessa casa nova a roça fica longe, tem dia que eu acho mais facil ir de marmita pra lá que ter que andar até aqui em casa. Como eu virei bóia-fria, parece que não to trabalhando pra mim. É engraçado isso... Quando eu almoço na roça eu até tiro um soninho bão depois do almoço, quando eu venho em casa as vezes não dá tempo. Eu já fui bóia-fria antes, mas eu tava acostumado a ser bóia quente dentro de casa! Comecei fazer minhas plantação aqui. A casa já tem horta, já to fazendo um pomar. Eu vou apender a gostar daqui, mas é muito diferente da minha casa, de onde nós morava, lá nós já sentia que sabia de tudo, que conhecia tudo, os vizinhos, o pomar, a horta, os animais. Aqui mesmo sendo pertinho, é uns 4 kilometros da antiga propriedade, é tudo diferente. A casa, os vizinho, a terra... Também é uns 4 kilometros mais nem tem jeito de chegar lá mais não, tem o rio que fica no meio agora.

O rio aqui na beira desta priopriedade ainda é o São Marcos, mas parece que nós nem conhece ele. Primeiro porque ele tem pouca água aqui neste trecho, quase

nem da peixe. Outra coisa é que o rio não é mais meu. Eu não posso usar ele pra minha terra, agora ele é da Sefac, tem uma placa lá avisando que ele ficou perigoso, que ele epode subir de uma hora pra outra...justo ele, que era mais carmo que nos tudo aqui!

Teve dias de santo aqui que passou eu mais a Eva e só. Esse lugar aqui ficou muito grande pra tão pouca gente que ficou aqui e os que ficaram estão bem desinsofrido... Antes nos dias santo a gente festava na beira do rio, nos fazia fogueira de São João, era uma beleza!

Eles crama, eles peleja com a terra, peleja com os trem e fica na dúvida se vai ter algum acompanhamento pela usina. Eles falavam que a gente não ia ficar desamparado, que eles iam orientar nós por uns 4 anos, até nossa vida fica igual ao que era... Vamos ver no que dá.

* * *

Para além da comoção que esta usina provocou na vida destes afogados, o que podemos compreender sobre as mudanças em suas vidas? A angústia com que o senhor Lázaro conta os acontecimentos e as incertezas na nova casa são marcantes em sua vida, sua força em vencer e sua decisão em não ficar se lamentando, deixam explícita a situação de incertezas frente ao novo e ao desconforto com a casa que, antes de concretizada, simbolizava uma melhoria na forma de vida.

A narrativa do senhor Lázaro aponta não apenas sua história individual, mas também a trajetória das pessoas que, assim como ele, foram afogados por algum empreendimento de usinas hidrelétricas. O abandono forçado das beiras dos rios e dos locais de moradia e trabalho representa um fato irreversível para a esta comunidade ribeirinha, sendo este fator recorrente na história de construção de usinas hidrelétricas, pela própria necessidade dela usufruir da força das águas do rio como fonte geradora de energia. Este fenômeno é marcado pela impossibilidade de recusa dos ribeirinhos das propostas de deslocamento.

O componente básico deste deslocamento humano é a compulsão , ou seja, não estamos tratando aqui de migrações provocadas por conjunturas econômicas

desfavoráveis, ou de políticas que incentivaram a migração. A compulsão significa a irremediável liberação das áreas a serem alagadas ocupadas. Não existe, portanto, qualquer possibilidade de permanência na beira dos rios, ou recusa do abandono das residências, fato que torna o deslocamento irreversível.

Isso faz com que o deslocamento, apesar de ser movido por um objetivo planejado, traga consigo um elemento de imprevisibilidade quanto ao destino e a forma de adaptação a este novo lugar de moradia.

Diversas questões aparecem na história do senhor Lázaro, como a forma que a mudança incide sobre os modos de ocupação e apropriação dos espaços privados de moradia. Para o senhor Lázaro a compensação se deu com o estabelecimento de um novo lugar para morar, uma casa com acesso a alguns serviços que, apesar de constituírem direitos da cidadania, não eram disponíveis, tais como água encanada e energia elétrica. É evidente que tais serviços representam melhorias, porém não são elementos compensatórios da perda destes afogados ao acesso à beira do rio.

Em documentos elaborados por técnicos da empresa que traçam as possíveis formas de mitigar os impactos sociais, fica evidente que eles reconhecem o quanto estas ações tomadas ficam aquém das dimensões que surgem nas novas moradias dos remanescentes,

Existem indicações de que o tratamento dispensado ao deslocamento involuntário deste grupos é pouco satisfatório. Essas indicações são oriundas dos movimentos reivindicatórios formados por pessoas afetadas pelas obras. Certamente, o alto índice de fracasso de esquemas de realojamento, possa ser atribuído, em parte, às premissas da elaboração dos próprios métodos de mitigar os impactos sociais. As medidas deveriam ser elaboradas levando em consideração as particularidades múltiplas de cada região e as diferentes comunidades que serão atingidas para obter maior sucesso.⁸⁶

As novas moradias de famílias remanescentes, na região onde residiam antes da barragem do rio, são estabelecidas em localidades distantes do reservatório, o que é oficialmente justificado por motivo de segurança em relação ao possível alagamento

⁸⁶ Serra do Facão Energia S.A. *Termo de referencia: programa de preservação do patrimonio histórico-cultural*. Catalão, ago. 2007. P.6 SEFAC – Plano Básico Ambiental – PRO12-07.

destes trechos em caso de alteração do funcionamento da usina⁸⁷. Porém este distanciamento altera a forma destas pessoas se relacionar com o rio, que antes regia o tempo do plantar e colher.

Nas novas moradias, não raro, o roçado fica distante das casas. Nas antigas casas o roçado era propositalmente feito próximo de suas casas. Nos fundos das casas ficavam os animais, o poço artesiano, acionado com bomba manual e em alguns casos com baldes. Na perspectiva do senhor Lázaro, bem como para outros colaboradores, é notória a recusa por parte dos moradores, de ter seu roçado distante da moradia. Na atual moradia, onde seu roçado fica distante da casa, o senhor Lázaro diz que não se reconhece como trabalhando pra si mesmo e tendo que levar marmita. A separação trabalho-moradia dá a ele a ideia de ser bóia-fria, pois algumas vezes ele leva sua refeição para não perder o tempo de caminhar até em casa e depois voltar pro trabalho.

Diante da irreversibilidade da instalação e consequentemente do deslocamento compulsório, o senhor Lázaro nos contou sobre sua ida a Brasília em busca de respostas sobre o que aconteceria a comunidade afogada com a chegada da barragem. A forma autoritária e excludente de implantação do empreendimento, motivou o movimento encabeçado pelos próprios camponeses moradores das áreas alagadas. A organização do movimento contra a barragem começou a ser constituída sob a demanda da própria comunidade que, diante de tudo que viviam, buscaram apoio com o bispo da Diocese de Ipameri, Dom Guilherme Antônio Werlang, que articulou a vinda de membros da CPT - Comissão Pastoral da Terra - para dar alguns esclarecimentos sobre a vinda da barragem, e disponibilizou o espaço da igreja para tais reuniões. Diante disso, ele nos contou,

Em principio, em sou contra a construção de barragens, especialmente quando nós temos muitos outros modelos de geração de energia elétrica. Não acho viável levar um projeto de barragem a diante, muito menos aqui no cerrado, que já é uma área que está se extinguindo, quando nós temos n outras possibilidades da energia: a eólica, solar, enfim, nós temos muitas outras. Quando você ouve sobre a barragem, tem alguma coisa muita errada nisso tudo. Eu

⁸⁷ *BIODINÂMICA*. Diagnóstico Ambiental EIA/RIMA. AHE Serra do Facao. Rio de Janeiro. 2000, p.5.

acredito que até corrupção haja neste caso específico, pois seria praticamente impossível, por meios claros e legais a empresa conseguir permissão para barrar um rio com a qualidade das águas que tem o rio São Marcos e com um potencial hidrelétrico relativamente baixo⁸⁸.

Foi a partir dessa convicção que Dom Guilherme propôs fazer jornais informativos visando o público letrado e passou a fazer do seu programa semanal na rádio de Catalão, outra forma de comunicação sobre o tema com sua comunidade, ele justifica sua participação imbuído de crenças ideológicas,

um pastor, ele vê seu rebanho ser atacado, ele pode ficar cego, surdo e mudo, ele tem por obrigação sair em defesa deste rebanho. Defender este rebanho significou, em primeiro lugar, ir em defesa destas famílias, dando esclarecimentos sobre o que os afligiam. Eu fui à CPT em Goiânia, eu fui no Ministério Público de Goiânia, no Federal e no Estadual, tudo em vão. Conversei com um delegado do Meio Ambiente, todos prometeram tomar providências, mas nada acontecia, só a usina avançava sem esclarecer nada a ninguém. Minha preocupação era com meu rebanho, eu sei que tudo gira em torno de lucro, se fosse possível privatizariam até o ar! Você ia rir se a trinta anos atrás ouvisse que iam privatizar as águas. Mas esse rio São Marcos agora tem dono. Pra mim, o certo é o rio ser das pessoas e dos animais e não de uma empresa que não deixa as pessoas usarem o rio que é delas, por uma questão humana... o rio é delas...⁸⁹

A partir do programa de rádio, jornais explicativos, reuniões, os moradores da comunidade começaram a ter suas referências sobre os processos que envolvem a instalação da barragem. Diante de diferentes situações de expropriação, e sem antecedentes de uma organização política entre os camponeses, eles se articularam juntamente com a CPT e foram a Brasília reivindicar suas causas. A organização deste movimento de resistência representou, portanto, a consolidação de um grupo

⁸⁸ WERLANG, Guilherme Antônio. *Narrativa*. Out. 2009.

⁸⁹ WERLANG, Guilherme Antônio. *Narrativa*. Out. 2009.

que iria se unir para conquistar suas causas, grupo este que outrora era inexistente.

As formas de luta pela terra caracterizaram-se por práticas que se estendem desde a desobediência civil, abaixo-assinados, ações judiciais, envio de documentos para o MAB, manifestações públicas, acampamento com o objetivo de impedir a continuidade das obras e por fim, a ida a Brasília.

O grupo estabeleceu itens básicos que pautaram sua reivindicação: luta pela indenização justa das terras e suas benfeitorias; luta por permanecer na mesma região da zona rural onde moravam; luta pela construção de um Centro Comunitário, pois a fazenda que exercia esta função foi toda submersa, e por fim, reuniões com a equipe responsável pelo barramento do rio para esclarecimentos sobre os prazos, obras e preservação da flora e fauna local.

Foto 8 - Centro Comunitário⁹⁰.

O tema das barragens, pela própria natureza e diversidade dos fenômenos que desencadeiam, tem despertado interesse pela situação de mudança social e ambiental, porém é necessário salientar que, o tema trazido pelo Dom Guilherme, aponta para a emergência de solucionar os problemas decorrentes desta forma desencontrada de instalação de barragens. Sobre as possíveis soluções, Vianna acrescenta que,

⁹⁰ Fotografia tirada pela autora em jan. 2013. Será doada ao acervo do Centro de Referência (UFU/UFG) e ao Diversitas- USP.

Três elementos são importantes para repensar o movimento dos trabalhadores contra as barragens e as formas de reivindicar, negociar e resistir: a politização do cotidiano, a autonomia em relação as instituições com representação política, e a organização interna democrática entre a base e a liderança destes movimentos⁹¹.

A despeito dessa diversidade de dinâmicas dos movimentos contra as barragens que eclodiram em diversas regiões, é importante reconhecer a conquista de espaços políticos na relação do setor elétrico com as comunidades ribeirinhas, traçando uma história que partiu da total exclusão deste grupos até sua atual participação, fruto de suas lutas, para compor parte das decisões de alguns projetos. Porém, esta participação, ainda que crescente, é ínfima perto do que se necessitaria. Assim, diante deste cenário as famílias passaram a frequentar as reuniões na igreja. E sob denominada da comunidade, a empresa passou a promover reuniões com os atingidos pela barragem e moradores de área de influência. Estas reuniões de esclarecimento aconteciam, não aleatoriamente, na casa do senhor Lázaro, sob o pé de manga, onde a comunidade se sentia entre seus pares. É evidente que estas reuniões pautavam-se em critérios técnicos e políticos, tão favorecedores dos investimentos na região, porém, devemos considerar que quaisquer que fossem a finalidade, trouxe esclarecimentos a população que se via desamparada e sem compreender como seria o processo. Estas reuniões de esclarecimento, trouxe a eles, minimamente uma previsão e uma agenda dos acontecimentos. Esta conquista foi fruto de reivindicações feitas por parte destes afogados.

Outra conquista advinda destas reuniões foi a construção do Centro Comunitário. Este espaço destinado para uso da comunidade afogada é um elemento presente em todas as narrativas dos nossos colaboradores. Não é unanime que o Centro Comunitário atenda a todos, porém todos acreditam que a construção deste espaço foi resultado de uma exigência frente ao que lhes foi tirado: suas terras e consequentemente, seus espaços de sociabilidade e convívio com a vizinhança.

A inundação de vastas extensões de terras e o desaparecimento de unidades de

⁹¹ VIANNA, A. F. Araujo. *Terra sim. Barragens não: III Encontro Nacional de trabalhadores Atingidos por barragens*. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.consciencianet/brasil/barragens.html>. Acesso em: 15, mai., 2014.

produção trazem a pauta outros problemas fundiários decorrentes da construção de barragens. Esta problemática faz interface com as discussões teóricas sobre a transformação do campesinato frente ao avanço do modo de produção no campo. Queiroz aponta que a incursão do setor elétrico no campo, na medida em que inunda milhares de quilômetros quadrados, acaba por transformar o modo de utilização e ocupação da terra⁹².

A partir destas duas histórias, abriram-se campos de interpretação sobre o processo que esta comunidade viveu com a chegada da barragem desde quando ela ainda não era um projeto concreto. Postas em diálogo, estas histórias revelam algumas das múltiplas facetas do processo pelo qual foi submetido a comunidade ribeirinha com a desapropriação e, evidenciam que este não é um processo apenas de deslocamento físico, mas também de uma nova forma de reconfigurar a vida.

A vida comunitária perpassa dimensões da vida cotidiana. Contudo, a vida cotidiana não é harmônica como a noção de comunidade pode sugerir. As relações cotidianas são permeadas por atritos e divergências. O que liga estes colaboradores da pesquisa é o fato deles todos serem atingidos pela barragem e suas vidas alteradas por esta. São inúmeros os fatores que cotidianamente provocam mudanças na vida e na forma de se relacionar das pessoas, porém, vale lembrar que a instalação da usina é o marco usado por esta pesquisa, ou seja, a comunidade esta em constante mudança, mas sem dúvida a chegada da barragem provocou uma mudança abrupta e irreversível.

Para além do discurso progressista contido na materialização de usina hidrelétrica existe um contingente de pessoas, cuja a existência vincula-se diretamente ao ambiente ribeirinho, de onde elas retiram produtos oriundos da agricultura de vazante, este espaço é irreversivelmente modificado e gera outras expectativas, conforme as narrativas do próximo capítulo.

⁹² QUEIROZ, Renato da Silva. *Perspectivas em concorrência: estudo de conflitos em torno de projetos de desenvolvimento do Vale do Ribeira*. Disponível em: <http://www2.itaipu.gov.br/2sepoch/boletim2.htm>; acesso em mai, 2014.

3. Uma encruzilhada no Sertão de Goiás: outra vertente do progresso.

O correr da vida embrulha tudo.
A vida é assim: esquentada e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.

(Guimarães Rosa)

Neste capítulo, iremos analisar as expectativas de futuro e as realizações possíveis, a partir das narrativas de D. Fátima Conforte, de 62 anos, e de Dona Eva Dias, de 81 anos, ambas, em suas histórias vida, nos contam sobre seus planos pós a desocupação de suas terras, sobre os planos com a indenização, e na segunda entrevista, elas falam do que foi possível concretizar.

A primeira história é de D. Fátima Conforte. Uma senhora receptiva, que desde o primeiro contato com a pesquisa mostrou-se interessada em contar sua história. Dona do hotel *Confort*, e acostumada a lidar com o público, fez questão de enfatizar sua frustração em nunca ter hospedado ninguém que trabalhasse na barragem, pois o discurso era de que a barragem movimentaria a economia local e consequentemente, traria maior número de hóspedes para seu hotel, o que não aconteceu.

Muito gentil, ela ofereceu os quartos do seu hotel, esquecendo-se que dali vinha sua renda. Achamos que ao longo da pesquisa ficaríamos hospedados neste hotel, porém a cordialidade dos demais entrevistados nos fizeram ficar, por vezes, nas próprias fazendas. Primeiro pelas distâncias, pegar os trêiros e as estradas vicinais para voltar para a cidade seria cansativo e confuso para quem não os conhece, segundo pela questão que estes colaboradores faziam questão de que passássemos a noite nas casas deles. No Hotel de D. Fátima, fomos servidos de um cafezinho fresquinho, muita gentileza e uma boa história.

D. Fátima Conforte

Foto 9 - D. Fátima Conforte na entrada do Hotel onde trabalha⁹³.

⁹³ Fotografia tirada pela autora em jan. de 2009. Pertence ao acervo do Centro de Referência (UFU/UFG) e ao Diversitas- USP.

A foto a cima foi tirada no saguão do hotel de dona Fátima durante a gravação de sua história, antes do barramento do rio, em 2009. O quadro que aparece na foto foi feito por ela. Ela escolheu o local onde queria gravar sua narrativa e, por vezes, tivemos que interromper para que ela atendesse os hóspedes do hotel.

Desde a primeira vez que eles (engenheiros da SEFAC) vieram, eles já sabiam direitinho como é que ia ser a barragem, é ilusão achar que a gente ia ser ouvido. Eles diziam que iam ajudar a gente negociar mas bem na verdade, eles iam era entregar a ovelha pro lobo! Eles olhavam em papel, um monte de relatórios e iam dizendo o que cada um queria ouvir, assim ficava fácil pra eles!

Moro aqui desde menininha. Adoro este lugar. Isso aqui eu não troco por nada, não tem lugar no mundo tão bom como este aqui. Tem um filme do Zezé di Camargo e Luciano, aquela dupla sertaneja aqui de Goiás, que eles falam disso. Eles mostram que, mesmo no meio das riquezas e tudo que eles tem hoje em dia, o melhor da vida era aqui em Goiás. Essa terra aqui é boa, tem muita gente boa de coração grande e amigo de verdade.

Aqui é claro que tem muita mudança. Eu vejo todas elas aqui do hotel que eu passo o dia inteiro. Eu trabalho aqui, esse hotel é negócio da minha família e nele a gente sente todas as mudanças aqui da região. A construção de Brasília principalmente. Sem Brasília nem teria porque ter hotel aqui em Campo Alegre. Os primeiros que ficavam aqui eram os que iam pra Brasília e queriam dormir um pouco antes de terminar de chegar. As obras da região é que enche meu hotel. Na verdade não enche, nunca ficou cheio de verdade, mas movimentada bem aqui.

O hotel chama “Hotel Confort” e minha família tem o sobrenome de Conforte, parece que é de propósito, né? Mas não é não. O nome do hotel vem de conforto em inglês, esse nome tem uns anos, uns cinco anos. É invenção de uma sobrinha minha. Ela que disse que se a gente sinalizasse mais o hotel e pusesse um nome atrativo ia chegar mais clientes. É verdade mesmo, viu? Melhorou muito depois de ter nome e placas na rodovia.

Essa rodovia aqui da frente é muito movimentada, passa carro dia e noite. Tem gente que para aqui só pra pedir informação, porque mesmo sendo muito

movimentada ela é ruim de placas, não indica o tanto que falta pra cada lugar, só tem os sentidos que os motoristas tem que ir. Ai, como fica um trecho grande sem posto de gasolina, eles param aqui, perguntam as distâncias, e muitos resolvem ficar. Graças a Deus!

Quando tem festa na cidade aqui movimenta também mas é pouco porque quem vem mesmo pra festa de peão de boiadeiro e da exposição de gado é gente que tem família aqui, e vem e fica na casa da família, isso é o mais comum. A cidade é tão pequenininha que quando entra alguém que não é daqui a gente sabe que não é e até fica brincando de adivinhar de onde é cada pessoa, mas não vale olhar a placa do carro! Tem gente que é fácil descobrir de onde vem, e as vezes até de qual família pertence aqui de Campo Alegre.

Mas eu dizia que gosto muito da minha terra, do meu lugar. Agora vem a usina hidrelétrica, né? Eu, pra te falar bem a verdade, não tô muito ligando pra ela não. Se eu pudesse escolher ela não vinha, mas eu não posso mudar esta decisão, ela já tá tomada. Desde a primeira vez que eles vieram eles já sabiam direitinho como é que ia ser a barragem, onde ia pegar, quanto que eles iam gastar, é ilusão achar que a gente ia ser ouvido. De primeiro foi essa conversa que eles usaram, mas era tudo conversa fiada.

Antes de chegar a obra da barragem de verdade, eles mandavam um pessoal novinho, que vinha cheio de carinho com a gente, que não sei se porque a gente é muito simples, a gente acolhia e entregava tudo. Teve uns até que vinha e dormia nas casas dos moradores. Mas o que a maioria não percebia e ainda não percebe é que essas pessoas vinham aqui só pra trabalhar pra usina, não tinha carinho com a gente como eles faziam a gente acreditar.

Eles vinham, diziam que estavam do nosso lado, que iam ajudar a gente negociar se a usina vinha ou não, mas o que eles queriam, bem na verdade, era entregar a ovelha pro lobo! Eles queriam era dar pra usina nossos nomes, o que a gente queria e o que a gente ia ficar satisfeito. Eu sei disso porque eu tinha falado que eu queria era poço artesiano na minha terra, ai a usina veio e disse que ia me comprar uma parte da minha terra e que em troca ia me pagar e fazer o poço artesiano. Eles olhavam em papel, um monte de relatórios e iam dizendo o que cada um queria ouvir, assim ficava fácil pra eles! E a gente ainda achava que estava sendo ouvido, que eles queriam era ajudar a gente. As coisas começaram a ficar mais na cara quando

foi a época de pagar as indenizações. Ninguém, que eu saiba, conseguiu receber o tanto que deveria, que tinha sido dito que a gente ia receber.

O dinheiro que eu receber eu já sei bem o que eu vou fazer, se eu receber o tanto combinado, eu quero fazer umas obras aqui no hotel, quero aumentar uns três quartos e fazer um banheiro perto da copa. Eu queria muito por ar condicionado, mas não sei se vai dar pra fazer isso tudo.

O dinheiro é bom, vai ser muito útil, mas te falar que eu queria vender é mentira! Eu vendo muito contrariada! Aquela minha terra era meu lazer, onde eu ia pra poder descansar, era vizinha das minhas irmãs, era uma beleza ir pra lá. O que eu estou tentando negociar com a usina é que eles me arrumem outra terra por lá, pode ser até pequena, não tem problema. Se eles arrumarem eu não vou ver a cor do dinheiro mas fico mais satisfeita. Essas obras aqui no hotel podem esperar mais um pouco.

Vamos supor que a usina não arrume outra terra pra mim, até porque terra é difícil ali onde eu moro, tudo tem dono e a barragem vai ficar com muita terra, se eles não arrumarem outra terra eu vou pegar o dinheiro e pensei em ajudar minha filha a ter uma farmácia dela. Ela está se formando, ela vai ser farmacêutica, ela estuda lá em Uberlândia e quer voltar a morar perto da gente, eu pensei em investir numa farmácia pra ela, em Catalão, que é a maior cidade da região aqui, né? E fica bem pertinho, se ela quiser ela pode morar aqui em Campo Alegre e ir todo dia pra Catalão, é uns 120 quilômetros, é bem pertinho.

Eu não sou boa pra administrar dinheiro, eu preferia ter só a terra e pronto. Mas a usina tinha dito que se fizesse de ajudar um tinha que ajudar todo mundo, eu não quero ajuda, não acho que isso é considerado ajuda, só quero ficar como estou hoje. Tenho terra e quero continuar tendo, do mesmo jeitinho que é, pode até ser menor mas que de pra ter uma hortinha frutífera, um pomar e uma casinha pra gente ir e posar lá, tomar banho, pescar na beira de rio. Só isso, acho que não é muito. Eu sei que tem gente muito doente porque vai ter que sair da terra, eu não moro lá nas minhas terras, eu moro aqui na cidade que fica mais perto do trabalho, mas eu vou pra lá toda semana.

Quando a usina veio me procurar a primeira vez eu achei que ia ser melhor pra mim por um lado. Eu vivo do dinheiro deste hotel, eu como da minha horta lá da minha terra, mas minha renda é do hotel. Eles me disseram que ia lotar meu hotel com a vinda da usina, o que nunca aconteceu. Eles, os operários de obra, não ficam em

hotel, a empresa da usina construiu moradia pra eles perto do canteiro de obras, eles ficam só lá na beira do rio, não vem aqui pra cidade nem pra fazer compra muito menos pra se hospedar no hotel. Campo Alegre só tem dois hotéis, o meu e um outro menor ainda que o meu. Os engenheiros e chefes que vem pra obra não posam na cidade, eles vem, passam o dia e no final da tarde vão pra Catalão, lá tem muitos hotéis, tem internet, padarias, lá tem outra estrutura. É lá que eles querem ficar. Nem comer aqui da cidade eles comem. Eles trazem comida e compra de supermercado pros trabalhadores lá do canteiro de obra. Lá em Catalão fica o escritório da Sefac, e bem pertinho do escritório tem uma rede grande de supermercado que passa até cartão de crédito, isso é tudo que eles querem. Um dia veio um engenheiro aqui no meu hotel, a diária aqui é baratinha, ele veio, olhou o quarto, olhou a copa e perguntou se passava cartão de crédito, como eu só negocio com dinheiro ou cheque ele não quis ficar, disse que ia pra Catalão mesmo. E nunca mais veio ninguém deles aqui. Eu fico até sentida. Eles será que são tão bons assim? Eles vem, pegam nossa terra, compram pelo tanto que eles querem e nem podem ficar na nossa cidade? Parece que nada aqui é bom do tanto que eles acham que eles merecem!

Não é que eu tenha raiva deles não, sabe? Só fico achando que eles são conforme convém a eles. Quando os funcionários querem saber da gente, da nossa vida, eles mandam uma gente boazinha, que é fácil da gente gostar, quando eles já sabem tudo que eles querem, eles nem olham na gente e só falam que é bom a gente facilitar porque se não a gente vai receber só em juízo, o que ia ser ruim de mais, porque aí sim, demora pra ver o dinheiro.

Eu não quero vender, mas se tiver que vender de todo jeito quero receber o dinheiro na hora que eu precisar desocupar minha terra, tenho planos pra esse dinheiro, como eu te disse.

Acho que muita gente vai ficar desamparada com essa negociação da terra. Tem muita gente que está achando que vai ficar rico e já tá fazendo dívida por conta dessa indenização que nem chegou ainda, mas o que eles não estão pensando é que eles vão ter que ter moradia em outro lugar, eles deviam usar o dinheiro pra construir uma casinha, garantir um lugarzinho pra viver, não é? Eu até acho que isso devia ser função da barragem, devia ter no contrato uma parte que garantisse que todo morador não ia ficar desalojado, desprovido de moradia. A usina não devia se preocupar só em pagar, quitar tudo as dividas de indenização, mas eles deviam ser obrigados pelo governo a amparar essas pessoas a ter a vida como era antes da usina. O governo tá

por trás das negociações, a gente sabe que tá por causa do PAC, tem placas do PAC nos canteiros de obra e na porta do escritório da Sefac.

Foto 10 - Quadro pintado por D. Fátima, citado na entrevista. Este quadro fica na entrada do Hotel onde trabalha⁹⁴.

A foto a cima foi tirada de um quadro pintado por D. Fátima. Ele colocou este quadro na recepção do seu hotel, onde passa grande parte dos dias trabalhando. Ela pintou a casa que ela imaginou para si baseada na casa que tinha, porém, conforme ela mesma diz, a casa do quadro tem muito mais relação com o desejo dela.

Essa usina fez uma destruição imensa e agora vem aqui fazer educação ambiental pra população! Ela destruiu mais que qualquer pessoa, a destruição é imensa, é imensa....Um dia as pessoas vão saber o que fazer com as barragens, hoje em dia o que a gente percebe que está todo mundo perdido. Nem eles mesmo sabem o que fazer, o que dirá a gente que vive e nem pensa nisso?

⁹⁴ Fotografia tirada pela autora em jan. de 2013. Será doada ao acervo do Centro de Referência (UFU/UFG) e ao Diversitas- USP.

Este quadro fui eu que pintei. Era minha casa, ela já não existe mais. Eu pintei mais ou menos como ela era. Não sou profissional, pintar é um lazer pra mim, um dia eu pensei que já que a casa ia ser desmanchada eu ia pintar e ter ela pra sempre comigo. Foi o que eu fiz, ficou bom, mas ela não era exatamente assim, era mais como eu queria que ela fosse do que como ela era de verdade. Por isso eu trouxe este quadro aqui pro hotel, que toda vez que eu estou muito cansada, paro tudo e fico imaginado como era bom ter aquela casinha... Era uma casa simples, mas muito gostosa, era meu lazer, assim como pintar. Eu pintei a casa pensando que era um dia de preparação de festa, a casa ficava arrumadinha esperando as visitas, os parentes que mora na região e vinham pras festança boa que tinha na zona rural.

Antes aqui tinha muita festa. No primeiro sábado de cada mês a gente faz uma festa, mas é da associação mesmo, num tem nada a ver com igreja. Antes tinha, mas agora foi fechada porque a população foi quase tudo pra cidade, lá não ficou ninguém, então eles abriram essa associação lá pros moradores que restam lá, chama associação da fazenda paulista, chama AMPARA.

Tem festa da batalha dos mundo, lá também é região dos paulista, mas é tudo diferente, a festa é todo primeiro sábado de cada mês. Durante o dia eles jogam futebol e a noite tem a festinha que tem comida, tem leilão. Nem sempre dá pra eu ir em todas, mas as que dá pra eu ir eu vou. O problema meu é a balsa. A balsa não tá passando então eu tenho que ir lá em Pires Belo, que é outra zona rural e voltar, dá mais de cem quilômetros e por aqui usando a balsa dava uns 38. É muita diferença.

A balsa não tá passando e nem sei quando vai passar. A água diminuiu, né? E ela ficou fora, ela tá de novo, mas não dá pra ela trabalhar naquele rio rasinho daquele jeito, porque ela é a motor, né? O motor num toca se o nível do rio estiver muito baixinho. É a antiga balsa do Rui.

Seu Manuel Sota, que morava na beira do rio morreu, ele caiu, bateu com a cabeça, teve que andar mais de cem quilômetros, já chegou na cidade, fui pra UTI mas não resistiu. Aquela casinha não existe mais, mas a mulher dele mora por ali ainda, naquela terra mas em outra casa. Eles estão com problema de indenização ainda, mas tem que passar pra lá de canoa, num tem balsa. A estrada é ruim, num tem nada lá. A balsa eletrônica não funciona mais, ela já funcionou, mas agora está abaixo do nível, né? Fechou a comporta, ai diminuiu a água.

A usina vai lá fazer educação ambiental pra população e aí a destruição que esta Serra do Facão fez na beirada do rio num tem população que consegue destruir. Lá tá tudo seco! Tudo morto! É uma destruição imensa. Ela destruiu mais que qualquer pessoa, a destruição é imensa, é imensa...Eles falam pra mim o que que eu acho de dar educação ambiental pra população, numa destas aulas que eles vem dar aqui pra gente. Eu respondo que eu acho errado, sabe porque? Vocês chegam aqui destrói meio mundo e vem fazer educação ambiental com os proprietários de terra pra poder ser empregado deles, da própria usina. Eles querem que o gado não chegue no rio, que a gente vá lá e feche as margens, dizendo que é educação ambiental, mas a gente sabe que não é, é só pra ficar bom pra eles. Ninguém vai fazer isso. Eles tiveram uma reunião lá, eles só falam que eles fazem o que precisa ser feito, que eles que vai lá são só funcionário e que a culpa é do governo. Eles vão lá educar a população pra não destruir sendo que eles é que destruíram e deixou todo mundo achando ruim de mais.

Eu tinha minha terra lá, não era de vender, lá era meu lazer, a gente trabalha muito aqui e depois ia pra lá descansar, ia pescar. Era só pesca pequena, pra distrair, descansar a cabeça. Tive que vender pra eles. Muito contrariada mas ou vendia e recebia ou eles ia pagar em juízo.

Vendi e abri uma farmácia lá em Catalão. O comércio é muito difícil, eu montei uma coisa pequena, mas é difícil de concorrer com as grandes, a gente não concorre, sabe porque? Porque os impostos são os mesmo e você conquistar uma clientela que as grandes farmácias já conquistou, elas tem condição de fazer melhor preço e você que é pequeno não tem. Isso acaba te derrubando, é uma coisa também que eu tive prejuízo é com a pessoa que eu coloquei pra administrar a farmácia, ela também não era boa, só ajudou a derrubar esta farmácia...

Minha filha é farmacêutica e trabalha numa distribuidora de medicamento e como ela falou que tinha que ficar na distribuidora e que achava melhor por alguém lá no início, até estabilizar, ela tinha medo de perder o emprego dela, que era o mais seguro e essa farmácia num dá certo. Foi o que aconteceu. Ela continua no emprego dela e a farmácia num deu certo. Ela tem que trabalhar na distribuidora, ela é a responsável lá e não teve tempo de ver o que estava acontecendo com a farmácia que a gente montou. Eu num sei mexer com esse tipo de coisa. Tinha meu dinheiro empregado em terra, que é meu lazer e o que eu sei mexer. Quando a gente foi ver não dava mais pra recuperar.

O que aconteceu é que eu perdi tudo! Tive que vender minha terra sem querer vender, empreguei o dinheiro na farmácia. Hoje eu num tenho nem a terra, nem o dinheiro e nem a farmácia. Perdi tudo. Não sobrou nada de terra, tive que vende ela tudo. E eu não tinha ela pra vender.

Quando a Sefac foi lá me comprar eu só podia ficar com serra. Eu disse pra eles de que ia me adiantar eu ficar só com um pedaço de morro? Num dá nem pra plantio, nem pra gado, nem pra lazer. A parte boa que eu tinha formado, estava tudo plantadinho fico tudo de baixo d'água. Hoje ela não tá em baixo d'água porque não tem água na represa, mas tá lá tudo morto, num tem nada, só barro de mais.

Tinha só a serra que eu num tinha o que fazer. Vendi tudo o gado mais barato. A minha opção que eles me deram era ou eu vendia ou eles iam inundar com tudo. Eles nem deu um prazo. A casa ou eu derrubava ou eu pagava pra eles derruba, se passasse da data que eu tinha pra sair e tinha que pagar 100 por dia pra ficar com a casa em pé, isso tá tudo no documento que eu assinei na Serra da Facão. Isso era a multa! Eles te falam um prazo e se você não derrubar a casa, você tem que arcar com a multa.

Eu que construí, não deu pra aproveitar nada. Fez um entulho muito grande, eles foram lá e enterraram tudo nas beiras do rio, que já até apareceu coisa que eles tinha enterrado. Eu derrubei tudo, paguei pra mão de obra derrubar, foi uns cinco dias de mão de obra.

Outra coisa que eu achei muito errado é que eu tinha muita madeira na fazenda, entrei com pedido no IBAMA para que eu pudesse tirar essa madeira pra eu construir, eles não autorizou a tirar e hoje tá lá tudo morto, apodrecendo, fedendo no rio. O dono da fazenda não poder tirar sua própria madeira? Eu não queria comercializar ela, era pra meu uso, pra mim construir. Minha madeira está tudo morta, nem a Sefac aproveitou.

Eles deviam ter limpado toda área antes de barrar o rio, eles não limparam, tá tudo lá. As árvores que eles tiraram eles mesmo entraram lá e o que sobrou tá tudo dentro do rio. Quando ele sobe a gente num vê, mas sente o cheiro ruim de podre, mas quando a rio tá rasinho a gente vê tudo lá. Dá uma tristeza de cortar meu coração.

Aquilo lá é uma destruição imensa. Minha irmã era minha vizinha, a terra dela pegou uma parte, eu tinha minhas irmãs como minha vizinhas. Mas elas ficaram lá, porque pegou parte, deu pra ficar lá, ainda que fosse pior, mas a minha levou foi tudo. Elas venderam só a parte que foi obrigatório, elas esta achando muito ruim. Eles não

pagam o que vale. Eles chegam e pagam o que eles querem, e se você não aceita eles falam que tudo bem, que vão deixar o dinheiro depositado em juízo, que a gente pode morrer antes de receber o dinheiro e que é melhor a gente aceitar logo de uma vez. Minhas irmãs tão muito contrariada, perderam os vizinhos, a terra....

Você ter que entrar na justiça já é custoso, contra o governo num tem jeito de ganhar, a gente não tem muito estudo mas a gente sabe dessas coisas. Teve uns que entraram na justiça, mas foi pior, porque tiveram que sair e não receberam ainda, então vai pra onde? Só se você tiver outro lugar pra ir e esperar.

Financeiramente nunca valeu a pena! Pra mim nunca! Nada! Eu não tinha terra pra vender... Tinha muita gente que já tinha me pedido pra vender terra minha lá, ofereceu muito mais, estava tudo formadinho, arrumadinho, isso gasta tempo, dedicação, dinheiro. Não chego a treze mil o alqueire, foi doze, e eu já tinha recebido proposta de vender por 22 mil o alqueire, de primeiro a Sefac chegou a falar que ia me pagar 22 mil, mas depois foi feita mais avaliação, tiveram varias reuniões, eles passavam no quadro os valores e por fim eles pagaram foi o valor da terra na região e não olharam propriedade por propriedade. Uma coisa é vender terra sem cultura outra é a terra que tem benfeitoria, plantio. A minha terra era 10 alqueires.

Eu vou as vezes na casa das minhas irmãs, quando tem as festas na associação eu vou e durmo por lá.

As festas mesmo foram acabando por conta da usina, tem muito a ver com que eles fizeram. Eles diziam que tinham que valorizar as festas, vinham, faziam fotos e depois tirou todo mundo, como é que mantem a festa assim? A usina chega, as pessoas mudam pra cidade e as festas acabam. Eu tenho uma irmã que está na justiça contra a Sefac, mas ela num foi preciso sair da casa, por isso ela pode entrar na justiça. Quando eu fui vender minha terra eu levei minha escritura e mostrei pra eles o tamanho da minha terra, eles foram lá e mediram tudo e eu entreguei minha escritura, quando eles me falaram que passou um alqueire, então nos vamos te indenizar um alqueira a mais, eles disseram que os aparelhos que mediam antes eram tudo antigo e que as vezes dava esta diferença, até ai, tudo bem. Eles que mediram, eu entreguei a escritura e esperava receber em cima do tanto de terra que eu tinha na escritura.

Depois de um tempo minha irmã foi olhar que eles tiraram da dela pra passar pra minha. Na dela faltou um alqueire, mas ela já tinha assinado a documentação e eu também. Ela reclamou lá e eles vieram atrás de mim pra eu devolver a indenização pra eles, eu falei: “Não! Eu te entreguei uma escritura, deixei vocês a vontade pra

entrar, medir, voltar quantas vezes vocês quisessem, eu não pedi pra vocês passarem terra da minha irmã pra mim! O erro foi de vocês! Se vocês passaram a responsabilidade foi de vocês e não minha. Eu entreguei minha terra contrariada e por um valor que eu não queria entregar e ainda vou ter que devolver pra vocês em dinheiro? E eu já investi...”Eles me ameaçaram, disseram que iam entrar na justiça, eu falei que tudo bem, que o que a justiça determinar eu vou acatar! Ai tem o processo dessa minha irmã na justiça, já teve duas audiências eles não compareceram em nenhuma, e ela ainda está com esse processo. Eles tão me pressionando, mas eu vou devolver uma coisa que eu não negocieei? Foi eles que negociaram, falaram data pra eu sair e me falaram o valor, veio aqui passou pra mim o tanto de alqueire, eles que mediram, eu não acompanhei eles na medição, só vi a escritura que eles mexeram, se eles pegaram a mais não é responsabilidade minha! Eles fazem muita confusão. Toda vida eu disse que não fiquei feliz com essa usina.

Outra coisa que nos tivemos dificuldade é que minha mãe veio a falecer tem dois anos, e a gente teve que fazer o inventário, só que a Serra do Facão não autoriza nos fazer a escritura e nem explica nada pra gente. Tá tudo amarrado porque eles não fizeram o geo referenciamento. A terra era da minha mãe que a gente vai dividir, então a gente mesmo dividiu entre a gente mas sem documento. Três das minhas irmãs ficaram com a fazenda e duas ficou com a casa e essa fazenda tá todo mundo usufruindo do seu bem mas sem documento porque a Serra do Facão não deixa. Uma parte da terra era da minha mãe e outra já é da Usina, mas eles nem pagaram pela terra, dizem que a proprietária já tinha assinado e que é deles, nem sei se a gente vai receber o que era dela. Mas pra fazer o inventário eles precisam de fazer em cima da terra total pra depois dar a parte da Usina, mas a usina não permite, não libera. É uma terra única.

Quando eles precisavam entrar na minha propriedade eles nem pediam ordem, iam entrando, vasculhando tudo, pisando na horta, eu não reclamava, porque quem ia lá era os trabalhadores que eram filhos de amigos meus aqui da comunidade, mas agora que eu preciso deles pra fazer uma coisa que é direito meu não tem permissão. Eles falam que o geo referenciamento não foi feito porque precisava antes liberar em Goiânia, falam que é burocrático, eles respondem pra gente que não é culpa deles e sim das autoridades, quando a gente pergunta eles respondem isso, mas eu não sei se é bem isso...

Quando a gente ia no escritório deles lá em Catalão eles falavam que dentro de quatro anos tudo estaria resolvido, mas quatro anos já foi. Minha mãe faleceu em 2010 e nos não conseguimos fazer nada. Mas a Usina pegou nossa terra em 2009. Nos somos cinco irmãs, todas muito unidas, a gente combina de mais, e resolvemos tudo conversando entre a gente. Decidimos o que ia ficar pra cada uma. Fizemos tudo de acordo, mas na hora de registrar num teve jeito. O mais difícil que é chegar num acordo entre família pra gente foi fácil, porque a gente é muito unida, mas se fosse outra família não resolvia assim.

O que se planeja nem sempre é possível fazer. Contrariada eu aceitei a indenização, vendi tudo, ainda tenho problema com a usina. Investi tudo na farmácia mas como não é meu ramo acabei perdendo tudo. Hoje num tenho nem terra, nem farmácia, nem dinheiro, só me sobrou o processo na barragem. E nem tem previsão de quando vai acabar isso.

Osmar, filho do Manuel Sotá, veio pra Catalão muito insatisfeito. O meu contato com ele ficou muito pouco depois que ele saiu. Acabamos perdendo o vínculo. Minha mãe teve que sair, a D. Merci foi embora, ela era uma vizinha boa, prestativa, tinha o Zé Mineiro que continua lá mas reclama que tá numa solidão danada. Senhor Osmar, o Rui tá lá tomando conta das balsa, ele ainda tem contrato, eles fizeram outra casa pra ele, a empresa que toma conta da balsa. Eu sei que ele fica muito aqui na cidade porque a balsa não esta funcionando.

Um dia as pessoas vão saber o que fazer com as barragens, hoje em dia o que a gente percebe que está todo mundo perdido. Nem eles mesmo sabem o que fazer, o que dirá a gente que vive e nem pensa nisso?

A Serra do Facão mandou o moço do SEBRAE e fez o centro comunitário na Paulista, é bem organizadinho, mas ela dizia que ia dar curso, mas nunca teve nada. Diz que ia trazer um moço pra ensinar as coisas lá pra gente que sobrou ali. Na associação vai representante da Sefac, eles escutam, anotam o que a gente quer, o que agente precisa, mas até agora não atendeu nada. Eles dizem que ano que vem eles vão atender. Acho que de tanto o pessoal reclamar eles mandam mais gente mas não sai disso.

Eu acho que só a negociação dos valores a gente foi feito de bobo, porque eles diziam que iam pagar um tanto e acabou pagando menos. De primeiro eles me disseram que ia pagar um tanto, eu não queria mas estava mais ou menos no valor de mercado, depois eles resolveram pagar pela região e não pela propriedade. Eu recebi

equivalente a 10 alqueires, a minha foi menos valorizada que todas, porque a parte que eles me pegaram tinha maior valor, era terra de cultivo, e pra receber eu recebi muito abaixo do que eles tinham falado de primeiro. Eu perguntei, mas eles disseram que era pela classificação dos técnicos ou eu recebia ou eu podia entrar na justiça. Acho que isso foi o pior... a maneira como eles indenizaram e também a destruição que eles causaram na região toda. Acabou com a natureza, com as festas, com a vizinhança. Minhas irmãs resolveram firmar nessa associação e ver se voltava a fazer festas, encontros de truco, tinha muita gente entrando em depressão.

Minha irmã ia sempre no centro comunitário, tentava reunir as pessoas em associação, era difícil porque ficou tudo mais longe, ainda mais sem a balsa. Eu já fui pra lá dar curso pra mulheres, minhas irmãs dão curso. A gente não tem diploma, mas a gente consegue ensinar umas coisas de artesanato. O mais importante além de aprender é reunir as pessoas, minha irmã deu curso de bolsa, as pessoas fizeram, venderam tudo em Catalão e deram uma parte do dinheiro pra Associação de moradores. Agora vai ter um curso que vai ensinar a fazer cerca elétrica e vai ter também um de frutos do cerrado e plantar mudas, mas este cursos todos fomos nós que organizamos.

Você tem uma terra, e você fica com esta terra menor, sua renda fica menor, o que já era pouco fica menor ainda. Aqui a maioria é pequeno produtor, que troca o que produz no que o vizinho produz, a causa de dificuldade com dinheiro gera uma depressão pra família. Vamos supor que eu tenho uma renda x, aí passo a ter metade daquela renda mensal, e aí? Como que eu vou sobreviver? Isso vai levando a pessoa a entrar numa depressão.

Minha mãe mesmo num queria de jeito nenhum ir embora de lá por causa da usina, ela teve que ir, sobrou um pouco de terra pra ela, mas a renda não dava mais pra ela sobreviver lá. Ela mudou pra Catalão, ela não queria ir, foi a contra gosto. Quando ela faleceu ela tinha dois anos de Catalão, ela não saía nunca da fazenda, ela nasceu lá, viveu lá, ficou ali até a Serra da Facão fazer ela mudar. Ela enfartou. Ela ficava deprimida, chorava, ia lá mas não tinha mais os vizinhos, nem o conforto da casa dela. Era uma casa muito simples mas era dela, do jeito dela, do jeito que ela queria, tadinha...

Eu trabalho aqui nesse hotel, fico cansada porque eu trabalho aqui e vivo aqui. Quando eu estava muito cansada eu ia pra lá, dormia, fazia comida no fogão de lenha, pescava, ficava só no sossego. Agora quando eu vou pra lá não dá pra ficar muito

porque fico nas casas dos outros, não é igual ir pra casa da gente. Muitas vezes eu deixo de ir porque não quero incomodar os outros.

Os vizinhos foram tudo embora, a gente estava tão acostumado com aquele jeito de viver, com aquelas pessoas, e como muita gente foi embora outras pessoas estranhas foram chegando, fica inseguro. Já que eles me tomaram lá, eu pedi muito pra eles me achar um lugar pra eu poder comprar uma terrinha, mesmo que fosse menor, só pra ir e descansar a cabeça, mas com o valor que eles me pagaram não dava mais pra comprar nada por ali, eles nunca quiseram arrumar nada pra mim. Era só eles trocarem, nem precisava me dar dinheiro, eu não sei bem administrar dinheiro. Acho que eles pensavam que não era o ramo deles achar imóvel pros outros, mas eles me tomaram o que era meu, eu falo que tomaram porque é assim que eu sinto. A preocupação era ajeitar o lado deles.

Senhor Osíris ficou muito sentido. Ele tinha uma propriedade que ele chamava de “Meu Cantinho”, tinha até uma plaquinha na entradinha, e era uma terra muito boa. Eu sei que ele tá até doente. Teve também o senhor Domizio, ele morreu faz uns dias. Os filhos deles diz que não foi a mudança que matou ele, mas ela fez ele querer morrer. Ele chorava sempre, fazia a mala e dizia que estava indo pra casa dele, mas lá onde era a casa só tem um lago, não tem mais morador nenhum, é só água.

* * *

D. Fátima nos contou sobre seus projetos com a indenização, os impactos ambientais percebidos por ela e as mudanças nas práticas festivas da região. O tom de sua narrativa é de denuncia. Dona Fátima evidencia os impactos ambientais provocados pela usina hidrelétrica que, como uma medida compensatórias, ministra cursos de preservação ambiental para a população afogada pela barragem. Enfatiza, ainda, que os técnicos responsáveis pelo empreendimento não sabem o que fazer frente a desapropriação da comunidade ribeirinha e indenizações.

Dona Fátima questiona a validade da empresa ministrar estes cursos para a comunidade sobre a preservação ambiental, pois a instalação e a forma de exploração das margens do rio impactam o meio ambiente de forma mais agressiva e devastadora

que qualquer impacto gerados pelos moradores da região. D. Fátima, moradora da região e com seu conhecimento desta área, alegou que todos os moradores do vale do rio São Marcos juntos não conseguiriam provocar tal impacto, como por exemplo a alta mortandade dos peixes.

Estes programas socioambientais fazem parte das medidas compensatórias que visam diminuir os impactos sentidos pela construção das barragens. No caso específico da Serra do Facão, são 24 programas distintos, que se dividem entre indenização e infraestrutura dos municípios, animais, vegetação clima, água e solo.⁹⁵

Apesar de todas estas medidas condicionantes para o barramento do rio, a foto abaixo apresenta o cenário narrado por D. Fátima,

⁹⁵ Compõe o Programa Socioambiental 25 ações: Educação Ambiental, Indenização e Remanejamento da população, reorganização da Infraestrutura e Apoio aos Serviços Municipais, , saúde e controle de vetores, Preservação do Patrimônio Arqueológico, Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural, Conservação da Fauna e Flora, Conservação e Monitoramento da Ictiofauna (peixes), Gestão Patrimonial, Recuperação das Áreas Degradadas, Compensação Ambiental (que pode ser feito como cursos de preservação ao meio ambiente), monitoramento climatológico, monitoramento limnológico e Qualidade de Água, Monitoramento Hidrossedimentológico, Monitoramento Sismológico, Monitoramento e Controle das Condições de Erosão, Monitoramento de Lençol Freático, Acompanhamento dos Direitos Minerários, Limpeza da Bacia de Acumulação, Circulação e Monitoramento da Fauna, Gestão Ambiental, Recomposição da Área de Preservação Permanente, Reserva Legal, Comunicação Social, , Projeto de Assistência Técnica Social. Tais ações fazem parte de uma exigência do governo a são medidas compensatórias/condicionantes para a liberação da obra. Fonte: Biodinamica. Diagnóstico Ambiental EIA- RIMA. UHE Serra do Facão. Rio de Janeiro. 2000. P. 381.

Foto 11 - Às margens do rio São Marcos, no município de Campo Alegre de Goiás ⁹⁶.

Em decorrência desta mortandade dos peixes a empresa foi multada, conforme notícia o jornal do IBAMA:

O grupo empreendedor Serra do Facão Energia S.A. recebeu multa de 6,85 milhões do IBAMA devido à mortandade de peixes ocorrida entre os dias 13 e 14 deste ano. O incidente ocorreu no reservatório da Usina Serra do Facão. (...) Foram aplicados dois autos de infração ao consórcio, sendo um pela mortandade de 4.700 quilos de peixes no reservatório e outro pelo enterro desse material sem autorização do órgão ambiental competente e de maneira inadequada. As auditorias foram realizadas em conjunto por analistas da Diretoria de Licenciamento Ambiental em Brasília e técnicos do escritório regional do Ibama de Catalão. Os laudos técnicos atestaram a morte de milhares de peixes de várias espécies como pintado, dourado, piau, corimba, traíra, pacu, mandi, barbado, cascudo e outros.⁹⁷

⁹⁶ Fotografia tirada em jan. de 2014. Pertence ao acervo do Centro de Referência (UFU/UFG).

⁹⁷ Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/publicadas/consorcio-serra-do-facao-energia-e-multado-por-mortandade-de-peixes>. Acesso em: fev. 2014.

A partir dos questionamentos de Dona Fátima sobre o cenário do mundo rural e a necessidade da instalação da barragem, destacamos a seguinte afirmação de Milton Santos:

Se você me perguntar se as novas estradas e hidrelétricas, os novos portos foram um trabalho importante nos últimos anos, eu digo sim. Mas se você me perguntar se o uso que foi feito desse progresso material foi importante, eu digo não. Com este equipamento extraordinário poderíamos ter alcançado uma sociedade mais justa⁹⁸.

A reflexão de Milton Santos sobre a implantação de grandes empreendimentos no território brasileiro traz à tona toda discussão em torno do desenvolvimento implantado no país. Principalmente ao que se refere a interferência do homem no curso da natureza. Há todo um ecossistema de vida aquática, mata ciliar e comunidade ribeirinhas que são objeto de estudos para um empreendimento como uma barragem.

Segundo Queiroz (2013), um rio barrado não é mais um rio, ele se torna um conjunto de ecossistemas, parcialmente gerenciados, denominados por lagos. Com a água represada, acontecem alterações irreversíveis do relevo, fazendo a água subir até onde naturalmente não alcançaria, provocando mortandades de cardumes, e conseqüentemente, outras espécies que serviam de alimento aos peixes tornam-se dominantes.

Sobre esse tipo de exploração a Folha de São Paulo denuncia:

O cerrado brasileiro perdeu nos últimos anos uma área de vegetação ainda maior que a área desmatada da Amazônia. (...) A diferença registrada pelos satélites entre os anos de 2002 e 2008 é proporcional a 12 vezes a cidade de São Paulo, mostra levantamento divulgado pelo Ministério do Meio Ambiente. (...) Por ano o cerrado perdeu, em média, 21.260 quilômetros de vegetação original. (...) O cerrado abriga metade do potencial hidrelétrico do país e já perdeu quase metade (48,2%) da sua vegetação original⁹⁹.

⁹⁸ SANTOS, Milton. *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*. São Paulo: Publifolha, 2002.

⁹⁹ SALOMON, Marta. *Ritmo de desmate do cerrado é duas vezes o da Amazônia*. Caderno Mundo. Folha de São Paulo. 11 set. 2012.

Este, por sua vez, não é nosso objeto específico deste trabalho. A questão do desmatamento do cerrado é sem dúvida importante para pensar mais uma das possíveis consequências desse tipo de projeto desenvolvimentista aplicado no Brasil, porém a questão é em torno do impacto social, das consequências que este tipo de empreendimento exerce sobre os diretamente afetados por ela.

A cultura material da região do entorno da hidrelétrica Serra do Facão já vinha enfrentando mudanças substanciais, comuns e inerentes à qualquer sociedade, pois a própria cultura é um processo dinâmico, não é nossa intenção desqualificar as mudanças prévias a chegada e instalação da barragem, porém vale salientar que a chegada deste empreendimento foi mais um marco visível e abrupto na região, além de ser o fato que que periodiza esta pesquisa. Dona Fátima delega a chegada da barragem o fim das festas locais, porém vale apontar que tais festas sofriam transformações ao longo do tempo, e que tais festas referidas por D. Fátima, já não vinham acontecendo, dentre outros fatores, em função do aumento do número de evangélicos na comunidade, conforme nos conta a dona de casa D. Maria de Fátima dos Santos:

Eu gostava bem duma festa, dum bingo. Bingo era comigo mesma! Gostava de uma cachacinha, de música e de dançar até a noite clarear. Mas muita coisa mudou. Muita gente aqui foi virando evangélico, eu só reclamava destes evangélicos, achava que eles eram chatos... Mas eu ia na igreja deles, de tanto ir acabei entendendo que era o melhor caminho. E a gente faz festa, faz muita festa, mas sem bingo, sem bebidas. A gente canta hinos, conversa, faz muita comida, a gente gosta de comida farta. É festa, só que é diferente, e muita gente que ia nas festas que se fazia aqui antes agora vai nas festas evangélicas, quem não é evangélico quase nem tem festa mais, não tem gente o suficiente pra dar festa e agora ainda que vai chegar a barragem e muita gente vai embora, aí que vai acabar com tudo mesmo...¹⁰⁰.

Dona Fátima nos contou sobre seu investimento, ela aplicou o dinheiro da indenização de suas terras em uma farmácia para sua filha. Porém, este empreendimento não se sustentou. Em pouco tempo D. Fátima ficou sem a farmácia, sem o dinheiro que foi nela empregado e sem suas terras, que agora eram propriedade

¹⁰⁰ Santos, Maria de Fátima. *Narrativa*. Campo Alegre de Goiás, jan. 2009.

da barragem, o que só fez com que o sentimento de perda ficasse ainda mais presente e acentuado. No Caderno de Valores, há uma parte que assegura que cada atingido pela barragem deverá ter um acompanhamento por técnicos da usina para garantir que estes fiquem em condições semelhantes a antes da chegada da barragem. Este acompanhamento deveria ser prestado pelo prazo de 5 anos, conforme o documento,

O objetivo principal do Caderno de Valores é garantir a justa indenização ou recomposição de moradias e benfeitorias das áreas de plantio e/ou dos imóveis afetados pelo empreendimento, de modo a possibilitar a reprodução da vida socioeconômica da população atingida em condições iguais ou melhores às que possuíam antes do empreendimento. Para tal, a empresa oferecerá técnicos responsáveis pelo acompanhamento desta comunidade atingida, dando o suporte necessário pelo prazo de até cinco anos. Para os cálculos indenizatórios, cada item é descrito e tabelado¹⁰¹.

Dona Fátima critica a estratégia de aproximação da UHE Serra do Facão, dizendo que é perceptível o despreparo dos técnicos responsáveis pela etapa de indenização e contato direto com os atingidos. Fato que fica evidenciado no desencontro da informação e das medidas de suas terras. D. Fátima apresentou a documentação de suas terras, conforme solicitado pela empresa, a indenização veio correspondendo a um alqueire a mais, tendo sido contabilizado erroneamente de uma área vizinha, que neste caso ainda era pertencente a mesma família. Porém, passado algum tempo, D. Fátima já havia empregado este dinheiro da indenização num bem do qual ela não tinha mais, inviabilizando ainda mais a devolução deste dinheiro, que foi requerida pela empresa. Tal ação está em decisão judicial.

Para ampliar a compreensão deste cenário, vejamos a seguir a história de vida de Dona Eva Dias Canedo, uma senhora de 81 anos que conta toda sua trajetória frente a construção da barragem. Ela, a princípio, resistiu a lutou contra a barragem, num segundo momento aceitou sua instalação e agora, pós ser deslocada, ela conta sobre seu novo modo de viver e as novas relações de vizinhança e trabalho.

¹⁰¹ Disponível em:// [http://www.edp.com.br/geracao-renovaveis/geracao/amapa-para/uhe-serra-do-facao/meio-ambiente/programas-ambientais/Documents/PBA%20CC PG%2041%20Programa%20Indeniza%C3%A7%C3%A3o%20Terras%20e%20Benfeitorias.pdf](http://www.edp.com.br/geracao-renovaveis/geracao/amapa-para/uhe-serra-do-facao/meio-ambiente/programas-ambientais/Documents/PBA%20CC%20PG%2041%20Programa%20Indeniza%C3%A7%C3%A3o%20Terras%20e%20Benfeitorias.pdf). Acesso em 15 junh, 2014.

D. Eva Dias Canêdo

Foto 12 - D. Eva Dias Canêdo¹⁰².

Esta foto foi tirada a pedido de D. Eva, ela pediu uma foto com a caixa de fósforo, pois para ela, o fósforo ajudou muito seu trabalho na cozinha. Ela usa diariamente a “combinação”, que são dois vestido, o de baixo é pra dar sustentação pro de cima, os vestidos são feito por ela e sempre com um lencinho “ornando”, porém, ela nos contou que para receber visitas, prefere os vestidos floridos ou azuis. Os pés descalços também são parte do cotidiano, ela diz não gostar de calçar nada nos pés, e este é um do motivos pelos quais ela não quer se mudar para a zona urbana.

¹⁰² Fotografia tirada pela autora em jan. de 2009. Pertence ao acervo do Centro de Referência (UFU/UFG).

As vezes eu fico pensando o tanto que a vida muda. Até as plantas mudam! Tem uma época que todo mundo come pequi, depois ele some. Tem outra época que todo mundo come guariroba, depois some. Até a natureza muda. Tem coisa que a gente num quer muda, mas não tem jeito, a gente muda...

Meu nome é Eva Dias Canedo, mas pode chamar de Dona Eva. Sou casada com o Lazu, o nome dele é Lázaro, mas ninguém chama ele assim, quando alguém fala Lázaro acho que nem ele sabe que é com ele. Ele é meu segundo marido. Casamento é tão bão que a gente tem que casar mais de uma vez na vida! O Lazu é mais moço que eu dez anos, ele tá com 67. Quando a gente se conheceu eu era bonita, os moço tudo queria namorar e casar comigo. O Lazu é de muita sorte porque eu escolhi ele...

Aqui nós faz de tudo, só não faz é roubar. Sabe que dizem que o homem trabaia mais que a mulher, mas eu acho que não é verdade, eu acho que a gente trabaia mais. Eu faço muito mais os trem que ele! Nós levantou cedinho e eu vou dormi depois dele ainda. Ave Maria! Num gosto nem de pensar a trabaieira que tem pra fazer na roça. Eu acho que eu faço mais que o Lazu! Eu busco vaca, faço tudo quanto é fragelo da vida... E eu tenho 77 anos e num dou uma perna minha por muita mulher nova! Se deixa o Lazu nem num levanta cedinho igual eu levantei toda vida, ele só levanta porque ele fica com medo de apanhar, ai ele levanta e vai pra roça! Eu fico aqui em casa arrumando os trem. O serviço de casa é tudo eu que faço, nem buscar lenha ele busca, eu que vou lá na beira do corgo e trago no cangote!

Nós vive aqui sozinho, nós num tem mais menino pra gente pedir pra ajuda nós. Agora é assim, ou nós faz ou fica ai tudo sem fazer mesmo. Aqui num é igual na cidade que se você não fizer tem lugar de comprar, aqui na roça tudo que tive precisão a gente tem que fazer, isso dá trabaio todo dia, num tem isso de ficar sem trabaia, a gente só não trabaia dia de ano e dia santo, o resto tem que trabaia.

Nós aqui levanta às 4 da manhã. Eu lavo os trem, arrumo a cama, varro o terrero e o Lazu chega com leite pra fazer queijo. Eu tiro leite também se precisar, já tirei muito, mas hoje as vacas tá mais poca, só ele dá conta do serviço, ele mesmo tira e traz na carrocinha. O queijo que eu faço vende tudinho, não sobra nem pra nós aqui em casa. Mas tenho que vender, porque parei de vender galinha, elas sumiram, acho que algum bicho catou elas ai na horta, elas foi sumindo, um dia o galinheiro tava

tudo estragado e começou a sumir as galinhas.

Eu num guento fica quieta dentro de casa sem fazer nada, parece que tenho bicho furmiga no rabo! Agora eu inventei de fazer sabão, fica uma beleza! Eu fazia requeijão mas o leite rende mais fazendo queijo. Faço muito desmanchar capado, frito capado pra tirar a banha, faço farinha, gosto muito do meu fogão a lenha, tudo que faz nele fica uma belezura! Hoje nós vai fazer os quiabo da horta, tá madurinho, fica verdinho e cheiroso. De tudo que existe de prantá em roça nós tem aqui. Tem a horta aqui beirando a casa e tem o pomar do outro lado, na direção do rio.

Eu gosto de mais da conta desse lugarzinho aqui. Num reclamo de trabaia na roça, eu nem sei fazer serviço nenhum de cidade. Cidade pra mim é o trem mais ruim que tem. Ave Maria! Cruz credo daquilo! Eu não gosto. Não gosto, não sei fazê serviço da cidade. Lá eu só sei cozinhar, não ia saber fazer mais nada. Aqui eu cozinho pra peão, num tô nem ai! Cozinho pra peão nosso, cozinho pra peão dos outros que pegou algum servico por aqui. Tem gente que vem aqui pega serviço em troca só de comida. Tem muito peão que vem, ai os fazendeiros, às vezes, quer paga pra eu fazer comida pra eles aqui em casa, eu nem aceito dinheiro por isso. Eu faço, eles trabalham, param e vem comer aqui, depois voltam lá pro serviço deles. Tem também os que vem trabaia aqui e não tem tempo de fazer comida, ai eles pedem pra comer aqui. Esses dias venho um tratorista aqui na fazenda do lado, ele morava muito longe, ele pediu pra comer e dormir uns dias aqui, nós deixo. É até pecado injeitá comida e cama pros outro.

Eu num tenho coragem de cobrar um prato de comida dos outros. Pode come mais eu a vida inteira que eu não tenho coragem nem de lembrar disso! Tudo que nós come aqui vem da horta, foi Deus que deu, a gente não pode injeita isso pros outros não.

Deus é bão de mais pra gente. Tá com 28 anos que o Lazu comprou esta terrinha aqui pra gente. A gente vive igual passarinho aqui, de um ninho pro outro. De primeiro nós morava lá em riba do morro, depois o Lazu comprou aqui beirando o rio, agora a Sefac quer que nós vorta lá pra riba de novo, nós vorta, igual a passarinho, de um ninho vai pro outro, vai pro outro, vai pro outro... Até quando Deus quiser...

Agora nós vai muda, vai ser igual a siriema. Ela muda, observa tudo, fica beirando o lugar que era dela. Nós vai ser a Siriema lá do alto do morro. Aqui vai tudo virar aguá, só vai ter peixe e nós, as siriemas. A gente vai ficar vendo a água e pensando que nós só vorta pra esse lugar se mudar de bicho de novo, se virar peixe

também!

A casa nova tá ficando muito boa, muito bonita, tem até zulejo, é fresquinha. O pessoal da Sefac disse que se eu colocar meu fogão de lenha os zulejo trinca, acho que vou fazer o fogão no terrero mas sem meu fogão de lenha eu não fico. Deus me livre daquela comida feita naquele fogão á gas! É o trem mais ruim do mundo! Deve até fazer mal pra saúde!

A Sefac disse que ia fazer uma capelinha aqui pra nós. Nós aqui, a maioria, é católico, mas a gente vai na igreja dos evangélicos, porque só tem ela aqui na fazenda. Se quiser ir numa católica tem que ir lá na cidade, ai tem que por sapato, arrumar. Eu prefiro ir aqui mesmo. Igreja é tudo igual, todo mundo quer falar com Deus mesmo, e só tem um Deus. Eu vou lá e rezo, digo que sou católica mas que to indo porque a gente é tudo filho do mesmo Deus. Ele escuta de lá igual ele escuta de outras igrejas.

As vezes vem um padre, um menino que estuda pra virar padre católico, ele reza a missa alí mesmo, perto de onde é a barragem, lá nós vai, eu mais o Lazu. Quando tem que ir longe ai eu fico, eu não tô podendo andar muito. O Lazu vai sozinho, ele anda mais que égua de Sá Joana! Eu fico aqui oiando a casa, cuidando dos porcos, oiando tudo...

Na missa na cidade eu só fui quando minhas filhas casaram. Eu num gosto de cidade. Eu não aguento fica lá. Dá até falta de ar. Lá tudo tem hora certinha, tudo é muito cheio de frescura, eu não aguento.

Agora com a minha casa nova vai dá de parecer um pouco com casa da cidade, vai ter luz, ai só vai me faltar arrumar um véio rico pra mim num precisa mais anda com saco de mio na cacunda! A gente aqui na roça tem a rotina de almoçar muito cedo, às vezes é 9 da manha a gente tá almoçando. E se eu precisar de mais lenha eu mesma tenho que ir lá buscar. Se eu arrumar um véio rico ele paga alguém pra fazer isso pra mim!

Vai ser bão ter luz na casa nova. Eu gosto muito de ver televisão quando eu vou na cidade. Às vezes, quando eu tô fazendo queijo, eu pego um rádio de pilha que tem e fico ouvindo a ronda. Quando tiver energia eu vou ouvir rádio e ver televisão o dia inteirinho, mesmo quando tiver trabaiano dá pra ver umas novelinhas.

Hoje eu só escuto a ronda, fico cuidando lá de Catalão onde mora meus filhos e netos. Aquilo é muito perigoso, muito violento. Eu fico doidinha aqui ouvindo. O sargento conta as histórias e eu fico loquinha. Vira um fragelo! O trem tá feio! Hoje teve tanto de roubo, três homem atacou um senhor lá, tomo dele 35 mil real, eu fiquei

numa dó! Eu num gosto de escuta eu fico com dó! Semana passada tomaram a bolsa de um senhora lá na cidade, com os documentos, com dinheiro, com tudo! Véio num pode andar sozinho não, nem novo, eu não ando!

Acho que a casa nova vai ser uma coisa boa pra nós, acho que ela vai ficar limpinha o dia todo, num vai ficar cheia de terra como fica essa aqui, porque o chão de lá é lisinho, facinho de limpar. Dizem que se limpar uma vez por semana o trem fica um brinco! Nem precisa ficar nesse fragelo aqui de limpar toda hora e ficar esta lameira danada.

O preço dessa casa é que tá caro demais da conta! Nem pelo dinheiro, porque não vai entrar nem sair dinheiro, nós vai ficar no zero a zero com a Sefac. Eu ainda acho que nós vai ganhar, eles lá da Sefac disseram que a casa é muito melhor que esta aqui. Tô só na ansiedade de ver como vai ficar...

Aqui na roça não tem perigo mas na cidade eu não vou sozinha de jeito nenhum! Aqui nós tem muito amigo, muita gente boa, os vizinho aqui é tudo bão. A pior vizinha aqui acho sou eu, que quase num vou na casa deles. No dia que o povo da barragem vieram aqui em casa me entrevista a menina me pergunto o que que eu achava da barragem, e eu falei: “eu acho é muito triste, quantas pessoas de idade igual o cumpadi Gerardo, que nasceu e criou aqui, nunca pousou uma noite fora do lugar, ele tá com 78 ano. Muda ele de lugar... Eu acho muito ruim! Num ponto é bão, e por outro é triste, porque nós tá igual a um passarinho numa árvore, num sabe em qual lugar que senta!” Porque os vizinhos aqui é tudo bão, e lá pode achar vizinho ruim que a gente num conhece, como é que nós vai sabe? Aqui você sai cê pode deixa as porta aberta. O pior é pra aqueles que vai ter que ir pra cidade de tudo jeito, eu quase morro de dó desses! Isso faz a gente sofre de medo, de solidão e pode até dá depressão, igual dá em bicho.

Antigamente, aqui na roça, nós fazia muito multirão, agora depois duns 4 anos pra cá o povo parece que entristeceu, não sei o que que aconteceu, acabo as festa de São Sebastião, acabo as festa de Nossa Senhora da Abadia, de Santo Antônio, São João, isso tudo acabo... Eu acho que tem a ver com a barragem porque foi na mesma época que ela chego com tudo, as pessoas entristeceu. Nem truco nós joga mais.

O que mudou muito aqui foi a religião, eles tem outras festas. Antes só tinha católico, agora só tem evangélico. É um horror! É um povo que num faz festa, num gosta de jogo, nem de uma pinguinha! Eu não bebo pra fica tonta, mas uma pinguinha com truco é combinação, um não vive sem o outro, é igual pitá sem fazer uma boca de

pito, tomando um cafézim!

O pastor dessa igreja de crente deixa nós tudo ir lá rezar, não tem que ser crente, mas algumas pessoas converteu, foi católico e saiu crente. Deus me livre deles. A igreja não tem culpa, Deus é um só e ele gosta de festa, de ver a gente feliz, mas os crente é que é problemático. Você já viu alguma pessoa boa não gosta de festa? Eu nunca vi! Gente boa gosta de festa, de reunir com amigos, de diverti. Antigamente nós era tocadô de violão, vivia era cantado nas festas, isso ai agora acabo. Isso ai foi de vez...

Nós cantava música sertaneja adoidado... Eu gostava muito de música do Silvera e Silverinha, Zé Fortuna, Pena Branca e Xavantinho, é dos antigo! Até eu tocava viola, o Lazim tocava. Era muito animado. Tocava a noite inteira. Nós começava dança o sol entrando e dançava até noutro dia até o sol vortava. Agora hoje o povo tá numa preguiça, numa tristeza, num desanimo e fica numa rezação e pregação crente que é ruim de mais!

Até as fiandeiras sumiram. Era minha alegria juntar aquelas fiandeiras todas, nós cantava, era umas fiando, outras cardando algodão, e cantando pra dona do multirão. Era a coisa mais boa da vida da gente. Tinha as que ia só pra fazer uns comê bão, tinha muita carne de frango, matava vaca, era bão de mais, de primero o povo era alegre, contente, hoje todo mundo é triste, não sei se é a época, se é a religião, se a barragem ou o que que é... Aqui tinha festa da Nossa Senhora da Abadia, o povo acabo com tudo. O povo esqueceu até como faz festa de roça.

Até a brincadeira que tinha muito aqui, eu não achava que ia acabar. Brincadeira é o povo reuni só pra dançar, não precisa ser festa de santo nenhum, é só pra diverti mesmo. O povo dançava que no outro dia até doía o corpo da gente. Era sempre na noite de domingo, juntava uma muiezada!

Pra amanhece dia de Natal fui lá da Divina, ela é minha filha, foi até 5 hora da manhã. Mas tinha pouca gente. Lá na cumadi Creuza nós foi e fico lá até as 4 da manhã, nós leva os violão e o baralho, e fica até injuá. Lá nós joga truco valendo! Joga é muito! Eu fui num aniversário e nem queria joga, mais eles tava jogando era pra vale, ai eu num vou perder meu dinheiro que eu num tenho, eu num vou joga. Ai as pessoas insistiram, eu acabei jogando e ganhei foi é muito dinheiro!

Agora nós vai amarga a falta dos vizinhos... Tem dia que nós tá ai quieto assim, ai quando percebe já chega um vizinho e vai conta papo, vai papeá, vai contá causo, e nessa passa o fim do dia, e se deixa entra noite a dentro. É bão de mais!

Parece que isso faz a gente querer trabaia mais, dá animo, pensa que é a recompensa é ver os vizinhos depois.

Os vizinho já tá fazendo farta de mais. Agora nós num prantô muita coisa porque vai fica tudo embaixo d'água, eu tô sem muita verdura, se eu tivesse os vizinhos, era só dá um grito aqui: “ô cumpadi, arruma umas alface, uns tumati, uns trem ai!” Era na hora! Agora eu não tenho vizinho mais pra gritá. Se eu grita só os peixe é que ouve! Num tem ninguém aqui pertinho de mim, os vizinho de grito cabô.

Nós num pranto e ainda deixo a bobera tomar conta da horta. Antes tinha de tudo aqui. Até acerola que ninguém tem nós tinha. Eu num gosto daquele trem mas diz que é bão pra gripe, o Lazu comia muito aquilo. Eu tive foi muita dó dos meus pé de pequi. Morreram tudo. Pequi ta mais difícil de achar que acerola que é novidade pra nós aqui.

As vezes eu fico pensando o tanto que a vida muda. Até as plantas mudam! Tem uma época que todo mundo come pequi, depois ele some. Tem outra época que todo mundo come guariroba, depois some. Até a natureza muda. Tem coisa que a gente num quer muda, mas não tem jeito, a gente muda. Eu nunca costumei carça sapato. As vez, quando eu preciso muito, eu carço um poquinho e nossa Senhora! E falo: “Num vô mexe cum isso não!” Por isso eu não gosto da cidade, lá tem que andar só carçado. Eu não gosto de nada chique, eu nunca usei brinco, eu nunca usei pintura, eu nunca cortei meu cabelo, eu nunca vesti roupa sem manga. Nunca. Visto combinação até hoje. O Lazu diz que é dois vestido, mas num é, o de baixo é pra dá sustento pro de cima. Eu fui criada assim, na minha época se ocê vestisse um vestido ao menos batendo no joeio era uma morte pro povo! Eu mesmo faço minhas combinação. Minha filha faz também, ela faz pra ela e pra mim. A Divina faz tudo, até o tecido. A outra de Catalão compra tecido e manda fazê. Eu não visto saia, nunca vesti uma bermuda, nunca vesti uma calça cumprida. Só gosto de vestido de combinação e de manga e sempre com lenço na cabeça combinando com a combinação. Quando meu cabelo fica muito grande, que nem um rabo de égua, eu mesmo corto um poquinho, num gosto quando fica aquele trem aparecendo. Eu nunca usei pintura na minha vida. Nunca! Eu nunca usei um anel no dedo. Nunca passei creme, nada, nada! As minha menina fala: “Mãe, tem um xampu aqui para a senhora lava a cabeça”. Não, eu passo na minha cabeça mesmo é água e sabão.

O Lazu gosta de coisa de cidade, ele gosta de perfume, de roupa da cidade, mas ele já é feio, então o único jeito é ele passa perfume mesmo! Ele é mais novo que

eu, mas eu deixo ele anda sorto. A Maria mais o Luiz, uns vizinho aqui, eu gosto muito deles, eles chegam aqui naquele chero e me abraça, gente do céu! Quando eu ia no coletivo, passava aquele povo naquele perfume na minha frente, menina eu quase morria! Eu não mexo com isso não... Vem uma muié aqui vender perfume, muié do cumpade Eustáquio. Eu não compro não, eu não uso isso não! Mas o Lazim as vez compra, ele gosta dessas coisa, mas ele sabe que eu não uso e não gosto. Num é nada de ser crente não, porque eu sei que crente não usa, é que me dá vontade até de vomitar mesmo. O Lazu usa descurpa que se a cumadi vem aqui vende a gente tem que compra pra ela não perde a caminhada, ele sempre compra pelo menos um desodorante o ruim é que tem muito cheiro aquele trem.

Eu fui benzedeira, pra benzer a gente usa flor de jasmim, ou flor de laranjeira. Aquilo tem um cheiro bão, é fraquinho. Mas estes perfumes eu não do conta. Hoje quase nem tem mais benzedô aqui. Tem coisa que vai acabando, vai ter um dia que ninguém mais sabe benzê, ninguém dos mais novos quer aprender a benzer mais. Os crente vai aumentando e as benzeção não pode mais, eles não aceita. Eu benzia de cobreiro, de mal olhado...E tem doença que só benzedeira cura, num há remédio no mundo que trate de cobreiro, só benzedeira que cura! Eu benzia de cobra, é quando uma roça fica cheia de cobra e a gente benze a terra, elas some tudo. Não sei se morre, se foge, mas sei que some tudo, tudinho!

Eu já fui parteira por muitos anos. Hoje essas muié arranjô essa frescura de ir pra cidade pra ganha nenên! Ganhava os fio tudo era na roça! Sem nada de injeção, nem tinha essa muntueira de remédio que elas tomam. Quando eu era parteira, eu passava duas, três noite sem durmi, às vezes eu deitava naquele sono, quando chegava um atrás de mim, falava: “vai nascer Eva! Acode!” Meu Deus! Ia debaixo de chuva, debaixo de geada! Todo jeito! De primeiro todos ganhava era na roça. Aí quando chego esses negócio de ir pra cidade, eu já tava cansada: “Oh, graças a Deus! Agora eu descanso!” Mas era bão, eu só madrinha de muitos, tem uns que eu nem conheço mais.

Eu tive 11 partos, tive meus fios tudo sozinha! Eu tenho dez filhos hoje porque um morreu. Eu era parteira, não precisava arranjar ajuda pra parir, se eu ganhasse 50 centavos por criança que nasceram na minhas mão, eu tava rica! O mais difícil era quando a criança tava virada, nós ia fumegando, fazendo massagem... A cumade Ilda teve oito filhos na minha mão, a irmã do Lazim teve sete, tudo na minha mão, a minha filha teve 4 na minha mão, a derradeira é que ela foi fazê cesariana pra liga, ai

minha filha foi pra cidade. É menino demais! Tinha dia que eu chegava nem em casa, que invinha o povo me chama pros parto daqui. Teve um dia que eu trabaiei feito uma condenada na roça, entrei pra dentro e pensei que tava cansada que ia durmi, tomei banho e deitei. Passo alguém, os cachorro começo a lati eu falei: “Jesus amado! Cumpade Chico vem atrás de mim.” Um frio! Geada! A minha filha Joana era pequena, eu ia de cavalo, de noite. Falei: “Chico, se leva a menina pra mim, eu vou imbruiá com lençol e nós vamo”. E levei a Joana, num podia deixa ela aqui, ela ainda mamava em mim. Quando era de dia, que eles vinha atrás de mim, eu levava a Antônia e a outra menina minha. Mas tinha vez que era de noite, eu não chamava as menina não, ia e vortava e elas nem via nada. Mas a Joana eu tive que leva porque se eu demorasse ela tinha que mama.

Eu nunca me neguei a ir acudir alguém! Acho que é por isso que eu sô tão feliz! Eu nunca cobreí um centavo! Eles: “Ah, quanto é que é?” falei: “Não! Que bobage! Nós é um pelos outro”. Nós é um pelo outro, até hoje! Dinheiro não resolve tudo, se Deus o livre, você caí de cama, ele não vai vim aqui da banho nocê, não vai pô comê na sua boca... É nois é que olha um ao outro. Se eu tive uma coisa, ocê procura comigo, eu tenho, não te arranjo, cê sai com seu coração doendo... Nóis todos tem sentimento, todo mundo igual. Num importa se tem dinheiro, se é preto, se é pobre, se mora na cidade. As vez, tem gente que chega aqui, e me pede um prato de comida. Graças a Deus não tem gente muito pobre assim aqui na roça, todo mundo tem comida do quintal, da horta, do pomar, uns tem as aposentadoria, se vira, né? Mas eu não tenho coragem de falá que não posso. Eu não aprendi essa palavra. Veja bem, se um menino fala: “A senhora tem dinheiro aí?” falo: “Eu tem tanto, se ocê vê que serve pode ficá”. “Mas Evinha, cê é boba demais!” É o que as pessoas falam, mas eu não acho, eu falo: “Não, não é bobagem não! As vez um dia eu preciso deles também”. Eu nem tenho coragem de cobrar nada! Eu não tenho coragem de fazê grosseria com ninguém! Nunca!

Eu já morei em currutela de galinha, nós era cinco muié e tirava água numa cisterna só. E essas muié que pegava brigá, eu saia pra lavar minha roupa lá no rio Paranaíba. Mas isso eu morava lá em Davinópolis, porque eu sou de lá, de Davinópolis. Eu não sei porque que elas brigavam tanto! Eu num sou cachorro, cachorro que briga! Nunca briguei com vizinho meu. Eu tinha uma prima primeira, nós morava de porta a porta, ela de lá do córgo eu de cá. E nossos menino tampava de briga, era aquela bagunça, uma anarquia. Um dia ela chego lá em casa: “Ó cumade, se

dá jeito nos seus fio”. Falei: “Cumade, ninguém dá jeito em menino. Se eu for brigá cocê por causa de briga de menino, eles briga toda hora e depois eles faz as pazes, ai eu que fico com vergonha...”

Tinha uma vizinha que era custosa! Quando ela mudou pra lá os vizinho: “Ah! Cê diz que nunca brigo, quero vê se ocê vai ficá sem briga com o essa!”. “Ela pode até me bate que eu não brigo com ninguém”. Um dia ela chegou lá em casa com um papo estranho, brava, caçando briga. Falei: “Não, cumade, larga de bobage, sua fama é muito ruim que ocê num combina com vizinho nenhum. Que coisa feia! Cê briga com seus vizinho, se Deus o livre cê adoecê, quem que vai te oiá? É os vizinhos! É os vizinho. Dinheiro não vai te oiá! Dinheiro é bobeira. Ó, primeiro é saúde, Deus, amizade, o dinheiro é o quarto, se der certo.” Tem gente que tem dinheiro, humilha os outros, eu não, eu não! Esses dias eles contando do povo, que muita gente que recebeu da barragem e ficou orgulhoso, porque tinha um dinheirinho, eu falei: “Gente, eu acho que posso acertar na Mega-Sena e tira aqueles milhões todos pra mim, aquilo não muda o meu jeito não”.

Dinheiro ajuda. Mas dinheiro nunca foi tudo na vida. Nunca! Já penso, Deus o livre, dá um derrame, fica em cima duma cama. Pode tê o dinheiro do mundo em riba dele, vai valê? Eu penso assim, papai ensino isso, explicô nós demais da conta como é que era a vida. Eu rezo muito pro meu pai, rezo todo dia na hora deu ir deitá. Rezo pra minha mãe também. Eu rezo pra Nossa Senhora Aparecida e São Sebastião. Rezo muito pra agradece e pra pedir saúde pra nós tudo. Saúde e paz nunca é demais, né?

Foto 13 - D. Eva (2).¹⁰³

Esta foto foi tirada durante a entrevista com D. Eva. Ao fundo o fogão a lenha e um franguinho caipira sendo preparado por ela. Para nos receber e sair na foto, ela queria usar um paninho na cabeça que fosse da mesma estampa do vestido mas não encontrou, usou este da foto que, segundo ela, combina com tudo.

Sonha num paga, né? Porque se paga eu vou ter que sonhar menos!

Esses dias foi meu aniversário, eu fiz 81 anos. Foi uma festa surpresa, eu nem pude chamar ninguém, quem veio aproveitou foi muito! Mas esqueceram de chamar umas cumadi minha, eu fiquei achando muito ruim, e ainda tem gente que fico sentido, cramando que não convidei, mas como? Eu nem sabia! Eu falei pro Lazu que dessa vez num ia faze nada, porque meu povo tá tudo longe, morando pra outras banda. A vida tá um fragelo!

A minha festa parecia treição! Minha filha trouxe os trem, apronto um armoço aqui, chego um povão! Diário eles faz isso comigo. Eles aprontam! Eu falei: “ceis se vira ai!” eu achei ruim que deixo de chama muito cumpadi meu. Eu já morei em

¹⁰³ Fotografia tirada pela autora em jan. de 2013. Será doada ao acervo do Centro de Referência (UFU/UFG)e ao Diversitas- USP.

muitos cantos desse Goiás véio de Deus e pra todo lado que vou eu carrego muita amizade, panho amizade fácim... Nunca discuti com uma vizinha minha, sempre que eu mudava de perto delas, elas me escrevia, dizia que tava morrendo de sodade. Uma vizinha minha mudou pra Santo Antônio, eu tinha uns 10 anos. A gente num viu mais uma a otra. Quando é domingo, desceu uma muié do carona, eu conheci ela na hora! Eu oiei e falei: “Meu Deus é a Fiinha! Não acredito!”. Diz ela que deu um desespero pra me ver. Ela saiu de lá da Capetinga e veio perguntando. Chegou aqui e nós converso muito, ela falou assim pra mim: “igual ocê eu nunca achei! Sempre um vizinho meu brigo comigo, desentendeu, você não!” Se um vizinho dana a desentende comigo ele vai briga sozinho, eu não brigo.

Aqui meus vizinho é outro, é tudo novo, eu mal conheço eles. Fico só o cumpadi Cardoso que é irmão do Lazu, o resto é tudo novo. Quase num tem ninguém, meus vizinho é o rio e só, cabô!

Vou passa esse café pra nós, fica melhor conversar tomando um cafezinho, ele tá meio margoso, mas nessa xicrinha de esmalte ocê nem percebe que tá margano. Lá na cidade ocêis usa umas gotinha pra adoça, aqui nós num tem esses trem não, o café é margoso mesmo. É bão! Desperta a gente! Vamos conversa e toma café que nós interte.

Sabe que a gente tem que ter uma devoção, reza pra um santo. Aqui na casa nova eu tô rezando pra São Sebastião, ele protege nós tudo, acompanha ocêis nessa estrada perigosa que ocêis pega até a cidade que ocêis mora. Ele tem ajudado a produção. Eu benzia, eu parei. Outro dia veio um casal aqui, lá de Catalão, pediu pra minha benzer eu fiquei com dó deles e benzi, mas eu já tô véia, fiquei doente de mais, passei uns dias internada lá na cidade. Um fragelo só! Me deu pomônia.

Vem muita gente aqui me filmar, conversa comigo, mas minha cabeça num tá ajudando muito. Eu tô caducando, não lembro de muita coisa, acho que é da idade... Mas mesmo assim, eu acho que ainda sou muito querida, porque minha casa veví cheia de gente. Ou o povo gosta muito de mim ou gosta é do café margoso na xicrinha de esmalte!

Esses dias veio um povo da barrage aqui pra pergunta o que eu tô achando aqui da casa nova, o que eu acho da barrage. Eu não tenho corage de fala mal, é o obrigo deles faze a barrage, eles não tem escolha, é assim, ai eu falei que num é ruim...mas é ruim de mais.

O pior de tudo é a sidade dos vizinho, daquela vida que nós tinha lá. Eu não sei pra onde foi muita gente, não sei se um dia eu vou encontrar eles de novo, eu procupo com eles, sei que tem uns cumpadi que fico com depressão, que fico ruim de verdade. Eu não sei mais onde eles mora, não tem jeito de ir visitar. Isso é um fragelo!

O povo que vem conversar com a gente é tudo de São Paulo. Eles vem, panha amizade, pega nosso contato, diz que vai vortá, as veiz vorta, as viez não. Eu morro de sidade de joga truco! Num tem ninguém pra joga mais! Isso é um fragelo! Nós é véio mas nós precisa diverti. Quando vem chegando gente eu acho que vai dá pra um joguinho, mas as pessoas vem aqui pra trabaiá, ninguém vem só de visita, isso fico mais raro depois que eu tô nessa casa aqui. Eu quero ir lá no Centro Comunitário, mas precisa de alguém vim aqui me pega, eu não consigo ir de cavalo nem ir andando mais. Tô véia, mas tô bonita ainda, animada, quero diverti, conversa...

O Lazu tá mais mole que eu pra anda. Ele me usa de descurpa, quando ele não quer ir em argum lugar ele fala que não pode porque vai ter que cuidar de mim, mas é mentira dele. Quando eu não tô bem eu deito e fico quetinha ali até miorá. Posso ficar sozinha, e eu fico quando ele quer sair.

Aqui nessa casa nova eu tive que ter uma pessoa pra me ajuda. Não guento mais carrega lenha, lava o horta, aparta vaca. A Abgail vem aqui duas vez por semana, deixa tudo arrumadinho pra mim. Ai eu consigo tocar, fazer o resto, mas num posso mais carrega nada nas cacunda, não aguento mais. A cabeça acha que eu posso mas o corpo não deixa mais. Ê fragelo!

Essa casa foi um regaço na minha vida. Eu achei que aqui eu ia finalmente ter telefone. Comprei o aparelho, coloquei na tomada, que aqui tem nergia, mas não resolveu, eu fico doidinha! Queria resolver isso. Queria falar lá em Catalão com minhas filhas...

A vida aqui tá boa, tem água na torneira, tem nergia. Eu fui cinco veiz na Sefac atrás do poço artesiano. Quando nós mudo pra cá não tinha nergia, não tinha água. Foi um custo pra ficar tudo arrumadinho. Agora fico, mas depois de muita chatice minha. O engenheiro lá da Sefac falou pra mim que a nergia e o poço eles iam me dar, eu não acreditei muito não, porque demorou muito pra acontecer. O engenheiro que tratava comigo foi embora, ele foi lá pra outra usina, aquela dos índios lá no Tocantins. Mas eu fui lá e bati na mesa, conversei, expriquei. Eu falei pra eles que tava com cinco vez que eu ia lá e que ele tinha que falar naquele dia se sim

ou se não, se eles não fizesse eu queria o telefone do Ivan, que era o engenheiro que nós tratava e ele tinha me dito que ia providicá tudo isso pra mim.

Ele falou pra mim ficar tranquila, que o poço e nergia eles iam garantir, eles iam fazer. Só que eles fizeram assim, eles me deram um cheque pra mim pagá pra alguém fazer. Só que quem vai fazer isso? O Lazu num dá conta mais, num tem mais vizinho, num tem nem peão aqui pra trabaia. Num dianta eles me dá o dinheiro, tem que ter quem faça os trem e não tem de jeito nenhum. Eu vortei lá com o cheque disse pra eles larga de mão disso, que eu queria era que eles fizessem tudo. Custou mas eles fizeram e nergia chega aqui, nós é que pago. Na verdade nós paga todo mês um poquinho pra nergia vim aqui. O poço o Lazu rumo um homi pra faze. Aqui sem nergia e sem água é um cerradão, num tem nada.

Tudo que eles falou eles fez, o povo da Sefac não é desonesto, mas fez tudo com muito atraso. Eu tive que pressioná eles toda vida pra sair um coisa que pra eles era coisa simples de fazer. Agora eu tô pressionando eles porque eu quero visitar meus vizinhos antigos, quero ter notícia deles. Eu quero que eles ou me levem lá onde esse povo tá morando ou tragam eles aqui na minha casa. Parece que eles morreram, eu nunca mais vi e nem tive noticia. É pior que morte. Morte ocê conforma, ocê sabe que cabo, que teve um fim, ocê viu. Do jeito que tá dá muita agônia na gente.

Essa casa aqui foi muita ilusão minha. Eu fiquei sem água aqui dois anos. Não tenho mais forca pra ir lá no corgo buscar água, minhas cacunda num guenta. Meu fogão estrala e trinca, olha que coisa feia que viro minha cozinha! Eu tava numa ilusão com os zulejo... mas fiquei aqui com zuleijo quase morri de frio, deu pomonia de pisar no chão frio, eu nunca que ia custumar com carça. Era isso ou rancá tudo os zulejo. Ranquei tudinho! Cruz credo! Tô aqui pelejando com o fogão que trinco tudinho, tá esse fragelo... Descobri também que zulejo é frio e escorrega, é um perigo pra nós que é véio! Mal estreiei a casa já mandei rancá tudo, deu até dor no coração!

Aconteceu otra coisa muito ruim aqui pra nós que vai providicá muito. Eles da Sefac tão falando que a Área de APP (Área de Preservação Permanente) mudou, antes era 30 metros da beira do corgo, ai nós pranto tudinho lá. Investiu tempo, dinheiro, mão de obra de peão pra ajuda. Agora eles tão dizendo que a área é de 100 metros, que alí onde nós pranto é do IBAMA, que eles pode passar aqui e dá murta em nós. Mas tá errado um trem desse! Eles deram um documento pra gente mostrando onde a gente podia plantar, agora muda tudo? Isso é igual mudar as regras do jogo no meio dele. Quando a gente joga truco, a gente segue as regras até o fim, se for mudar tem

que fazer um acordo antes de começar... Isso aqui é a mesma coisa! Só que é com terra, com dinheiro nosso... Num é justo isso não. Eu não vou aceita, ninguém vai aceita isso... Eu não brigo, nunca briguei, num é agora que eu passei dos 80 que vou ter que brigar, mas eu só não vou aceitar isso...

Que bagunça! Como é que eles passam essa medida tão errada! A gente tinha combinado 30 metros agora eles dizem que é 100 metros. Assim o que vai sobrar pra gente? Só a casa não dianta, a gente vai vive do que? Tem que ter horta, pomar, umas vaquinha, galinha, porco, tem que deixa a gente produzi nosso alimento, ele vem tudo daqui, nós não vai na cidade faze compra, nem temo dinheiro pra viver assim, e se tivesse nós num ia querer. Isso não foi acordo! Não tá certo!

Aqui tá margeando o rio. A gente não aceita! Ou eles vai ter que pagar nosso prejuízo ou vai ter que honrar com a palavra. Palavra é palavra! Eles falaram pra gente 30 metro. Isso de assinar um monte de papel não vale de nada! Aqui com nós não é assim, se eu dou minha palavra eu num vorto atrás de jeito nenhum! Tá dito? Então tá dito! Vale mais que qualquer documento assinado, carimbado, o diabo a quatro! Mas na cidade eles fazem a gente assinar tudo, dão a palavra, carimba e vorta tudo atrás. Eu não sei o que vai ser.

Eles vem aqui e vai embora, não dá conversa. Eles bate aqui e pede pra entra. Eu deixo, é trabaio deles. Mas acho que não vou deixar mais. É um desaforo! Eles vem aqui e diz que vai mudar tudo. Eles fez quase tudo que trato com nós. Eles são bão, mas não são honesto nisso.

Eu sei que o Ivan é o chefão, manda no Brasil tudo nesse negócio de nergia, de barrage, tanto é assim que ele viaja o país inteirinho resolvendo, acertando com o povo que vai ser atingido. Como é que pode a palavra de um homi desse não vale nem o papel que ele assinou? Ele falou pra nós que era 30 metros!

A conta de nergia vem cara de mais da conta! Nós não tem de onde tirar pra pagar. De primeiro vinha 30 reais, 40 reais. Variava nisso. Agora dessa vez vei cento e lá vai cassetada! Nós vai fazer o que? Ja pensou ter nergia mas ficar sem porque não pode pagar? Eu fico doidinha! Nergia nós costuma com ela rapidinho. Eu acho o trem mais bão toma banho de chuveiro quentinho, ver televisão, ouvir rádio. Num gosto nem de pensa nisso. É a mesma coisa que dá um pirulito pra uma criança e deixa ela adoça a boca, depois ocê vai lá toma dela e dá jiló pra ela. Ela num vai gostar, vai? Num vai!

A última conta foi R\$164,04. Eles dizem que o que aconteceu é que quando instalo tudo não tinha medição, a gente pagava um tanto fixo, depois começou a medir. Como aqui na roça num tem mais mão de obra a gente usa mais os trem elétrico. E acontece esse fragelo!

A vida num tá ruim, não gosto de cramá de nada. Nós tá tudo com saúde, graças a Deus. Mas quando vem aqui e pergunta eu não consigo não cramá dessa injustiça que nós tá vivendo. Eu to vendo a hora que nós vai ter que vorta tudo pras lamparinas. Eu não queria. Meu ferro não é ne nergia, é de carvão. Eu queria um de nergia que é levinho, mas diz que eles gasta mais nergia ainda. Então vou continuar com o meu braseiro mesmo.

Nossas despesas aumento muito e nosso ganho não. Faço menos queijo, vendo menos os trem porque não tem mais comprador. Foi todo mundo embora. Tenho ovo, galinha e capado pra vender, mas se eu quiser vender tenho que ir lá pra beira da estrada e ficar o dia lá. Eu tô veia pra levar os trem e ficar carregando e passar o dia no sol. Nem a horta tá produzindo o que produzia antes, isso demora, tem que pranta a coisa certa no lugá certo. A gente num acerto isso ainda. A jabuticaba aqui nem nasceu ainda! Lá era apinhadinho! Tem salsinha, cebolinha, alface, tumate, pepino, cenoura, jiló, quiabo, couve, mandioca. Isso tem fartura. Mas de fruta não deu nada ainda. Nem mamão que é fácil de pegar. Fruto é bão que além da gente consumir aqui eu faço doce em conserva e minhas filhas levam pra vender na cidade. Doce dura, demora a perder, então eu faço e guardo, ai minhas filhas vem uns 10 dias depois e leva e o doce tá bão ainda. Agora as verduras tem que vender quase que diário e tem que ser fesquinha, se não, não vende.

A vida nossa ainda não tá tudo acertadinho. Não sei dizer o que vai ser da gente. Ainda tem muita coisa pra desenrola das margens da APP, a gente não sabe ainda se vai receber, se não vai, se vai ter que deixar esta terra pra eles. O que eu sei é que se ficar pra eles a gente vai perder muito, porque nosso pomar tá nessa parte beirando o rio, que é a mió terra que tem pra pomar.

Se a gente for ter luz pra sempre eu quero comprar uma máquina de costura de por na tomada. Tenho vontade fazer igual eu via minhas tias da cidade fazendo. Elas trabaiavam de costureira pra fora, fazia roupa, coberta, roupa de cama, roupa de festa. Era lindo quando ia gente exprimentá os vestido mais lindo. Parecia até roupa de princesa, de boneca. Eu quero costurar naquela máquina. Eu faço minhas combinação,

minhas roupa tudo, mas não sei usa a máquina de energia pra costurar. Não deve de ser difícil de aprender não.

Tem o Centro Comunitário perto da entrada aqui das fazendas. Lá tem uns curso de cerca, de gado, de horta, teve um de doce de conserva. Eu nunca fui porque é custoso chegar lá, mas se tiver de costura eu quero fazer. Tô véia, com as vistas cansada, com as perna meio mole, dor nas cacunda, mas eu penso que costurar ia ser como encontrar as fiandeiras. A gente ia ter mais gente que quer aprender, aí a gente pode até cantar as música de fiar. Sonha num paga, né? Porque se paga eu vou ter que sonha menos!

* * *

Há uma infinidade de temas discutidos por D. Eva em sua narrativa. Com seu modo particular de narrar, onde transparece a hospitalidade do homem do campo, fica evidente que o “progresso”, materializado numa casa de azulejos e com energia elétrica, representa não só melhorias na vida dos moradores. A história de vida de D. Eva é carregada de apego a terra, as tradições e a natureza. Ela se comprara a diversos tipos de passarinho de acordo com o que está vivendo, tem os passarinhos que partem, os que observam, os que retomam, cada um deles é representativo para ela explicar sua forma de aceitar as mudanças que, como bem observado por ela, tudo muda, até a alimentação, ela faz referencia ao pequi, fruto típico da região, presente cotidianamente nas refeições do goiano, está mais raro que a acerola, que é um produto novo nesta área.

A vida no campo é organizada principalmente na lida do campo, objetivando suprir as necessidades familiares, no entanto, os moradores privilegiam o contato com a vizinhança, até em função dos trabalhos prestados, da ajuda mútua que eles estabelecem. A relação com os vizinhos de grito, como denomina D. Eva, por conseguir chamar seus vizinhos gritando de sua casa, são a base central dessa sociabilidade.¹⁰⁴

¹⁰⁴ Sobre sociabilidade no campo, consultar: BRANCALEONE, Cássio. *Comunidade, sociedade e sociabilidade*. Disponível em: <http://www.iuperj.br/publicacoes/forum>. Acesso em: 17 jun., 2014.

Em sua narrativa, D. Eva evidencia as atividades que faz e a dureza da vida no campo. Ela lamenta a quase extinção dos mutirões, que eram comuns na infância e na juventude. Parte desta quase extinção, D. Eva delega ao crescimento da comunidade evangélica na zona rural, fenômeno crescente perceptível pela nossa inserção no campo e pelas narrativas dos nossos colaboradores. Muitas são as famílias que se dizem convertidas do catolicismo para cultos evangélicos.

A construção da barragem reforça esta dificuldade em manter estes laços de sociabilidade, porém ela não é o único elemento determinante. O desprestígio por parte das novas gerações a estes rituais ajudam a enfraquecer ainda mais as ocasiões propícias para tais eventos.

Os mutirões iam além da ajuda mútua no campo, terminada as tarefas vinha a festa, também chamada de forró, onde seus participantes jogavam truco, dançavam, e planejavam outros futuros mutirões. Por todo este contexto de ajuda mútua, os moradores sentem que não podem viver sem a relação de amizade e de troca entre os vizinhos.

O progresso materializado, pelo menos no discurso, numa casa com energia e azulejo, não correspondeu as expectativas de seus moradores, para eles, na prática, as mudanças, antes esperada, se reverteram em problemas de adaptação. D. Eva lamenta que o fogão a lenha, item valorizado por ela, trincaram os azulejos da casa. Azulejos estes que ela retirou parte, por serem frios e lisos, porém, estes itens fizeram parte da materialização do progresso.

Assim como D. Eva nos contou, muitos outros moradores atingidos pela barragem tiveram suas expectativas frustradas perante as melhorias propostas pela barragem e tiveram prejuízos financeiros em função do descompasso de instalação/indenização da área atingida, como nos contou agricultor Wilian Vieira:

Eu plantava tudo, tinha uma horta muito boa, completinha. Tinha de tudo que era bão lá... Mas daí veio o pessoal da barragem e disse que minha nova casa ia ser muito melhor, que a horta ia ser do lado da casa, o mais perto que dava do rio, eu fiquei animado, porque esta casa era pertinho da saída pra cidade. Já pensei naquelas casas boas de roça, com os cômodos bem grandes. Mas esta minha casa é pior que a velha. Quando eu recebi minha casa não tinha dinheiro pra plantar nada ali, nem tinha mão de obra na zona rural pra ajudar, foi custoso. Quando eu recebi um dinheiro da barragem já tinha passado da época boa de plantio. Já tava no prejuízo, então resolvi que ia trabalhar pros outros, deixei de cultivar minhas terras e fui

trabalhar de peão pros outros, até conseguir voltar pra minhas terrinhas aqui. Ano que vem vai ser minha primeira colheita, não sei ainda se vai ser das boas...¹⁰⁵.

Para fazer o calculo indenizatório, a empresa levou em consideração as benfeitoria feita na área atingida, conforme descrito no Caderno de Valores¹⁰⁶ de indenizações,

O Caderno de Valores é a base de calculo, elaborado segundo normas ABNT (NBR 14653), por técnicos responsáveis, que avaliam os bens e dá a cada um destes bens uma tabela de valores a ser seguida. (...) Para os cálculos indenizatórios, cada item é descrito e tabelado.

O Caderno de Valores deveria ter sido elaborado por técnicos exclusivamente da empresa, conforme descrito no próprio documento, porém ele foi composto por uma comissão, atendendo uma das reivindicações dos afetados. Cada comunidade escolheu um representante para compor uma comissão consultiva, com a função de acompanhar os trabalhos da elaboração do Caderno de Valores. Muitas pessoas de diversas comunidades se predispuseram para tal empreitada, porém cada comunidade teve um representante. Esse caderno de valores segue as indicações da ABNT e a avaliação obedece a critérios rigorosos de classificação da terra, das benfeitorias nela contidas, que incluem desde a porteira até árvores frutíferas cultivadas¹⁰⁷.

Nas atas das reuniões¹⁰⁸ ficou evidente quais os tipos de enfrentamentos que os moradores do vale do rio São Marcos ainda encontrariam. Pesquisando as atas das reuniões pudemos perceber que ainda eram muitas as dúvidas sobre os valores e datas da indenizações futuras. Na ata da reunião de dezembro de 2008 ainda surgem

¹⁰⁵ VIEIRA, Willian. *Entrevista*. Campo Alegre, 29 jan. 2013.

¹⁰⁶ Disponível em:// http://www.edp.com.br/geracao-renovaveis/geracao/amapa-para/uhe-serra-do-facao/meio-ambiente/programas-ambientais/Documents/PBA%20CC_PG%2041%20Programa%20Indenização%20Terras%20e%20Benfeitorias.pdf. Acesso em 15 junh, 2014.

¹⁰⁷ Serviram de referência também as “tabelas de composição de preços para orçamento”, da Editora PINI-TCPO 12/2003 e como modelo outras tabelas de usinas, tal qual, Peixe Angical, Simplicio e Batalha II.

¹⁰⁸ SERRA DO FACÃO ENERGIA S.A. *Memória das diversas reuniões realizadas pela Sefac com as comunidades afetadas e esclarecimentos por parte da empresa e solicitações dos afetados à diretoria da empresa*. Catalão, 2007 e 2008.

questões sobre a área atingida, os valores a serem pagos, as possíveis datas para tais pagamentos, entre outras. Vale lembrar que mesmo após a instalação da barragem algumas destas dúvidas permaneceram, como bem nos contou D. Fátima, que ainda tem pendências com a demarcação de suas terras.

Todo este descompasso e falta de informação representou prejuízo financeiro pra alguns moradores atingido, que adotaram a prática de não cultivar suas terras por medo de ser em vão, pois a água tomaria esta área cultivada. Um dos motivos que levou estes moradores a tomarem esta decisão de não cultivar suas terras foi a falta de mão de obra disponível. Muitos trabalhos eram realizados em multirão com os amigos, familiares e vizinhos. Quando o movimento de êxodo rural começou a ficar mais evidente, havia menos mão de obra disponível para o trabalho, como nos contou senhor José Silveira:

Foi um monte de coisa atrapalhada, desde o incincho. Era muita trapalheira! Um monte de desinformação junto. Eu acho que nós não tivemos culpa, a usina é que deveria ter explicado tudo direitinho antes pra gente. O que a gente deveria e não deveria fazer. Eu deixei de cultivar minhas terras, pensando que não ia adiantar de nada, que eu ia afogar minha prantação tudo. Não é de ver que eu tava errado! Só tive foi prejuízo mesmo. O cálculo das terras foi como área sem cultivo e o valor foi lá em baixo. Se eu tivesse plantado tinha recebido era em área de cultivo, aí era outra coisa, bem melhor pra mim. Mas fazer o que? Já foi. Já tá tudo dentro d'água mesmo... Tinha vez que eu achava que devia plantar, voltar a lida com a terra, mas não tinha ninguém pra ajudar, eu ia ter que fazer tudo, tudinho mesmo, só eu e Deus¹⁰⁹.

A foto abaixo foi tirada durante a entrevista com o senhor José Silveira, ele pediu pra fotografa-lo somente com chapéu, pois dava um aspecto de proprietário de terras e não de empregado ou peão.

¹⁰⁹ SILVEIRA, José. *Entrevista*. Jan. 2013.

Foto 14 – José Silveira¹¹⁰.

Diante dessa escassez de mão de obra, D. Eva foi reivindicar no próprio escritório da Sefac que eles providenciassem alguém para realizar os trabalhos que ela precisava em suas terras, evidenciando assim que as mulheres do campo também se mobilizam e buscam alternativas. Estas mulheres realizam trabalhos de todas as naturezas, desde os domésticos, de organizar a casa e a família, como a lida no pasto e participaram de forma decisiva nos acordos com a empresa.

Para D. Eva e outras mulheres deste entorno do rio São Marcos, o trabalho tem lugar de destaque, quando elas são convidadas a falarem de suas vidas, começam falando de seus trabalhos. Suas narrativas nos mostram que elas não se intimidam frente ao novo que veio, neste caso específico, da necessidade de fazer acordos com a empresa da barragem que as pusessem em situações menos onerosas a elas e suas comunidades.

Neste contexto de desencontros entre projeto de desapropriação e vida dos ribeirinhos, a participação das mulheres do campo foi de grande valia. Elas trabalharam duro, como fica evidente nas narrativas e no contato com elas. Uma das nossas colaboradoras sentiu-se fragilizadas pela viuvez recente, como nos contou D. Thereza, porém nem isso a fez aceitar o que não concordava. Nossa outra

¹¹⁰ Fotografia tirada pela autora em jan. de 2013. Será doada ao acervo do Centro de Referência (UFU/UFG) e ao Diversitas- USP.

colaboradora, D. Divina, nos contou sobre o papel da mulher no campo, e nos mostrou que elas são heroicas, pois enfrentaram até mesmo o poder constituído. Temas que foram tratados no próximo capítulo.

4. Mulheres que pegam no batente: relações de gênero no sertão de Goiás.

O saber a gente aprende com os mestres e com os livros. A Sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes. (Cora Coralina)

Nos caminhos trilhados cada qual compôs, a seu modo, uma micro-história contextualizada em sua realidade vivida na totalidade rural goiana. A cada entrevista, as histórias eram narradas, permeadas pela mudança que estava por vir e num segundo momento, já vinda e adaptada a novas formas de viver.

Neste capítulo tentaremos compreender, a partir da narrativa de duas colaboradoras, D. Tereza, 63 anos; e D. Divina, 62anos, a questão do trabalho desempenhado pelas mulheres no campo, tema tão presente nas histórias de vida do sertão de Goiás. Ambas, cada uma sob sua perspectiva e suas experiências, nos contaram suas histórias de vida e o tema do trabalho das mulheres no campo foi bem marcante. O conceito de patriarcalismos não basta para, neste percurso, entender os mecanismos pelos quais elas tecem suas formas de conviver com uma opressão masculina.

Foram necessários vários encontros com D.Tereza para que ela contasse sua história, ela rememorou detalhes, tomou a palavra pra si e conduziu a entrevista sem precisar de muitas perguntas. Ela nos contou sua história fazendo conexão entre eventos antigos de sua infância e adolescência, buscando neles a justificativa de tornar a mulher que se tornou. O texto de sua narrativa, reproduzido a seguir, constitui uma análise do papel das mulheres no campo. D. Tereza é o protótipo da mulher produtora rural na zona rural de Campo Alegre de Goiás, entre outras coisas, ela nos apresenta um universo das práticas culturais das pessoas do lugar.

D. Tereza Pereira da Silva

Foto 15 - D. Thereza Pereira da Silva¹¹¹

Mas eu queria mesmo era contar outra coisa, tenho muita história pra contar e acho que vou morrer antes de contar todas... O que eu mais fiz na vida foi trabalhar e contar histórias, mas só histórias das boas!

Meu nome é Thereza Pereira da Silva. Estou com 63 anos, eu sou do dia 22 de abril. Sou nascida e criada aqui na Rancharia. Goiás é minha terra, minha vida. Já fui passear na casa da minha filha em Minas Gerais, é bem pertinho aqui, mas eu gosto mesmo é do meu lugar.

Uma pena que eu num tô muito boa pra conversar hoje. Recém sofri uma perda muito grande. Tô viúva faz 30 dias hoje. É uma dor que parece que tá me

¹¹¹ Fotografia tirada pela autora em fev. de 2009. Pertence ao acervo do Centro de Referência (UFU/UFG).

faltando um chão, um pedaço de terra, um ar pra respira... É triste...muito triste... Você me desculpe se eu começar a chorar... é que não tem muito como falar disso ainda...

Meu marido sofreu um acidente de trator, aqui na fazenda mesmo. Ele estava feliz com o trator novo, o trabalho dele rendia muito mais, mas ele ainda estava se acostumando com esse serviço. A vida inteirinha era um sonho dele comprar este trator, ele achava que ia poder gastar menos tempo na lida com a terra e que ia ganhar mais dinheiro. Fez um financiamento e comprou um tratorzim, daqueles velhinhos, usado mesmo. E ainda assim era a alegria dele andar de trator pra cima e pra baixo... Ele até me levou pra dar uma voltinha de trator.... Com toda essa felicidade dele, ele teve uma hora de bobeira... Quando ele desceu do trator, o trator passou por cima dele e quebro ele todinho... Eu que fui lá acudir, chamei, gritei, até briguei com ele mas ele não respondeu. Acho que ele já estava mortinho quando eu cheguei. Foi uma coisa que nunca mais vai apagar da minha cabeça. O sonho dele virou a morte dele e a minha também.

Eu tive muitos anos de alegria, de um casamento muito feliz, nunca me faltou nadinha. Eu casei muito cedinho, não tinha nem 18 anos, mas eu não me arrependi, porque eu tenho quatro filho que ele deixa pra mim, uma maravilha! Eu tô ainda muito magoada com essa morte... Assim desse jeito... Ele era muito querido aqui. O velório dele foi na sala de casa mesmo. Parece uma coisa estranha que eu vou te contar mas juro que é verdade. Os bichos da fazenda sentiram que ele morreu, até as vacas sentiram. Quando ele era velado aqui na sala, os bichos da fazenda tudinho ficaram beirando a casa, as vacas ficavam num silêncio de dar medo. As galinhas, os galos, as patos, os passarinhos todos ficavam aqui beirando a casa mas em silêncio em sinal de luto, de respeito. Eu mesmo não ia acreditar se alguém me contasse isso. Mas você tinha que ver.

Aqui na roça ainda é muito comum enterrar na horta ou nos campos santos. Campos Santos é como um cemitério lá da cidade... A gente tem um lugar pra enterrar lá. O Campo Santo aqui de Rancharia pega um pedaço da minha terra, bem onde é beira de rio, onde a gente acha que a Sefac vai me tomar. Disso eu num gosto nem de falar... Acho que é a pior das partes dessa nossa conversa. Porque falar do meu marido, mesmo ele tendo morrido é bom, me deixa feliz, com saudade, muito triste pela morte trágica e recente, mas fui muito feliz. Feliz como nem sei dizer com as palavras.

No Campo Santo tá minha mãe, meu pai, meus irmãos que já morreram, um filho meu, e agora meu marido....É um lugar lindo, de uma paz... que a Sefac quer me tirar, quer afogar meu marido nas águas desse rio que foi a vida dele.

Meu pai é enterrado aqui neste campo Santo, perto do curral, dá pra ver daqui, ele tá enterrado onde tem o pé de ipê amarelo, e meu marido também, só que ele tá do outro lado, mais perto do ipê roxo. Minhas netas tem medo de ir lá, elas dizem que lugar de enterrar é só no cemitério. Isso pode ser nos dias de hoje, mas antigamente usava enterrar era no quintal mesmo. Meu pai pediu pra ser enterrado ali e meu marido também. Eu queria muito ser enterrada ao lado delas, mas a água vai subir e alagar tudo ali. Não sei se a usina vai tirar meu pai e meu marido dali, mas se eles não tirarem, eles vão ficar tudo afogado alí mesmo. Eu não vou tirar. Acho triste de mais, porque quando eu quero conversar com eles, eu vou lá, cuido dos Ipês e fico conversando com ele. E depois? Como eu vou fazer? Eu ainda não sei o que vai ser resolvido disso tudo aí. Acho que eles estando perto de mim eu me sinto mais corajosa, minha mãe dizia que meu pai ficava dali do Ipê amarelo cuidando da gente. Ele abençoa nosso lugar e protege a gente de tudo quanto há de ruim.

Quando o meu pai morreu, ele era bem famoso, todo mundo aqui conhecia ele, ele chamava Abel Pereira da Silva, ele foi tipo um campeão da Rancharia. O dia que ele morreu, a mata que eu falei, a gente chama fazenda de mata quando a mata é fechada, tinha muitos animais nessa mata, e do outro lado da mata tinha um curral onde ficava as vacas do meu pai. Ele morreu as 8 horas da manhã, a gente fez o velório aqui na minha sala, e você nem vai acreditar, eu até arrepio de lembrar, os gados dele vieram pra velório sem ninguém trazer. Na hora que o povo foi saindo com ele o gado fez tipo um triângulo, até chegar lá onde nós ia enterrar meu pai! O gado envolveu as pessoas, deixou todo mundo dentro deste triângulo e ficou esperando enterrar, depois eles foram pro curral nem ninguém mandar. Foi um dia muito triste. Tinha umas 80 pessoas aqui em casa, meu pai era amado por todo mundo! Meu pai trabalhava de tudo, mais nessa época ele vivia de dinheiro emprestado, ele tinha muito dinheiro, aí ele emprestava e negociava, né? Recebia com um jurinho calculado em cima. Ele vendia arroz, ele vendia feijão, ele era assim, negociante, né?

Meu marido, que tá lá perto do meu pai era lavrador, ele passava a vida dele na lida da roça. Ele queria que quando ele morresse a gente enterrasse ele junto da mãe dele, mas era muito longe, então eu resolvi deixar ele aqui perto de mim mesma.

Eu sei que eu vou sentir muita saudade dele. Vai ser duro viver sem meu véio. Lembro de quando a gente ainda namorava, de primeiro era assim: nem na mão pegava, num podia, né? Minha mãe num deixava, meu pai também num deixava! Meu pai já tinha morrido, mas minha mãe dizia que ela não deixava porque se meu pai tivesse vivo ele não ia deixar. Meu pai morreu eu tinha 13 anos e eu comecei a namorar eu tinha 18 anos. Eu era muito vaidosa, hoje já larguei de mão disso, mas eu tinha muita ilusão de me arrumar e ficar cheirosa. Eu até punha flor no cabelo pra ficar bonito. Quando eu casei, meu marido era muito ciumento, eu fui parando de me arrumar, ele achava que se eu ficasse me arrumando, ia chamar atenção das pessoas. Ele tinha ciúme até da sombra dele! Ai então você vai deixando de lado de se arrumar pra fazer o gosto do marido. Muita coisa eu fazia pra agradar meu marido, tinha até coisa que eu não concordava muito de fazer, mas era melhor fazer que deixar ele contrariado...

Eu já fui muito bonita, mas sabe de uma coisa que eu nunca contei pra ninguém? Vou te contar pela primeira vez, quando eu casei eu não sabia nada da vida, nem sabia como é que era que fazia pra ter filho, eu achava que era de beijar na boca cumprido! Antes de casar a gente só relava na mão um do outro, nem pegava de verdade. Eu tinha vontade de pegar na mão dele, de abraçar, mas nem sabia como era beijar de verdade. Descobri tudo foi na lua de mel, a gente só conhecia o marido depois de casar. Ele me explicou o que ele ia fazer, eu quase morri de vergonha e de medo. Achei que era pecado, que ia me machucar, que não era certo. Eu casei sem saber o que que era um casamento! Porque minha mãe não me contava, minhas cunhadas também não. Eu fiquei com vontade de chorar e com raiva porque ninguém nunca tinha me contado. Eu não sabia nem como é que nascia os filhos! Quando eu engravidei achei muito custoso, um dia minha cunhada me disse assim: “não preocupa não, quando chegar sua hora Deus te prepara” e assim era, tudo deixado pra Deus e eu morrendo de medo e não tinha nem pra quem perguntar. Eu tive os filhos tudo seguidinho um do outro, eu nunca soube que tinha jeito de evitar filho, se eu soubesse tinha dado um espacinho entre um e outro. Falando nisso tudo, eu acho que na verdade, quase ninguém sabia de nada. Só sabia quem já era casada e já tinha filho, a gente só aprendi tudo na hora de ter que saber mesmo, não tinha preparo nenhum, era tudo assim, meio de surpresa. Não é como hoje que tem tudo no computador, na televisão. No dia seguinte eu nem olha pro Nilso de tanta vergonha, mas depois, com o tempo, a gente acostuma. Fiquei 44 anos casada com ele, graças a Deus ele foi o

melhor marido do mundo. Ainda bem que ele nem vai ver a terra dele ser alagada pela barragem.

Hoje eu pedi uma missa de domingo pro meu marido, que já tem um mês já, eu tenho que ficar mais firme, voltar dar assistência aqui em casa, fazer os serviço de casa, da roça... A vida tem que ir em frente... Eu sei que vou voltar devagar pras coisas, mas tem coisa que num pode esperar, que o tempo é que impõe pra gente. Leite tem que tirar, pasto tem que bater, cerca tem que arrumar. Se Deus quiser vou voltar pra vida.

Eu trabalho aqui na fazenda, eu fui nascida e criada aqui nessa fazenda, nunca morei na cidade e peço a Deus que nunca que tenha que mora. Que eu adoro a roça, eu adoro fartura, pra mim a coisa melhor que tem é trabalha e ver a fartura, e receber as pessoas na minha casa. O que eu gosto mesmo é da minha casa cheia, Graças a Deus, minha casa tá sempre cheia! Dá final de semana a casa tá cheinha, dá feriado também, vem os filhos, os netos, os amigos, os parentes, fica sempre cheio de gente, de muita fartura de comida, a gente joga, diverte, conversa, entrete um pouquinho, né?

E quando dá no dia deles ir embora tá uma casona tão ruim, que tá faltando muita gente, graças a Deus eu tenho muita amizade com o pessoal do meu lugar aqui, de gente nascida e criada aqui... Eu num tenho inimizade com ninguém! Graças a Deus! Só tá muito ruim a falta do meu véio... Eu sempre chamei ele pelo nome, era Nilso, ele tinha apelido, mas eu nunca usei chamar ele de apelido, o apelido dele era requeijão, isso foi uma brincadeira deles em solteiro ainda. O irmão dele arrumou uma namorada e naquela época usava namorar escondido, sem contar em casa, aí o Nilso descobriu e foi lá na casa dela, da namorada do irmão dele. Quando o irmão dele viu o Nilso chegando não entendeu nada! O Nilso levou um requeijão pra família dela, só pra usar de desculpa pra se achegar, ele entregou o requeijão na mão do irmão dele, que ficou tão apavorado que deixou o requeijão cair no chão, mas pegou o apelido foi no Nilso, ficou sendo chamado de requeijão até hoje, meu véio...

Agora vou botar nome na minha fazenda, o Joelso, meu filho já providencio a placa, vai chamar fazenda N. F. Requeijão. As letras do nome dele e o apelido, todo mundo vai saber quem é pelo apelido.

Eu tive muitos anos de alegria, de um casamento muito feliz, nunca me faltou nadinha. Eu casei muito cedinho, não tinha nem 18 anos mas eu não me arrependi,

porque eu tenho quatro filho que ele deixa pra mim, uma maravilha, eu tô ainda muito magoada com essa morte assim desse jeito.

Pra mim é muito ruim essa barragem, eu já tô véia, se eles demorasse mais uns 50 anos eu nem num ai ver aqui minha terra ser alagada. Eu nasci aqui, nasci tava só eu e minha mãe, nem a parteira tinha chegado ainda. Isso era ela que me falava. Quando ela tava na noite que ela foi ganhar nenê, que ela falou assim: “vou toma um banho e subi em cima da fornaia caipira.” Ai que ela falou assim: “estranho parece que eu to ganhando nenê!” Ai que ela pulo no chão, eu nasci! Foi fácil, ai que ela falou pro meu pai: “Paulo, vem ver, eu ganhei nenê!” ai meu pai levanto e foi correndo ver! Minha mãe dizia que eu não chorei quando nasci, ela até penso que eu tivesse morta, ai me jogou de baixo da cama, me enrolou numa coberta e jogou de baixo da cama e foi dormi. Ela disse que não teve coragem de mexer comigo pensando que eu estava morta. Meu tio, irmão do meu pai, era nosso vizinho, ele veio aqui em casa de manha pra conversar, como ele sempre fazia, vinha nem que fosse só pra tomar um cafezinho, ai meu irmão contou que minha mãe tinha ganhado nenê e que o nenê tinha morrido, que tinha que ir alguém lá em casa pra enterrar, naquele tempo ninguém podia ser enterrado sem batizar. Minha tia foi lá em casa, depois de uma noite inteirinha que eu fiquei de baixo da cama, e me puxou pela minha coberta, e graças a Deus eu chorei! Devia tá com frio, com fome. Minha tia gritou: “ela tá viva muié! A gente tem que dar um banho quentinho nela”. Dizia minha mãe que eu não dei um choro, ai até ela brincava assim: “é por isso que eu sou chorona, nasceu sem chorar e depois quis descontar tudo!”, se um dia você fica comigo, uns dois dias e eu gosta d’ocê e ocê sai, nossa! Ai pode ir embora sem dispidi de mim! Porque eu quase morro de chorar! Eu só muito amorosa com as pessoas. Graças a Deus!

Meus filhos, eu tive sozinha também, os dois. O primeiro eu achei que eu ia ganhar, eu senti no dia que ele nasceu, eu falei pro meu marido as quatro da manha: “Nossa! acho que hoje eu ganho nenê”, ai ele falou assim: “mas então eu tenho que ir atrás de uma parteira”, ai era só ele, eu e o Joelson, e ele tava com um ano e três meses, ai ele saiu pra ir atrás da parteira, quando ele foi, ele encontrou uma senhora que morava aqui perto, ele pediu pra ela fica comigo até ele ir atrás da parteira, ela chamava Dona Rita. Ai a muié chegou e falo: “Thereza o Nilso mando fica com você”, e eu falei: “ não, então você vem arruma aqui os trem, que eu já ganhei um nenê! Me ajuda só a limpar aqui!”. Tive ele sozinha, ela só limpou ele, arrolou no

cobertor e me deu pra dar de mamá a ele. Quando o Nilso chegou com a parteira eu já tava era fazendo café pra ele mais ela!

E a outra filha, que é a Margarete eu tive ela sozinha. Ela nasceu, aí eu enrolei ela e dormi do lado dela, o parto deixa a gente muito cansada. Era mais ou menos umas oito horas da noite e tava chovendo, o Nilso já tinha ido atrás da parteira pra fica comigo, só que quando ela chegou eu ouvi ela falar assim: “Nossa Nilso morreu mãe e filha!” e eu assustei, porque eu tava dormindo, aí eu falei: “não! Eu num morri não, e minha nenê também não! minha nenê também não morreu não!” que era a primeira nenê muié, né? Aí ela falo: “ai, graças a Deus!” Foi um susto! O Nilso quase morreu de susto e eu também! Os nenê tem que nascer chorando, se não a gente pode confundir e achar que nasceu morto! Os meus choraram na hora que nasceu, mas depois dormia o dia inteirinho! Só eu que nasci e fiquei quetinha...

Quando eu era criança eu fui muito feliz, eu sempre fui muito feliz e ainda sou, o que acontece é que estou vivendo o pior da minha vida. Eu gosto de lembrar dessas coisas boas, faz parecer que o que estou vivendo de ruim agora vai passar, e que eu vou, um dia, contar sobre isso sendo um passado muito longe que vai ter ficado pra traz.

Na minha infância eu estudei mas só um pouquinho, eu só assino meu nome, sou quase analfabeta, sei só o suficiente pra ninguém me passar pra traz. Meu pai me ensinou muito também, ele colocou nós tudo pra trabalhar desde muito cedo, ele acostumou a gente a acordar as 4:30 da manhã. A vida na roça começa e termina muito cedo, a gente dorme muito cedo também porque fica muito cansado. Aqui sempre falta energia, se for final de semana falta mais tempo ainda, aí é que eu durmo cedo mesmo, fazer o que no escuro? Melhor dormir que eu vou acordar cedinho mesmo. Agora mesmo a gente tá sem energia, daqui a pouco começa escurecer, se eu tiver sozinha eu fico quetinha deitada lá na cama. Eu acendo uma velinha e fico lá, tem lanterna, tem lampião, mas se eu tiver sozinha fico só com a vela acesa.

Mas eu queria mesmo era contar outra coisa, tenho muita história pra contar e acho que vou morrer antes de contar todas. Eu estou vivendo nesse fragelo de tristeza aqui, mas é bom lembrar de uma época que só tinha felicidade. Eu queria te contar do meu pai, ele era um homem muito bão! Um ótimo pai! A educação que ele deu pra gente foi muito bão pra gente. Ele era rigoroso, mas era um pai muito honesto, muito bão, muito trabalhador. Minha mãe também era muito boa, muito trabalhadeira, era uma mãezona, e foi assim que eu tentei ser pros meus filhos, eu tentei seguir o

exemplo dos meus pais. Eu tive uma infância muito boa. Hoje eu ainda falo para os meus netos, Que eles nem sabem é brincar de verdade! Se deixar eles passam o dia todinho vendo televisão e tem um jogo que eles ficam na frente da televisão também. Acho que quem é feliz mesmo sou eu! Nós aprontava de tudo! Era arteiro e brincava até escurecer todo dia. Nós fazia arte com vontade mesmo! Mas os meninos hoje num brinca e nem faz arte. Nós fazia arte com vontade! Nossa senhora! Eu trabalho desde muito cedo, sempre tive que ajudar na roça, mas eu brincava muito também, era muito feliz! Fui feliz a vida toda. Toda coisa de arte que ocê pensa, pra nós era pouco! Nós era muito menino aqui na roça, né? Ao todo, juntando com os vizinhos, os primos e os irmãos dava uns doze meninos. Só meu pai tinha treze irmãos, imagina eles tudo casado e com filhos? Quando juntava era de pegar fogo na roupa!

Eu nunca gostei muito de brincar de bonequinha, nós aqui na roça nem tinha boneca de verdade, tinha umas que a gente fazia da espiga de milho, os cabelinho dela era os cabelinhos da espiga, e a espiga era a própria bonequinha, mas era bonequinha moça, eu tinha vontade ter uma boneca que fosse tipo bebezinho, de trocar fraldinha, dar mamadeirinha, por no bercinho. Minha mãe fazia umas bonequinhas feita de pano, mas eu odiava, nem brincava com elas, e hoje virou moda, né? Eu sou queria saber de brincar no rio, de correr, de esconder, de pregar peça nos colegas, era muito divertido! Eu brincava no rio mas tinha medo dele, rio é traiçoeiro, a gente tem que respeitar muito ele. Hoje, se você me chamar pra beirar o rio eu não vou! Tenho mais medo que antes, acho que porque eu já tive que tirar muita vaca de dentro de rio e eu sempre tenho medo delas afogar, né? Eu nunca vi, graças a Deus, mas sei que esse rio São Marcos já matou muita gente! Eu nem quero ver! Quando a gente vai pescar eu fico só onde eu sei que é rasilho, lá aparece muito peixe, nem precisa de ir pro fundo. Não sei porque, mas eu olho muita água, me dá estomago mais ruim, não gosto!

Meu pai contava muito causo de beira de rio, eu mesmo nunca vi, mas ele contava e ele não era de mentir. Se hoje alguém falar pra mim não entrar numa casa porque ela é mal assombrada eu vou responder: “ então a assombração pode privini, que ela que vai ter que corre de mim! Eu não tenho medo dela! Ela é que tem que ter medo de mim!” Porque se eu tiver deitada, ou dormindo, e ela vem me perturbar porque? Num devo nada pra ela! Eu acredito que existe assombração sim, mas acho que comigo elas não meche!

Eu sei de uma história, mas essa é de verdade, de uma tocha de fogo que a gente via da janela de casa. Era de noite, sempre só acontecia de noite depois que

chovia. Muitas vezes a gente já estava com medo da chuva e quando ela acabava a gente sabia que ia ver a tocha de fogo. Era uma assombração que andava na mata carregando essa tocha, e quando passava a chuva a gente corria pra janela pra ver. Dizem que onde a tocha parasse, no dia seguinte tinha diamante lá. Eu mesma, não tinha medo, mas minha irmãs quase morriam de medo. A gente olhava a tocha vindo, aquela tocha de fogo, coisa mais linda! Se eu pudesse pega, eu era louquinha pra pega mas num tinha jeito, né? A gente ficava na porta olhando, ela descia, a coisa mais linda! Ia na porteira do curral, ela ia lá perto dos bichos que ficavam tudo quietinho pra ela passar. A gente ficava olhando e ela apagava de um veiz!

Eu ainda não recebi nada de indenização, mas quando eu receber eu quero arruma minha fazenda. Eu num tenho pasto pra mim tirar leite, meus pasto tão muito pouco, a Sefac tá me tomando o meu melhor de terra, a parte mais produtiva que tem pomar, de onde eu tiro meu alimento, e o alimento da própria fazenda, como dizem, ela tá me tirando minha galinha dos ovos de ouro. Ainda não sei como eu vou fazer, né? Vou ter que ter dinheiro pra comprar tudo que hoje eu produzo aqui, mas Deus provê, né?

Eu trabalho aqui na minha fazenda, só nesses últimos dias é que estou meio parada, mas quero continuar se Deus quiser. Aqui eu tiro leite, tem que cuidar do gado, vendo leite pra cooperativa de Catalão. Eu tiro aqui 180 litros de leite por dia, mas o gado não é tudo meu, é meu mais do Joelso. Desde que meu marido morreu eu nem não fui mais na beirada do curral, mas até ele morrer eu ia pro curral todo dia, eu mesmo ajudava a tirar leite. Eu tirava, eu piava vaca, eu já tirei até 80 litros de leite sozinha!

Eu sempre trabalhei muito na roça, além de fazer os serviços da casa, eu cuidava dos meninos, dava almoço, levava pra escola, ia buscar, arrumava casa e fazia janta pra todo mundo. O leiteiro costumava passar aqui umas 6 horas, ele nunca me pegou no curral, quando ele chegava já tinha tirado todo leite e já estava arrumando os meninos pra escola. Tinha uma escola rural naquela época, onde hoje é a propriedade do Alcides. Lá onde era a escola a Sefac tá fazendo um lugar pra festa, um salão pra encontro da comunidade, mas nem sei que comunidade porque vai todo mundo embora daqui! É um fragelo isso....

Acho que os serviços da roça é tudo as mulher que faz, e os homens é que ficam com a fama de trabalhador! Eles são também, mas na roça, nem mulher nem criança pode ser poupada, nós tudo tem que ajudar. Tem até uns serviço que meu pai

não deixava nós fazer quando era pequena, achava que podia machucar nós, que nós não tinha muito jeito, mas quando era assim tinha outros trabalhabos que nós dava conta. Minha mãe já dizia que cabeça vazia é ofician do diabo, nós tem que trabalhar muito!

Outra renda que eu tenho aqui na fazenda é de vender frango, mas eu não gosto de vender, eu prefiro criar só pra gente aqui comer mesmo. É bão quando vem uma visita e a gente tem um franguinho caipira pra fazer! É que eu não sabia que você vinha, se não eu tinha feito, mas se você for posar aqui amanhã faço um franguinho aqui no fogão a lenha pra gente. Eu gosto quando eu recebo meus amigos e a gente come frango, feitinho na hora. Eu vendo capado, esse eu não faço questão de ter aqui não, esse eu prefiro vender. Dá uma trabalhadeira fazer capado e só é bão quando tem muita gente porque divide o serviço. Esses dias eu matei um aqui de 9 arroba, você precisava de vê que coisa mais linda, muito bonito...

Eu sou aposentada mas eu pago o peão um salarinho, porque eu num do conta de tudo sozinha, as vezes tirar este dinheirinho, mesmo que sendo pouquinho, me faz falta, mas sozinha já não consigo mais por causa da idade. Meu filho mora aqui comigo, ele é arrendatário, ele dorme aqui comigo, ele tira leite, vem pra casa e almoça, fica um pouquinho aqui comigo pra gente conversar, faz um quilinho do almoço. Eu não gosto de ficar aqui sozinha, meus outros filhos moram em Minas, tem um que mora em Uberlândia, outra que mora em Campo Alegre, na cidade, ela é professora. Agora ela está esperando que vão chamar ela pra dar aula, ela passou num concurso bão, tem um salarinho fixo todo mês, e diz que é emprego que não pode nem mandar embora, que fica até aposentar se ela quiser. Eu acho que ela vai querer sim, ela estudou muito pra isso.

Minha renda aqui na fazenda é suficiente pra mim, eu tiro meu “cume” tudo da horta, aqui é uma beleza pra plantar, dá de tudo. Você precisa de ver que beleza os pés de chuchu que deram agora! Este tempo quase que num tem nada, mas sempre tem muito quiabo, tem chuchu, esses dias pra trás tinha pepino que a gente tava jogando pros porco de tanto que tinha! Eu pranto de tudo na minha horta, de tudo que você pensa numa horta, eu pranto. O meu quintal é todo plantadinho, cê pode entrar e ver que eu tenho quase de tudo, o que tem mais é laranjeira, mais tem muitas outras coisas. Uma novidade aqui na região é a canela, quase ninguém tem plantada, eu tenho e uso muito, faço doce de milho e coloco canela, doce de banana, de mamão, de cidra e tudo eu coloco canela. Tem gente que sabe que fui eu que fiz só porque tem

canela no prato! Outra novidade aqui na região é a acerola, quase ninguém tem dela ainda, eu já tenho tanto que chego a dar pros vizinhos. Só de jabuticabeira eu tenho uns 14 pés grandes e 11 pequenos, quando for a época fica tudo carregadinho! É uma belezura! O que vem de gente aqui não é brincadeira, vem e leva muita jabuticaba! As vezes ainda joga fora porque num vence de comer tudo!

Eu acho bom de ter a jabuticabeira porque meus netos gostam de vim aqui me ver a comer jabuticaba. Eu tenho 4 netinhos, 3 meus e um adotado que é a mesma coisa que se fosse de verdade. Eu acho muito bão quando a casa fica cheia, eles vem, a gente conversa muito, eles me ajudam muito. Minha família mora distanciada de mim, minhas irmãs moram muito longe, tem uma que tá em Brasília, e ela as vezes vem aqui, quando é caminho dela ir pra algum lugar. Eu gosto muito de ter gente aqui mas tem hora que a gente gosta de fica mais calada, outra hora a gente já gosta de conversar, mais eu não gosto de fica sozinha, eu já fiquei muito sozinha, mas agora a gente vai ficando mais de idade.... Num quer ficar mais sozinha não...

Ter horta é muito bão que atrai as pessoas, toda hora vem um aqui porque quer ver a horta, comer fruta, mas dá mão de obra. Tem dias que eu levanto cedinho e trabalho o dia todo. Só volto pra dentro de casa pra dormir mesmo...Eu gosto muito de trabalhar, se Deus me livre e guarde eu ficar doente um dia, vou sentir falta é de trabalhar.

Eu tenho uma farmacinha no meu quintal, tudo quanto há de remédio eu tenho plantadinho ali e eu gosto de trabalhar naquela meu viveiro. Tem erva doce que é bom pra acalmar os nervos, e ajuda também a dar sono. Se tiver pressão alta também ajuda, e se não tiver não muda nada, qualquer um pode tomar. Tenho marcelinha, que é bom pra febre alta, pra curar de gripe, é só fazer um chazinho com as folhas e tomar morninho, é doce que nem precisa por açúcar nem nada. Chá de folha de limão também é bom pra gripe forte, o chá é melhor até que o suco de limão porque o suco tem que adoçar. Eu faço de tudo da minha horta, como da horta, uso remédio, vendo capado, ovos, galinha, como também as galinhas, é muita fartura.

Minha casa não vai ser atingida pela barragem, eu vou poder continuar viver aqui, enquanto Deus me der força e saúde, só que tudo que eu mais gosto, que é minha terra, vai acabar, vai ficar tudo de baixo d'água. Já imaginou não ter mais minha horta? Tudo que eu precisar eu vou ter que comprar, de onde vou arrumar dinheiro? Como eu vou ir na cidade fazer compra? Eu não dirijo, a cidade é longe. Acho que vai ficar pior que se eu tivesse que sair, porque não vou ter nem vizinho

mais, vou ficar aqui sem ter com quem trocar “os trem”, nem vou ter mais os vizinhos que são muito prestativo pra ajudar a gente qualquer dia, qualquer hora. Os vizinho é muito bão. Aqui do outro lado do rio é meu irmão, mais na frente é minha irmã, mais pra cima assim, são meus cunhado, e meus cunhados são tudo gente boa. Às vezes, no fim de tarde de sexta a gente reúne pra jogar caixeta, a gente vara a noite jogando. E agora? Vou ficar sem meu lazer, sem meus vizinhos, sem minha horta, sem meu quintal, não vai ter nem jeito de criar mais capado pra vender. Quer dizer, veja bem o que eles querem fazer comigo, tira meu alimento, meu jeito de ganhar dinheiro e meus vizinho, tenho muito medo de ficar mais sozinha, ainda mais agora que estou viúva...

Sabe de uma coisa? Eu crio galinha pra vender, mas eu gosto mesmo é da fazer pras visitas, gosto que elas comam bem na minha casa, e esse rio vai fazer minha casa ficar ainda mais longe da cidade, porque vai alagar onde tem ponte e vão fazer uma estrada de terra passando bem longe daqui, minha família vai ficar mais longe de mim. Pra mim é uma alegria preparar uma comidinha boa pras visitas, eu gosto de fazer frango, peixinho que tem muito na represa, eu mesmo pesco, limpo, e faço de forno. Mas se for pra fazer só pra mim eu não faço, fico desanimadinha, isso é outro problema que a barragem nem fica sabendo, eles acham que pagou tá tudo certo.

Nada me contraria tanto quanto falar dessa barragem, ela quer me tirar este meu lugar. Tô aqui quietinha, não mecho com ninguém e vem ela aqui pra me tirar daqui. A medida da minha terra é de 12 alqueires, na medida que eles fizeram na Sefac deu menos um pouco, mas a gente mediu ela de novo por causa do inventário, a gente foi obrigado a medir, e eles não aceitaram e ficaram com a medida do Sefac mesmo.

Eu ainda num queria, não quero aceita... Porque eu acho que a minha terra, o que tem lá já foi dividido pelo meu pai, que é uma herança que eu tive do meu pai, me magoa muito, Essas terra estão na minha mão tem 53 anos , o meu pai teve ela mais ou menos por uns quarenta anos, ai ele veio a falecer, e ficou pra mim. Eu não do ela por dinheiro nenhum! Por nada nesse mundo me tomava ela! E agora to sendo obrigada...

Tó sendo obrigada mas porque não tem outro jeito, porque se tivesse jeito, lá eu queria ficar com meu filho mais velho, que é o Joelso, ele que trabalha, ele é

arrendatário, as coisas dele tá tudo na roça. Você deve ter passado lá pra chegar aqui na minha casa.

Eu estou vivendo uma época muito contrariada, é porque eu fiquei viúva muito recente, eu tô muito sentida ainda. Eu fiquei casada por 44 anos e muito feliz no casamento, graças a Deus. E agora meu companheiro me faz muita falta... Você nem pode imaginar o que é essa falta, só quem passa, jamais eu queria fica assim... Tá sendo uma dor muito difícil...

Eu não fiquei de todo sozinha, meu filho dá assistência lá e aqui pra mim...Que eu morava com ele, eu e o pai dele, e ele dormia com a gente aqui... Ele é um filhão, os meus filho é tudo!

Eu sei fazer um pão de queijo que se você comer, você leva saudade dele! É o povo que fala isso, né? Até pra ir comparar polvilho vai ficar mais dificultoso...

Quando eu era criança e tava na hora de cozinhar eu ajudava minha mãe, acho que foi com ela que eu aprendi a fazer minhas quitandas. Tem coisa que eu faço que nem acredito que foi eu que fiz, de tão gostoso. O fogão de lenha ajuda, qualquer coisa que a gente faça nele fica melhor. Quando eu era menina ajudava a cozinhar, a pilotar o fogão, eu não gostava na época, mas vejo que foi bom. Eu devia ter uns 10 anos já cozinhas pra família toda, e todo mundo comia de lambar os beijos! Eu ainda pegava umas pimentas de cheiro na horta, aí que ficava uma coisa mesmo...O que eu mais fiz na vida foi trabalhar e contar histórias, mas só histórias das boas!

* * *

Se eu fosse nova hoje eu ia dar nó em goteira! Eu não ia ter essa bobeirada que as pessoas perdem um tempão pra resolver. Também ia trabalhar só em serviço de mulher, ia deixar os trabalhos de homem pra homem fazer. Cada um no seu quadrado!

Pra mim esta nova vida não está bom não, eu já chorei muito, já reclamei, mas não deu jeito. Eu nunca que aceitei a barragem aqui nem não vou aceitar, acho que nunquinha! Quando eles vieram aqui pra negociar comigo eu não queria, era uma

agressão ouvir eles dizendo das minhas terras, da minha vida como se eles soubessem mais disso que eu mesma. A minha terra não era de vender, eu não queria negociar de jeito nenhum, mas acabei tendo que negociar porque o Nilson tinha morrido fazia trinta dias, então eu tinha que dividir tudo com os filhos, né? Eles queriam que eu deixasse a documentação tudo certinha, como eu não tinha dinheiro eu vendi umas vacas pra poder pagar a documentação, vendi o gado, fiz um inventário. Se o Nilso fosse vivo ele ia sofrer de ver as coisas como acoteceram, e eu não ia sofrer sozinha, a gente ia dividir o sofrimento e ele ia resolver com a usina pra lá, eu nem ia participar das coisas, mas sem ele eu tive que resolver tudo. Mas sou forte, guerreira e trabalhadora, fui lá na Sefac, pedi pra minha filha ir comigo pra ela ler tudo pra mim, entendi tudo e tomei frente no negócio. Não sou aquele tipo de mulher de novela, aquelas que tudo pede é pro homem fazer, se a gente faz serviço de homem, é porque podemos assumir tudo que eles fazem.

Foi pior que eu imaginava. Nossa! Até hoje eu não desconformada. A minha terra não era de vender, era minha de trabalhar, de viver. Eu peguei essa terra aqui quando eu tinha treze anos, e era antes da mãe do meu pai. Meu pai deve ter ficado com ela uns cinquenta anos e depois passou pra mim, não era de vender...

Aqui era bom, vinha muita gente passear, não era nunca de vender. Pra mim a barragem não teve nada de bom. Não foi muita terra, foi pouquinho, deu três alqueires, mas era minha e das melhores terras de plantio aqui. Era daqueles três alqueires que eu tirava o sustento da fazenda, de lá vinha meu arroz, meu feijão, umas sojinhas, tinha milho, tinha alface, vagem, tinha de tudo. Era muito variada, eu não comprava quase nada na cidade. Não produzia pra vender, era só pra fazenda e dava um pouco pros filhos que moram na cidade e pra uns vizinhos, que também foram embora daqui, na mesma época que meu marido morreu, foi uma época muito dura, num gosto nem de lembrar...

A vida inteira era de lá da minha horta e do meu pomar que vinha tudo pra abastecer nós aqui da casa, era tudo de lá, eu tinha muita vontade de fazer uma casinha bem na beiradinha do rio, pra fazer um rancho pros netos e filhos vim aproveitar aqui, mas agora nem pensar nisso eu posso, a terra não é mais minha e também, depois da barragem aqui tá essa uma feiura.

Lá tinha uma casinha mas era só pra caseiro, tinha um fogão de lenha que as vezes eu usava, levava um bezerro e fazia lá na beira do corgo, pra gente ficar por lá. Quando a Sefac veio tive que arrancar a casa todinha. A gente sempre tinha alguém

que morava lá, era uma companhia também , além de ajudar com serviço de roça que é pesado. Agora, depois que o Nilson morreu eu preciso mais de uma pessoa, mas se eu arruar não tenho onde por, então fico sozinha aqui.

Mesmo com três alqueires menos eu tenho vontade de melhorar aquilo tudo lá e voltar a ter um caseiro. Eu tenho muito medo de onça, e quando tem caseiro ele vigia pra mim. Teve uma vez que um caseiro antigo manteve duas onças, e ficou só um filhotinho. Esse filhotinho já está grande e anda por volta aqui, tem noite que eu ainda escuta ela andando por aqui.

Com o fim do pomar acabou as acerolas, as jabuticabas e meus netos nem vem aqui buscar mais mais fruta, essa usina fez só aumentar minha solidão. O valor da indenização foi muito abaixo, eles me pagaram bem pelo alqueire e era só terra boa e formadinha. Eu pedi pra eles me dar uma terra pra mim plantar. Eles desapropriaram minha sobrinha que tinha uma terra pertinho aqui, eu podia ficar com a terra e continuar plantando. Ia dar mão de obra mas eu ia voltar a ter o sustento da fazenda, mas eles diziam que se eles arrumassem pra mim iam ter que arrumar pra todo mundo. Eu queria só minha terra pra mim ficar tranquila e pensar assim: “tenho essa terra que é minha pro meu sustento”

O dinheiro da indenização eu investi aqui na minha casa. Faz dezessete anos que minha mãe morreu, todos meus irmãos vendeu a herança e eu não vendi, agora eu tive que vender e apliquei junto, juntei com o dinheiro da Sefac. Quando você veio aqui daquela outra vez não tinha esta cozinha, nem esta varanda grande. Tinha tudo caído, eu fechei e coloquei azulejo. Fiz a cozinha, coloquei azulejo nas paredes mas no chão eu não quis por não, primeiro que é muito caro e outra que fica gelado de mais. O ruim é que se colocar um fogão de lenha aqui dentro da cozinha os azulejos tudo racha, eu vou fazer mas vai ter que ser lá na horta.

Nós recebeu uma indenização por ele ter morrido, era um seguro, eu peguei esse dinheiro e paguei uma dívida que ele tinha de ter comprado o trator aqui pra roça, e foi este trator que matou ele. Triste de mais, triste mais do que qualquer coisa que você pensar. Hoje eu estou querendo fazer um pasto, nem pasto tinha quando você teve aqui. A gente vai fazendo devagarzinho.

O que eu acho que a Sefac fez de muito ruim é que acabou com a nossa região. Era muita gente, era todo mundo muito trabaiaadô, pessoa simples, humilde, tipo de gente que não acha mais por aí. Tudo muito trabaiaadô, agora hoje você tá

vendo aqui que está cheio de gente estranha que a gente nem sabe pra de onde veio pra onde que vai, o que que mexe. Uma gente nova que nem olha na gente.

Os vizinhos antigos muitos foram pra cidade de Campo Alegre, pra Catalão, teve uns que foram pra outros estados, o Zezinho do garimpo foi pra Brasília. Antes deles ir embora a gente se reunia nas casas, tinha muito terço que ai de casa em casa, começava, por exemplo, numa segunda-feira na minha casa, na terça era em algum vizinho que oferecia, na quarta em outro e por ai em diante, e sempre no final do terço a gente fazia uma festa. A gente se via nas missas...

Tinha muito multirão, hoje eles estão mais pouco, mas ainda acontece. Eu mesmo fiz um multirão aqui pra arrumar a cerca. Veio doze homens, a maioria era vizinho muito antigo, veio meu irmão, meu cumpadi, eles estavam pensando que iam trabalhar o dia inteirinho, porque ia arrumar cerca, limpar tudo, mas como veio doze eles acabaram antes do almoço, começaram as cinco e acabaram perto do meio dia. Eu matei leitoa, fiz uma leitoa melhor pra eles, e depois eles comeram, beberam, jogaram,. Eu acho bom, eles não ficando bêbedos e briguentos é bom de mais.

A treição acabou. Eu alembro de treição na época do meu pai, acho que nunca mais teve treição por aqui. As pessoas vão desanimando, os mais jovens não querem saber de fazer isso. Agora tem que avisar pra tudo que vai fazer, pedir permissão, acho que essa geração está mais esperta, mas perde muita coisa que a gente fazia e eles acham que é falta de educação de fazer. A treição é isso. Minhas netas que falam que chegar nas casas dos outros sem avisar é falta de educação, e que tem que ter hora de ir e hora de voltar tudo combinado antes. Eu acho que é uma bobagem muito grande.

Parece também que as pessoas estão mais desunidas. Os mais velhos era muito mais unido. Se eu fosse nova hoje eu ia dar nó em goteira! Eu não ia ter essa bobeirada que as pessoas perdem um tempão pra resolver. Também não ia trabalhar tanto, ia trabalhar só em serviço de mulher, ia deixar os trabalhos de homem pra homem fazer. Cada um no seu quadrado!

Eu sempre gostei de festa, tive muita amizade. Meu pai aqui nesta casa, uma dia vestiu a calça com a braguilha pra traz, porque de madrugada chegou a treição e ele não esperava aquilo, né? A minha mãe falou: “É Treição! É treição!” Ai a gente tudo levantou e foi ver. Eles chegavam com acordeão, violão, as mulheres ia com roda, com carda, com algodão e ficavam fiando numa cantoria. Os homens traziam foice, ferramenta de roça. Meu pai ficou doidinho e vestiu a calça ao contrário. O

peessoal abraçando ele, cantando ai ele viu que estava com a calça errada. Eu tinha uns seis anos e lembro. Eu lembro de muita coisa de minha infância, eu lembro que pirraçava minha irmã. Lembro que ela me batia quando eu pirraçava ela e minha mãe ficava brava com nós duas.

Aqui, antigamente, tinha muita festa de São João, o Silvano Piroca parece que vai fazer esta festa, ele disse que vai fazer, mesmo que seja só de três dias, porque antes durava nove dias, hoje nem está tendo mais. Começava na sexta feira, ficava umas dez mulher na cozinha, tinha leiloeiro, tinha juiz, tinha reza, as pessoas chegavam dando tiro, era muito animado. Durante o dia era só pra dormir, trabalhar, a festa emendava era só sexta, sábado e domingo, ai sim, ninguém ia embora, mas durante a semana as pessoas vinham só pra noite. Eu já participei umas três vezes, era muito truco, muita farofa, mas nem era muito de beber...

Eu não pedi nada pra Sefac, eu fiquei com muita raiva, que você não pode fazer nada... Os funcionários que a gente conhece, são os que estão só cumprindo ordem, eu não tenho raiva deles não, eu sei que é trabalho. Eu nunca quis nem conversar com eles. Fui só pra assinar e mesmo assim com muita briga. Eu demorei pra receber. Eles só pensavam neles... Eles ainda falavam que era assim se eu quisesse receber, se eu não quisesse era só eu entrar na justiça. Eu não queria... nem ver a cor deste dinheiro, eu achava que ia ser melhor eles se eles depositassem em juízo, mas ia ser só mais atraso. Meus filhos achavam que era melhor pra gente aceitar, porque se a gente entrasse na justiça capaz que eu ia morrer sem ver o dinheiro, porque se já é demorado quando a gente assina, imagina se fosse pra justiça? Não tinha jeito, eu não podia esperar, tive despesa com a documentação, precisava do dinheiro pra sustentar a fazendo porque a terra de onde vinha este sustento eu não tinha mais.

Tá um horror, hoje o rio é um buraco, juntou muito barro, não tem água, o gado do meu irmão, que é do outro lado do rio, tá passando pra cá no meu pasto porque a gente não pode cerca, o rio tá sequinho, só tem barro. Eu não posso fazer nada. E como vai ficar isso pra nós? Eles não me deixa fechar e diz que eu não posso fazer nada, eles é que deviam fechar então, já que eu não posso. São deles agora, o rio, os três alqueires e mais setenta metros. Ontem mesmo a gente estava conversando isso aqui, o gado fica no pasto e quando ele vai procurar agua ele desce e ate atravessa. Não pode fazer nada, eles não aceitam e não fazem. A gente esta cobrando isso deles, porque como é que a gente vai ficar com esta terra deste jeito? Eu divido

com meu irmão, os gados dele vem pra cá. O meu não vai porque é mais pouco e fica sempre fechadinho.

Eu tive muita esperança que essa barragem não vinha, porque teve muita gente que estava na beira do corgo e nem sabia de quem era o terreno. Ele foi pra Campo Alegre. Pra ele foi vantagem.

Aqui tem aparecido muita cobra cascavel, a gente não pode deixar nada amontoado que fica com cobra. Esta semana eu matei cinco. A Sefac vem aqui e tem coragem de falar pra gente que não é pra matar, que matar é crime, e manda a gente pegar e levar pra algum lugar, mas isso é minha defesa, eu tenho que matar. Esses dias eu estava no quintal, eu estou sempre no quintal, trabalhando na horta, eu estava capinando, pudei a laranjeira. Eu vi que tinha alguma coisa errada, eu tinha um monte de telha no quintal, quando eu cheguei pertinho era outra cobra saindo assim, eu gritei e era duas, uma eu matei com espingarda a outra sumiu, ela escondeu e não achei. Eles falam pra gente que tem que tomar cuidado. No outro dia eu estava plantando umas ramas de mandioca me deu uma vontade de vir aqui dentro, mas eu fiquei pensando o que eu tinha que para e vim aqui? Estava faltando só umas seis ramas pra terminar, eu vou plantar, mas fiquei desassossegada querendo vim aqui dentro, larguei tudo lá. Quando eu cheguei a cobra estava ali na entrada, espichadinha, as marcas do tiro tá ali no chão. Se eu não chego ela tinha entrado pra dentro e eu com a casa cheia por causa de ser final de ano, minhas netas estão aqui, meus filhos, minha nora. Já pensou o que teria acontecido?

O chocalho dela está ali em cima, ela tinha uns seis ou sete anos, a outra tinha nove. Eles acham que a gente não pode matar. Eu mato com o que tiver na mão, mato com pau, com espingarda. Uns dois dias eu fui por água pros porcos, quando eu levei a mangueira lá tinha outra. Ela tinha seis anos. Eu sei porque depois que a gente mata a gente tira os gominhos do chocalho e cada gominho é um ano, fica na ponta do rabo, a gente tira e vê quantos anos ela tinha.

Ontem a gente matou uma que tinha a cabeça patrona, ela é mais perigosa porque quando ela te vê ela fica chatinha, quando a gente bate nela ela chega a pregar no chão, ela só morre se a gente acertar a cabeça dela, se for em outra parte ela divide e vai embora. Toda cobra é perigosa, eu tenho medo de ladrão e de cobra. São as coisas que eu mais tenho medo na vida. Aqui na minha casa nunca deu ladrão, mas cobra agora tá lotadinho. Eu nem aconselho ninguém ir lá ver a horta sozinho, ainda mais quem não tem costume. Mas aqui agora está com muita cobra, muita mesmo! A

gente até usa benzes de cobra, tem uma pessoa que vem aqui e benze, as cobras vai tudo embora. Eu fiquei até preocupada quando eu soube que você vinha, porque se você parasse o carro de fora da porteira e viesse a pé podia ter cobra, eu falei pro Joelson ficar de olho, se visse o carro era pra ir lá abrir a porteira pra você, que assim você entrava com o carro aqui pertinho da casa.

Eu acredito que ela volta pra água quando benze, ela vai pra onde ela veio.

Tamanduá tem muito no fundo do quintal, eles vem e carrega os filhotinhos nas costas, é bonitinho de mais de ver. Quando eu vou abrir a porta de manhã pra contar o gado, ele fica no meio das vacas de manhã. Fica andando aí. Só que aqui tem caçador, eles pegam, matam e come. Eu não tenho coragem, eles são bonitinhos de mais. Uma gracinha, eles deitam aqui fica ali na entrada de casa. Eu não como nem carne de vaca, eu tenho muita dó porque eu mesma mato, corto, arrumo. Pra que judiar de um bichinho? O que que vale um quilo de carne? Matar um tamanduá que nem carne direito não tem? Eu como carne quando alguém traz do açougue pra mim, mas os meus bichos aqui eu não tenho coragem.

Dizem que tamanduá é perigoso, mas se a gente não atacar ele é muito bonito de ver, eles andam bem devagar e tem um rabo muito bonito, ele não deixa ninguém chegar muito perto, ele sai olhando na gente. Eu fechei aqui pra ele não entrar dentro de casa. Antes não aparecia aqui nas minhas terras, mas a gente sempre ouvia dizer que tinha. Se você observar na estrada está cheio de tatu e tamanduá morto.

Eu acho que a gente tem que deixar eles viverem. Eu quero viver e eles também querem. Eu sei que eles é perigoso. Onça tem aparecido mais no meu vizinho. Um dia desses veio uma e entrou no meu chiqueiro, comeu os capado que eu tinha. Eu fico com dó delas, porque se elas andam até aqui pra caçar e entram no chiqueiro deve de ser porque não tem mais comida pra elas. Eu tenho medo, se eu ver eu tenho que matar, mas é só por sobrevivência minha. Se eu ver o bicho diferente ele muitas vezes ele vai embora. Aqui do lado tem uma reserva fechada aqui. Se ela passar e não mexer comigo eu fico quietinha.

Eu sei atirar, só nunca usei essas espingardas automáticas que tem que manobrar, mas eu atiro de revólver 38 e de por cartucho. Eu já atirei de revólver muitas vezes, de espingarda eu não sei nem o tanto! Mas essas de manobrar eu nunca vi. Eu aprendi atirando em pau, mas já atirei muito em cobra.

Eu durmo com uma espingarda em baixo na minha cama, eu falo que é pra minha defesa. Se chegar alguém aqui eu estou sempre sozinha. Eu até ensinei meus

meninos a chegar e falar uma senha, porque se eu achar que é bandido eu saio atirando. Não sei que está batendo na janela. Eu não reconheço por voz quando a gente acorda fica difícil identificar. Tem um moço que é meu vizinho e passa aqui na porta, eu já avisei ele pra chegar e passar pra casa dele caladinho, porque se eu achar que é ladrão eu atiro! Deus me livre! Já pensou pegar num vizinho? A gente tem que pensar em tudo. Eu fico caladinha. Quando eu vou pra horta eu levo meu revolver e deixo do meu lado. Pode aparecer uma cobra ou um ladrão e de lá eu mesma me defendo.

Tenho medo também de chuva, dos barulhos. Pra mim se tiver vindo chuva acabou a conversa. Eu quero só correr daqui. Tenho medo de granizo e de derrubar tudo aqui. Quando chove eu só quero rezar, acender minha vela e todo tanto que eu peço a Deus e a nossa Senhora Aparecida é pouco. Se tiver trovão e vento, aí eu não consigo fazer mais nada. Eu só confio em Deus. Eu não confio nas casas. Se tiver uma pessoa aqui eu fico mais segura, mas fico quietinha, rezo, rezo, rezo. Meu medo é mais do vento, do granizo. Eu não tenho medo de dormir sozinha, não tenho medo. Tenho medo de cobra, vento e ladrão.

Uma vez, assim que a Sefac chegou aqui, eu quase atirei, achei que era ladrão, mas era um casal e um bebezinho. Eles vieram me pedir pra arrumar uma leitoa pra eles, por mim eu não arrumava, mas o Nilson disse que era pecado rejeitar comida pra quem está com fome. Eu fiz e eles me disseram que iam me dar o bebezinho pra gente batizar. Eu achei aquilo tudo muito estranho, mas o Nilson aceitou, então tá. Depois eu soube que eles tinham falado pro Nilson que, se eles arrumasse quarenta mil reais eles iam fazer um investimento e pagava ele em poucos dias com os juros tudo. O Nilso que não sabia dizer não pra ninguém, arrumou esse dinheiro emprestado pra essa casal.

A gente achava que eles tinham alguma coisa com a Sefac, que vieram pra trabalhar aqui, porque eles sabiam tudo da barragem, conhecia gente da empresa, isso fez a gente achar que eles tivessem referência. O casal sumiu, ele resolveu me contar que tinha arrumado parte do dinheiro pra eles e feito um empréstimo pra eles no nome no Nilso mesmo. Quando ele me contou e nem acreditei.

Um dia o Nilson mais o Joelso saíram e chegou este povo aqui. Eu falei que não ia mais batizar filho deles e que eu sabia do dinheiro que eles pegaram com o Nilson e eu sabia que eles não iam pagar. Só neste dia é que eu vi que eles não

trabalhavam pra barragem. Eu pedi pra eles não vim mais nunca aqui senão eu ia pegar minha espingarda. O dinheiro o Nilson teve que vender o gado pra pagar.

Ficou de lição pra mim, agora que eu estou precisando de benzedor eu mesmo vou buscar, se aparecer alguém aqui falando que vai benzer eu não aceito, eu só aceito se eu conhecer de verdade aquela pessoa. Quando sai todo mundo eu fecho a casa todinha. Hoje eu já não tenho mais vizinho. Se eu for pro quintal eu levo minha espingarda ou meu revolver, deixo na moitinha mais perto de mim. Quando eu vejo alguém chegando que eu não conheço eu não tenho coragem nem de vim receber. Deixo chamar e faço de conta que não tinha ninguém em casa.

Hoje em dia eu já estou velha, mas sabe que eu ainda tenho um sonho? Não sei se vou realizar, mas eu tenho esse sonho. Meu sonho é ter um jipe preto sem capota, um boné preto e um óculos escuros, eu queria era sair dirigindo por esse mundão a fora. Eu não queria perturbar ninguém, mas acho que agora eu estou muito velha, as pessoas iam dizer assim: “Você viu aquela velha doida de boné?”

* * *

Para ouvir D. Tereza foi necessário várias idas a sua casa. O momento era delicado, em função da perda recente do marido. O que imediatamente salta aos olhos é a sua forma de narrar e se apropriar da entrevista. Em alguns momentos ela conduzia totalmente a entrevista, evidenciando que não existe dono da entrevista. Trabalhar com história oral é, por vezes, se surpreender e trabalhar em colaboração.

Sua narrativa ora emocionada, ora saudosista e num segundo momento até empolgada em rememorar sua juventude e seus sonhos, tratou de temas como sua infância, seu casamento, a viuvez recente, os rituais que envolvem a morte, sobre seus planos para o futuro e como ela percebe as novas gerações.

A morte precoce do marido a fez narrar sobre o ritual que a envolve. A morte, enquanto parte da vida, faz jus a um ritual que envolve diversas pessoas na comunidade, faz parte também de uma sociabilidade rural. O marido de D. Tereza foi velado na sala de sua casa, prática comum no sertão de Goiás. Muitas vezes a mesa de jantar é onde o corpo fica, enquanto os amigos e familiares rezam, fazem café, comidas, caldo para passar a noite toda, para alimentar amigos e vizinhos que chegam a qualquer hora, durante todo o velamento. Muitas histórias são contadas sobre o

morto, qualidades são lembradas, atualizavam-se os últimos acontecimentos, “bebia-se o morto” com golinhos de cachaça até romper o dia e, quando todos os preparativos eram concluídos para o enterro, saíam todos em procissão até o lugar escolhido, muitas vezes eram em campos santos ¹¹².

Para além do episódio da morte, D. Tereza rememorou e nos contou como era a expectativa para o casamento, e a obrigatoriedade de se casar virgem e sem saber nada sobre relações sexuais, ela achava que era pelo beijo que ela ficaria grávida. O casamento era, muitas vezes, o maior sonho das moças, pois elas cresciam neste contexto, sendo criadas para serem boas moças para casar, como nos contou D. Maria Abgail, dona de casa, moradora deste vale do sertão de Goiás,

Eu era moça pra casar. Casar era um sonho pra nos tudo aqui. A gente tinha medo de nunca casar, de nunca ter família. Minha mãe morreu cedo, fui criada por uma tia. Ela me diziam que moça boa pra casar tem que saber cozinhar bem, tratar bem do marido e cuidar bem dos filhos, educar, ensinar a obedecer, ser educados. Hoje acho que fiz tudo direitinho. Ainda sou muito zelosa, muitas coisas ficam em dia, o serviço da casa, os meninos que eu cuido, a família, tudo que tem que fazer eu faço ¹¹³.

Compreender o papel desempenhado pelas mulheres no campo é uma trabalho complexo. O conceito de patriarcalismo não basta para entender os mecanismos pelos quais elas tecem sua forma de conviver com uma opressão masculina, pois é recorrente nas narrativas, os homens sinalizarem que existe um espaço pelo qual mulher não deve transitar, deixando-as mais presente no espaço da casa. Porém, ressalto que estas mulheres são fortes e não vítimas indefesas e submissas dos homens, elas atuam em diversos espaços, pegam no batente e desempenham trabalhos de todas as naturezas para a sustentação de seu núcleo familiar e colaborativo para sua comunidade. Elas bebem, dançam, se divertem e atuam nos acordos entre barragem e atingidos, cuidam dos maridos doentes e administram os filhos e a casa.

E. P. Thompson, em seus estudos sobre o comércio de mulheres em fins do século XVII, afirmou:

¹¹² Esta descrição do velamento do corpo foi dada por uma das filhas de D. Tereza, porem ela não estava sentindo-se bem para gravar.

¹¹³ Silva, Emiliania da. *Narrativa*. Campo Alegre de Goiás, jul. De 2009.

Não se pode estar sempre reinterando a organização elementar das sociedade e suas relações de gênero, assim como não se pode estar sempre analisando os elementos dos discursos, pois isso impede que se ouça o sentido da frase. Se apenas vemos patriarcado nas relações entre homens e mulheres, podemos estar perdendo outros dados importantes – e importantes tantos para as mulheres como para os homens¹¹⁴.

Os estudos de gênero na luta pela terra, na tentativa de permanecer nela, mostram como neste lugar marcado pela transitoriedade, se operava verdadeiras mudanças, nas quais os papéis sociais de mulheres/homens perdem seus contornos e as mulheres não se restringem ao espaço privado, delegado a elas, pelo menos pelo discurso, para ingressarem nas negociações por melhores indenizações diante de irreversibilidade da instalação da barragem e, conseqüentemente, da perda de suas terra. Muitas mulheres tomavam frente nos acordos com o empreendimento e muitas vezes na lida com a terra, como bem define Creuza Cardoso, produtora rural, dona de casa, moradora deste sertão goiano,

Meu trabalho é de cuidar de casa, de tratar de vaca, se precisa capinar o quintal eu capino, fazendo essas coisa de casa mesmo, aparto vaca, faço qualquer serviço que me der pra fazer. Eu faço, se preciso for, qualquer serviço, aqui não tem essa divisão de trabalho não! Isso é coisa da cidade! De dizer que homem tem um serviço e mulher tem outro! O serviço de homem eles fazem e os de mulher a gente faz, só que a gente faz também o serviço de homem. A gente trabalha muito mais que eles, e eles quando chegam em casa ainda ficam lamentando, reclamando que estão cansados! Não é justo, mas é assim, por exemplo, aparta vaca eu acho que deveria ser serviço de homem, só que como ele sai pra resolver outras coisas, eu aparto as vacas. Faço de tudo na roça. Quando é época de colher e cortar cana eu não gosto muito, mas tem que fazer, tem que ajudar, porque ele sozinho não dá conta. Nas negociações com a Sefac eu não participei, o que eles combinaram com meu marido pra mim tá bom. Se ele aceitou eu acho bom. Essas coisas de negociar com a empresa eu acho que é serviço mais de homem, eles que entendem melhor as coisas de dinheiro. Sei de muita mulher que foi lá conversar com a Sefac, elas vão se precisar. Eu mesmo iria, quando eles vieram aqui e meu marido não tava, falei com eles, mas o que acontece é que eu tô por fora de valor das terras aqui. Se fosse pra conversar com eles eu tinha que me informar antes, pra

¹¹⁴ THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia das letras, 2005, p. 345.

saber direitinho o que aceitar ou não. Já foi o tempo que as mulheres podiam ser bobinhas, só cuidar de uma coisa sem saber das outras...¹¹⁵.

Foto 16 – D. Creuza Cardoso. Cozinhando no fogão à lenha requeijão para vender¹¹⁶.

Conforme narrado por Creuza, enquanto cozia um requeijão para vender, as mulheres do campo tem uma atuação social em determinadas situações, que as levam a ultrapassarem os limites da esfera doméstica para a esfera públicas.

Para muitas destas mulheres a divisão dos trabalhos baseia-se na força exigida para cada um destes trabalhos, ou seja, elas deveriam ficar responsáveis pelos trabalhos que exigissem menos forças, enquanto os trabalhos que exigissem forças físicas, deveriam ser destinados aos homens, porém na prática, elas estão em todos os trabalhos.

¹¹⁵ CARDOSO, Creuza. *Narrativa*. Campo Alegre de Goiás, jul. De 2009.

¹¹⁶ Fotografia tirada pela autora em jan. de 2009. Pertence ao acervo do Centro de Referência (UFU/UFG).

D. Tereza é um exemplo destas mulheres, depois da morte do marido ela passou a assumir todos os papéis da casa, desde gerir a família e a casa, ir as reuniões para acordos com a barragem.

Conforme dito por D. Tereza, no campo os filhos trabalham de forma a auxiliar o trabalho dos pais; as meninas nos cuidados da casa e do quintal; os meninos em pequenos serviços ligados à lavoura, como o serviço de levar comida para os homens que trabalham no campo. Em momentos de plantio e de colheita não é raro que todos os membros da família passem a maior parte do dia juntos das lavouras, inclusive as crianças, que em horários alternados da escola, passam o resto do dia na lida com terra. Os pais ficam impossibilitados de dispensarem as crianças da lida com a terra, muito embora, este seja o desejo manifestado por eles, conforme aparece de forma recorrente nas entrevistas. O trabalho das crianças é necessário para o sustento da família. Rosa Ester Rossini, escreveu sobre esta prática em São Paulo, porém também se aplica ao sertão goiano,

A criança é impelida desde muito cedo para o trabalho, por simples questão de sobrevivência. No trabalho do campo ajudam os pais, seja no regime de tarefa ou de empreitada, seja na colheita – principalmente de algodão, que não existe grande especialização nem força física – pois, sendo assim, transformam-se em mão de obra de quase igual eficiência que o adulto.¹¹⁷

Com muita frequência, os filhos maiores, depois de completado o curso primário¹¹⁸, assumem o mesmo ritmo de vida e de trabalho que seus pais, tornando-se seus auxiliares efetivos. Raras são as famílias onde os filhos vão para a cidade estudar. Quando alguém vai para a cidade dar continuidade aos estudos, em geral, são as filhas, que moram em casas de famílias para trabalhar como domésticas e ter moradia nestas casas, sendo assim, algumas delas, conseguem estudar.

¹¹⁷ ROSSINI, Rosa Ester. *Contribuição ao estudo do êxodo rural no estado de São Paulo*. Tese de Doutorado, São Paulo, FFLCH/Geografia, 1975, p. 244.

¹¹⁸ O curso primário era oferecido as crianças na zona rural, porém, o curso secundário apenas na cidade de Campo Alegre de Goiás. Para ir até a cidade, estes moradores precisariam se deslocar por 20 km pela rodovia BR050, o que é um dos fatores pelo qual a escolha de muitos em interromper a escolar e dar continuidade ao trabalho da família no campo, além, é claro, da necessidade de contribuir com a produção de alimentos familiar.

As crianças, de uma forma geral, se sentem parte da vida na roça trabalhando nela. Isso faz parte da vida do homem do campo que tanto trabalha. É no trabalho que muitas delas aprendem, inclusive, a valorizar a educação como meio de emancipação pessoal. Muitas crianças que trabalham podem ter referências pela escola, sem desgostar do trabalho e do ele ensina. Para as classes sociais que não trabalham, o trabalho é, equivocadamente, apenas um sofrimento e privação. Negam o trabalho, sua importância e até sua beleza. Claro que não estamos propondo a exploração do trabalho infantil, mas sim que as crianças, que são parte deste meio, sejam inseridas também pelos trabalhos compatíveis a suas possibilidades. Combater o trabalho infantil no campo, e na cidade, é uma obsessão da classe média e da elite cheia de privilégios e de culpa¹¹⁹.

Avós, pais e filhos trabalham juntos em diversas funções de uma mesma atividade. Sendo assim, o trabalho não é o vilão, como se pretende, muitas vezes, equivocadamente, dizer. No trabalho também se educa e se protege a criança no campo. A escola é considerada pelos pais como trabalho e a condição de estudante como uma profissão, pois nas suas horas de estudo a criança se distancia da casa. Para os moradores do sertão goiano, o trabalho transforma, sendo assim, estudar é transformador, ou seja, é trabalho.

Seria ingênuo supor que trabalhar é apenas uma escolha, as crianças são inseridas neste meio principalmente em razão do trabalho desempenhado por eles se converter em dinheiro, que em sinergia, garante muitas vezes, o sustento da família. O problema da criança trabalhar deveria ser encarado do ponto de vista do conjunto de privações que ela sofre, não apenas privações materiais, mas também enquanto privação de acesso ao saber que poderia lhes chegar através da escola e do convívio com a família.

Neste contexto rural, muito mais que trabalho é ensinado de pai pra filho. É no dia a dia que as pessoas partilham suas referências. A vida na roça começa cedo. O ciclo do dia começa ainda de madrugada, com o tirar leite, o apartar os bezerros, a ida para os roçados, o cuidado com as criações¹²⁰, o fazer dos queijos, a lida dentro de

¹¹⁹ MARTINS, José de S. Trata deste assunto em uma entrevista concedida ao Sesc TV, filmado em fev. 2013. O autor conta sobre sua experiência ainda na infância, ajudando nos trabalhos domésticos de casa e contribuindo nos trabalhos visando ganhos para a família.

¹²⁰ A denominação de criações define o cuidado com os animais como os porcos, galinhas, patos e outros animais criados próximos à casa.

casa, o preparo do almoço e outras tarefas que ocupam homens, mulheres e crianças até o pôr-do-sol.

O trabalhador rural, no sudeste de Goiás, no geral produz pra própria subsistência de sua família, e por vezes, se dedica também na lida da terra de seus vizinhos, num espécie de ritual de troca, onde as pessoas mutuamente cooperam com a produção, ou seja, sem ganho financeiro para tal atividade. Na produção de subsistência se produzia (e ainda se produz) relações sociais não capitalistas, onde não só as técnicas são primitivas por se tratar de uma agricultura baseada na enxada, mas as relações sociais são baseadas nos núcleos familiares e na comunidade em que estão inseridos ¹²¹.

É evidente que este mundo sofre influência da economia de mercado, não só pela comercialização de produtos excedentes mas também pela compra de artigos complementares da subsistência como, por exemplo, tinta para tingir os tecidos fabricados na roça, remédios e querosene para alimentar o lampião. Estas compras são possíveis pelo rendimento monetário advindo da venda de produtos nas porteiras das fazendas e, por vezes, nas feiras das cidades da região.

Estas vendas, ainda que em reduzido valor, se faz mais necessária após a instalação da barragem, pois a área das margens do rio era de melhor plantio e rendimento, muitas eram as famílias que tiravam de suas terras o arroz, o feijão e demais produtos de uso cotidiano. Com a instalação da usina hidrelétrica as famílias tiveram seu plantio prejudicado por algumas razões, mas as principais delas foram o fato de ter menor área de plantio, terras de pior qualidade, por serem distanciadas das margens e, conseqüentemente, as famílias passam a necessitar de um investimento alto para irrigar as novas terras.

Latas de extrato de tomate e garrafas plásticas são reutilizados para muito além de suas funções originais, estes produtos são reempregados no uso doméstico, não raro os copos para água e café são feitos de latas de extrato de tomate, latas de querosene vazias são transformadas em latas de plantio ou regadores, até mesmo vasilhames de venenos agrícolas letais são utilizados como utensílios domésticos.

Nesta nova configuração do campo as esposas dos lavradores, que antes faziam alguns trabalhos remunerados para os próprios vizinhos ou até ficavam responsáveis de vender parte excedente da produção para quem fosse até sua

¹²¹ Sobre esta prática que define o modo de vida típico de zonas rurais conferir: MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. 8ª ed.: Hucitec, São Paulo, 2004, p.7-93.

propriedade comprar, atualmente, elas se veem obrigadas a ter outras estratégias para obtenção e o aproveitamento de alimentos. Um exemplo disso é a confecção de doces de frutas em conserva, que já existiam, mesmo quando a região era povoada por vizinhos, porém, após o deslocamento de grande parte dos moradores, os remanescentes perceberam que as frutas não mais resistiram à espera dos poucos compradores que ali ficaram, sendo assim, algumas destas mulheres passaram a aumentar a produção de doces destas frutas que antes seriam vendidas *in natura*, pois em forma de compota, as frutas resistem mais ao tempo e passam a ter um valor agregado.

A narrativa de D. Tereza revelou muitos aspectos da vida no campo, ela tratou de temas que abarcaram desde a ingenuidade de uma menina que viveu pensando que a gravidez era gerada pelo “beijo cumprido” até as durezas do cotidiano na lida na terra, a morte e os sonhos que tem para realizar. Para compor este cenário, apresentamos a narrativa de D. Divina, mulher forte, de fala firme e doce, que traz mais elementos sobre alguns temas abordados por D. Tereza.

D. Divina Dias Canedo

Foto 17 - Dona Divina Dias Canedo¹²².

¹²² Fotografia tirada pela autora em jan. de 2009. Pertence ao acervo do Centro de Referência (UFU/UFG).

O que tem pra fazer na cidade? Seja lá o que for eu não sei fazer! Gosto de fazenda, dessa minha vidinha aqui na mesma toadinha todo dia...

Meu nome é Divina. Sou viúva do Antônio da Costa, mas ele é conhecido por Cardoso, era o apelido dele. Faz três anos que ele morreu, ele tava doente, ele tinha problema de coração, essas coisas sim, deu um pneumonia forte e ele num guentô. Ele tava muito ruim. Eu cuidei dele até o final da vida dele. Dia 30 de maio faz 30 anos que eu moro aqui nesta terrinha, eu vim pra cá com meus meninos pequenos ainda. Quando eu casei eu tinha 15 anos. Tenho 5 filhos e tá quase todo mundo casado, tem só um sortero. Eles moram tudo em Catalão, só um que fico na fazenda aqui comigo, ele mora ali, meu vizinho de horta.

Esta minha terra aqui tem 21 alqueire, agora vou mudar um pouco a produção, vou perder 9 pra barragem. Quando eu receber eu tô pensando em empregá o dinheiro em terra. Meus meninos tava querendo que eu ajudasse eles, mas eu não posso, vou perder um tanto bão de terra e a indenização vem uma só vez, se eu não souber gastar depois eu fico sem terra e sem dinheiro. Meus meninos queria que eu fosse pra cidade, que investisse numa casinha lá, ai eles podiam morar comigo e parava de pagar aluguel, e eu ia ter eles por perto, mas não do conta disso não. O que tem pra fazer na cidade? Seja lá o que for eu não sei fazer! Gosto de fazenda, dessa minha vidinha aqui na mesma toadinha todo dia. Eu vou ver o quanto vou receber e investir nos alqueires que puder comparar, vou comprar tudo em terra. Eu queria comprar aqui pertinho, que fica fácil pra gente zelá delas, né?

O povo tá investindo em Catalão, muita gente aqui, que já recebeu, não teve dinheiro pra nenhum alqueire, e teve que ir comprar na cidade. Quero só ve como é que vai ser essa gente tudo lá na cidade! Eles não aguentam! É o mesmo que pegá ocêis que são tudo de cidade grande e por morar na fazenda e ter que trabalhar em serviço de fazenda, acorda as 3 da manha, tira leite, lava curral, panhá os ovos, cuidar do galinheiro, trazer lenha pra cozinhar. Num guentá de jeito nenhum. Minhas filhas quando vem aqui já desacostumaram daqui, já vive igualzinho gente da cidade grande.

Eu faço os serviços todos de roça, num tem nenhum que eu não faça. Tem os que eu não gosto muito, mas faço também. Meu marido ficou quase 10 anos de cama,

sem poder trabaiaá na roça, desde essa época eu passei a fazer tudo, não adiantava lamentar, era melhor fazer logo e pronto. Eu cuidava da roça, da casa, da comida, da roupa, de tudo. Meus filhos ajudava muito, eles tudo fazia tudo que tivesse precisão. O que eu mais senti com a morte do meu marido foi a falta dele mesmo. Ele era 26 anos mais velho que eu. Quando a gente casou eu tinha 15 e ele já tinha mais 40 anos, a diferença era muita, né? Mas Graças a Deus nós deu muito certo até a última hora, eu nunca perdi a paciência com ele, ele foi muito bão pra mim, não posso reclamar dele não.

Aqui na fazenda nós faz de um tudo, tira leite, toda vida nós tira leite. Tem vaca leiteira e tem umas de corte, mas poucas. A renda mesmo é do leite e do tear. A renda do tear não é fixa como a do leite, tem mês que vende tudo os tear que é uma beleza, depois fica ai uns três meses sem vender nadinha.

Dinheiro mesmo dá pra gente viver com pouco, tudo que eu preciso tem aqui na horta. Tenho quase de tudo, hoje em dia eu só compro arroz, sal e açúcar, e as vezes, quando precisa muito, um remédio que algum médico manda tomar, porque pra qualquer outra coisa eu tenho remédio de horta.

O feijão eu coio aqui, o café aqui, tudo. Num tem essas coisa não! Eu compro só o que eu não tenho na minha terra e dos vizinhos aqui. A gente aqui usa muito trocar os “trem”, e a gente já sabe quem produz o que, então fica fácil.

As vezes eu compro uns docinhos pras crianças, pra agradar as netas que não gostam de doces de fruta. Arroz em comecei a comprar recente, eu sempre colhi arroz, é que agora tô desanimada de prantá e acho que nem vale a pena pelo valor que é de comprar. Tá difícil de arrumar gente aqui pra ajudar a capinar, plantar, colher e sozinha eu já não aguenta fazer tudo isso. O resto eu não aceito comprar, acho que os preços da cidade é caro e de pior qualidade que feito aqui na roça mesmo. Nunca comprei carne da cidade, nem frango, nem leite, nadinha, verdura eu tenho é pra vender, dar, e perde as vezes, fruta também.

A gente faz muito mutirão pra matar vaca. Vem os vizinhos, a gente mata umas duas vacas, faz churrasco e fica trabalhando o dia inteirinho de rumar a carne, uns leva um pouco, outros eu guardo na lata, coloco na banha nas latas e dura muito tempo. Tem vez que junta nós tudo é dois dias, faz churrasco, arruma as carnes e cada um leva um pouquinho.

Além da vaca tem capado aqui. Eu engordo eles pra vender. As vezes em fico com a banha, uso pra carne, pra cozinhar. Na horta tem di tudo quanto há! Tem muito

repolho, tumati, cebola, tudo de horta eu planto. Chuchu tem ai, tem tudo! Tem muita mandioca, couve, eu nunca deixo de planta, gosto de ter essas coisas ai. A novidade da horta é acerola. É uma frutinha danada de gostosa!

A gente aqui tem muito hábito de fazer doce de fruta, se não fizer elas perde e tem que joga tudo fora. Uma coisa que quase todas casas aqui faz é isso pra não desperdiçar. Eu faço muito doce de mamão, doce de leite, goiabada, de laranja. As vezes nem é pra gente mesmo, mas a gente fica com aquilo guardado que dá pra trocar numa precisão, né? E as vezes algum vizinho vai receber uma visita lá na casa deles e não tem, ai eles mandam vim alguém aqui comprar, isso já é mais um dinheirinho que entra, né? E se eu não tivesse feito doce as frutas tava tudo perdida já.

Aqui tem muita pimenta também, eu adoro uma pimentinha! Tem cumari, pimenta de bode, dedo de moça. Minha mãe brinca que a pimenta devia chamar dedo de velha, mas dedo de moça é mais bonita, né?

A jabuticaba aqui, na época delas, dá com força mesmo! A gente usa fazer vinho delas, vocês conhecem como licor, mas a gente aqui chama de vinho de jabuticaba. Fica uma delícia. Eu tenho um engenho aqui mas nunca usei. Depois que meu marido adoeceu nós parou de fazer muita coisa e era na época que a gente ia começar a mexer com o engenho de cana, mas preciso vender uns bois e eles que iam puxar o engenho, então a gente deixou pra lá. Tô esperando a barragem acertar comigo, dependendo de quanto for dá pra por o engenho pra funcionar. Na fazenda é assim, tudo que a gente faz rende, se fizer direitinho ou a gente vende ou a gente troca que é o mesmo que ter dinheiro na mão tem gente que fala que na fazenda é difícil, eu num acho nada difícil numa fazenda! Pra mim eu fui nascida e criada em fazenda e sei trabaia nela! Agora outro serviço eu num sei, né?

Aqui tudo a gente tem em fartura, se ocê tem um pé de abobora é fartura, um pé de jiló, é fartura, porque tudo vira comida, doce, coisa pra troca, pra dar. É bão de mais, sô! Cê pranta tem de tudo! O que ocê quisé na fazenda ocê tem! Agora cê vai na frutaria, ocê num trabaio cum aquilo e as vezes ocê tem que ter dinheiro se você num tive você num compra, né? Então a gente tendo em casa, pra que comprar?

Eu acordo 4:30 da manhã e as 5 horas eu to em pé e já pronta pra começar. Eu faço o café, vô pro curral, nós tira o leite, separo as bezerra e levo a s vacas pro pasto, ai venho pra dentro e vô mexe cum outra coisa, né? Se eu vô capiná, se eu for tece, se for bate pasto, é assim direto! Num para hora nenhuma nem fim de semana. A gente acostuma acordar muito cedo e o corpo da gente não sabe quando é sábado e e

domingo, ele desperta igualzinho qualquer dia. De tarde tiro leite tamém, que eu tiro cedo e de tarde. E depois que eu termino de tira o leite eu vô ou rapar o curral, ou fazer outra coisas. Trato dos porcos na hora de escurece. Ai eu vô fazer as outras coisa e na hora que começa a escurece eu venho tratar das galinha e dos porco. E trato deles e ai quando for a hora que todo mundo vai dormi, as galinha e os porco tudo vai dormi eu vô fiá. Fiá, cardá, ai eu perco a hora. Normalmente eu deito as 11 horas, mas tem vez que eu fico até de madrugada.

Nos dia de domingo eu não gosto de mexer com algodão, eu prefiro arrumar tudo pra trabalhar nele dia de semana, eu arrumo tudo pra não estorvá em mexer com algodão. O algodão vem aqui da minha horta, lá da beira da cerca, lá tem um mundo véio de algodão! Eu mesma pranto tudo, colho tudinho, eu mesmo tinjo com tinta Guarani, antes eu usava muito urucum, mas ele é só de uma cor, então eu compro pra poder variar mais as cores. Eu gosto muito de usar anil pra tingir, ela é meio complicadinha de usar, mas eu uso, ela tem uma cor que tinta nenhuma comprada tem. Antigamente eu fazia até as roupas todas aqui, toalhas de enxugar, roupa pra gente. Minha sogra que me ensinou, ela achava que pra ser boa esposa a gente tinha que saber fazer essas coisas. As toalhas que a gente compra pronta elas secam mais, conforme eu fui comprando eu fui guardando as que eu fiz. Era mais bonita, eu mesma fazia tudo e ainda bordava com ponto e cruz.

Quando eu ia me casar a gente, naquela época, usava muito ter enxoval, aquilo era muito importante, minha sogra foi me ajudando e uma madrinha minha também. Eu morava com minha madrinha, morei com ela uns 5 anos pra aprender a fazer tudo, ela era muito boa. Aprendi a tecer, costurar, marcar, pintar, tudo! Eu fui morar com ela eu tinha uns 10 anos, quando eu aprendi a tecer ela ria de mim porque eu tinha que pisar na pisadeira mas não tinha tamanho e não alcançava com os dois pés, eu não tinha peso nem força, ela ria e falava assim: “cê é manerinha igual uma paia menina, cê vai sofre de mais pra aprende isso?”, mas eu aprendi de tudo. Eu morei lá com minha madrinha e ela me insinô a fazê de tudo.

Nesta região aqui acho que só sobrou eu que faço tear. Acho que as pessoas foram desanimando disso, porque aprender não é fácil e essa gente mais novinha não vê graça em fazer isso, porque eu acho assim, até nos mutirões a gente vê as pessoas que pegavam o algodão, que trazia o fio, trocava, mas só algumas pessoas sabiam fazer, só as mais velhas mesmo. Eu tô com medo de acabar! Minha menina mais véia aprendeu, a mais nova já num quis. Ela diz que isso é coisa antiga, que isso é

bobagem! Eu falei pra ela: “gente cada coisa tem seu valor!” Hoje é arte e elas não querem nem saber..., a mais nova num quis não, diz ela que isso é coisa antiga: “ ah não isso é bobagem, é coisa dos antigo!” Meio contrariada ela as vezes faz uma coisinha. Minha filha mais véia não tem o tear, eu quero vê se eu compro o tear pra ela, que ela muda pra cidade, e pra cidade faz é outro serviço, mas ela sabe fiar, ela sabe carda, ela sabe de tudo.

O procedimento não é difícil, eu pranto o algodão, depois que eu colho o algodão primeira coisa é escaroçá, eu escaroço, eu bato ele no orquim pr’ele fica fofinho, cardo, daí eu vô fia, depois que eu fio eu faço o novelo, tiro da roda uma bolinha. Embolo ele, depois que eu embolo ele ai eu desmancho ela de novo, fazendo a miada. A dabadera tá ali, depois eu vô te mostra ela. Daí eu vô na dabadera faço outra bola, embolo ele de novo, faço outra bolinha, daí ispicho ele tudo, ia é hora de tingir, mas é fácil, explicando parece mais difícil! Desmancho o novelo tudo lá no pau, daí que eu vô ali pra tear.

Eu mesma escolho o repasse, cada modelo tem um nome. Eu escolho o nome que eu quero. Tem o rastro de gato, é o meu preferido. Tem tamburete, Chica doida, Rosa Mariana, Campo Alto, Olho de boi, Flor de abóbora, Rosa Maxixo... Tem isso e muito mais. A Chica doida é doida mesmo, que é um mundo veio de trem! Quem gosta mais de comprar estas colchas são as muié da cidade, elas tem uma camona grande, elas querem colcha de 4 metros. Eu faço e deixo guardada, as vezes elas vem aqui na minha porta buscar, outras vezes elas pedem pra minha filha vim aqui e levar pra elas.

Antigamente a gente fazia em multirão, era muita fiandeira junta, a gente juntava, cantava e fiava, passava era dias assim, era bão de mais! Era uma cantoria que você precisa de ver! Era muito animado. A gente fazia mais era pra vender mesmo, tirava umas pra gente, mas a gente nem percebia que era pra ganhar dinheiro porque a gente não via aquilo como trabalho, parecia que era quase uma festa. De vez em quando eu pego a cantar esses versinho de fiandeiras aqui em casa, parece que a gente vai esquecendo se não cantar. Tem um versinho que nós cantava lá no mutirão que falava assim:

“Esta roda não é minha
Se eu quiser minha será
Se eu tiver amor nela,

Meu amor compra e mi dá
Nóis canta muito! Tem uma outra que fala:
Senhora Dona da Casa
Por ela pergunto eu
Soco a unha no barro
E desapareceu...”

Nóis atentava a Dona Ana Maria! Que ela que era Dona lá do trem e ela: “ to aqui gente, num sumi não!”.

Tinha vez que juntava era quase umas 70 fiandeiras pra fiar e cantar. É bom quando tem de 50 pessoas pra lá. As vezes a gente reúne pra fazer caridade, a gente fazia coberta, colcha, pra doar em asilo e creches. Alguém organizava e a gente ia com tudo e fiava. Quando era assim, muitas vezes a gente fiava lá escola, que cabe muita gente lá.

Não foi a barragem que acabou com as fiandeiras, as pessoas pararam de fiar antes de chegar a barragem. A barragem acabou foi com todo o resto! Acabou com os trucos, com os multirão, com os vizinhos, com as treição. Isso tudo foi a barragem. Nós aqui reunia quase que diário pra jogar truco, mas as pessoas foi ficando doente, mudando, doente que eu digo é com depressão porque estava mudando tudo muito rápido sem o querer delas. O que teve gente aqui com depressão num tá escrito! E a barragem diz que tá tudo bem, que eles vão cuidar de tudo, mas gente que não é tão bobinho sabe que eles não quer cuidar de nada que não for do obrigo deles.

Eles lá da barragem, contrataram o filho do Zezinho pra trabalhar pra eles, e ai muita gente achou que era bão, que assim eles vinha pra cá, dava emprego pra gente, mas na verdade não é isso. Esse emprego dura só até a barragem tá pronta, depois ele fica sem emprego de novo, e eles precisavam de alguém que morasse aqui e que conhecesse tudo aqui, por isso é que contrataram o filho do Zezinho.

Eu fico muito sentida com o fim das nossas treição. Tinha também a encomendação das almas, a gente fazia na semana santa. Agora, na próxima semana santa nem vai ter mais morador aqui quase. A encomendação das almas é quando a gente reúne pra rezar cada dia numa casa pros familiares amigos dos donos da casa que morreram depois da ultima encomendação da almas. Tinha também o terço cantado que a gente fazia muito. Era bão também, era mais um encontro que a gente fazia com os amigos, com os vizinhos.

Aqui na Rancharia só vai ficar eu mesma. Hoje, quando eu quero ir na minha mãe, eu vou rapidinho. Ela vai mudar pra mais longe um pouco, mas não vai ter jeito de chegar lá por que vai ter o rio no meio. Só se tiver balsa ou ponte mas ninguém falou nisso pra nós, acho que a gente vai ter que ir beirar o asfalto pra atravessar pro outro lado do rio.

Do dia 23 pra dia 24 de junho a gente faz a vigia de São João. A gente reúne pra rezar e cantar. Tem um versinho assim:

“São João batizo Cristo
Cristo batizo São João
Eles foram batizados
Lá no rio de São João”

A festa começa umas 7 horas d a noite, a gente acende uma fogueira e fica até amanhecer no outro dia. Tem muita brincadeira pras crianças, é muito animado. Quando meu marido era vivo, ele não gostava muito de festa, ele era muito enjoado com isso, não ia de jeito nenhum, então, eu largava de mão disso. Depois que ele morreu eu não perdia uma festa! Ia em todas!

As pessoas aqui acreditam que se você jogar uma mechinha do seu cabelo na fogueira de São João, seu cabelo muda, se ele for liso fica aneladinho e se for aneladinho, ele fica liso. Todo ano eu jogava uma mechinha do meu cabelo e dos meus netos, e não é que dava certo? O cabelo nosso muda todo ano!

Minha infância eu não podia brincar muito, trabalhava desde muito novinha, então pra mim, estas festas que eu posso brincar é como se eu fosse criança de novo. Eu nunca brinquei, nunca tive tempo, uai? Quando eu era pequena, que eu num servia pra ir pra roça, e nem fiá, eu ia oiá menino. Ficava olhando os meninos e brincando com eles pra minha mãe trabalhar. Mas não arrependo não. Hoje em dia é que diz que criança não pode trabalhar. Eu trabalhei e acho que foi muito bão pra mim. Eu comecei a cozinhar quando eu tinha 7 anos. A mãe ensinava nós, porque ele cuidava da gente mas também trabaia na roça. A gente usava roupa feita em casa, ela tinha que fiar as roupas todas. Tinha vez que ele pegava sacaria de ensacar arroz e fazia roupa pra gente. Era muito custoso, mas lembro disso com muito carinho, nem percebi que tava era trabalhando... Trabalhar é parte da vida, assim como dormir, comer, escovar os dentes...

Acho que eu só fui brincar mesmo quando eu já era maiorzinha, que meus irmão ia pra beira de corgo e eu ia junto, mas eu já era grande, porque quando eu era pequena minha mãe tinha medo de nós afogar. A gente ia pro corgo e só ficava no rasiño. Depois quando a gente já era grande a gente ia de turma de amigos. A gente tem aquela superstição quando a gente é novo. A gente fala assim: “Ah eu vô casar logo pra mim me vê livre desse fragelo aqui em casa” que tinha menino pequeno de mais pra gente cuidar, tinha serviço de mais, né? Pensava que se casar largaria de trabaia, mas na verdade o serviço dobrou! É que antes a mãe ajudava, repartia o serviço pras irmãs todas. Eu achava que eu casando ia melhorar, eu ia poder trabalhar menos, mas ficou foi muito pior, o serviço fica todo só pra um fazer!

Eu nunca me apaixonei, naquela época não usava apaixonar. Eu gostava do meu marido, não dá pra dizer que era paixão não. Eu queria mesmo era casar com ele e me ver livre daquele fragelo. Eu conheci ele em Anta Gorda, na fazenda mesmo. Ele me procurou, e a gente é bobinha, num injeita. Ele tinha umas terrinhas, tinha carro e eu era doidinha pra andar de carro. Ai ei pensei que devia casar com ele mesmo, que minha vida ia ser melhor. Ele tinha terra, tinha uma casinha, tinha até carro. Nós luto muito junto pra melhorar a vida mas ela nunca foi ruim não.

Contar essas coisa me faz pensar que a barragem não sabe o que foi construir isso aqui, e eles acham no direito de chegar aqui, dizer quanto eles querem pagar e dar data pra gente sair ou vender um pedaço nas nossas terras. Acho que por que a gente é muito simples, muito humilde, mas a gente não é bobo. Eles acham que a gente é ingênuo de mais. A gente sabe de tanta coisa quanto eles, só que de um outro jeito.

A barragem vai me tomar meu melhor, minha terra produtiva de verdade, que é a que beira o corgo. A barragem queria fazer uma negociação pior ainda pra mim, eles queria me comprar tudo aqui, mas eu não aceitei, disse que o que sobrasse eu ia ficar. Mesmo que me tomasse a terra boa, mas eu sofri muito pra ter isso aqui, trabaieie muito pra adquirir aqui, o que salva da água eu vou ficar, mesmo que eu tenha que passar a casa mais pra riba do morro. Ai eles me pagaram pela minha terra de culturão, o pasto estava arrumadinho. Acho que agora vai ficar mais fresquinho, eu vou ficar a 64 metros do rio, ele vai vim aqui na beirinha da casa. Fico com dó da paisagem, aqui é bonito de mais. Vive cheio de tamanduá, lobo guará, acho que estes bichos vão morrer tudo afogado. Eles disseram que já tiraram todos os bichos, mas eu continuo vendo os tamanduás aqui quase diário, e parece até que tem mais. Eu vou

ficar cercada de água por todos os lados. Só vai ter uma saída da minha fazenda e ela não dá em vizinho nenhum. Isso vai ficar difícil, eu acho.

Quando eu fiquei sabendo da barragem eu fiquei muito chateada, num gostei nenhum pouquinho e até hoje eu não conformo porque eu acho assim que a gente é acostumado num lugar, a vizinhança todo mundo acostumado, agora todo mundo tá mudando, né? Está ficando difícil. Eles paga e tudo, num é que eles da prejuízo em ninguém, mas... Só de deslocar a gente daquela coisa que é nossa vida, nosso jeito, nosso vizinho, a gente fica insatisfeito, preocupado, triste... E quem vai perde a casa é ainda pior! Tá mudando tudo. Graças a Deus eu num tenho inimizade cum ninguém aqui, cum vizinho nenhum! Se eu dependesse de uma coisa, eu eu posso pega emprestado com eles e se eles depende eu empresto pra eles. É assim com tudo, com dinheiro, ferramenta, mão de obra, comida, tudo. É até melhor que família. O pior de tudo é sentir que vou ficar sozinha neste mundo véio de Deus! Eu senti que não podia fazer nada contra a barragem, o melhor era aceitar e negociar com eles. A gente, mesmo sendo a maioria, é mais fraco que eles.

Eu tive muito medo que eles me tomasse minha casa, e eu fiz uma coisa que me prejudicou muito. Como eles não diziam até onde ia pegar, eu parei de plantar pra todo lado, passei a plantar menos e só beirando a casa. Desde que eles iniciaram com a medição eu larguei um pouco a horta. Eu pensava que já que eu não sabia de que jeito que ia ser era melhor deixar, só que quando eles foram calcular o que eles iam me pagar eles consideraram que era terra improdutiva, que o valor ia ser ainda menor. Só que aquelas terras não era improdutivas, só estavam sem plantar por causa da situação que eles me causaram. Tentei negociar, explicar mas não adiantou nada, eles disseram que tinham que provar com fotos e com as fotos da minha horta era fácil de ver que elas estavam improdutivas. Agora já definiu, eles me disseram que não vão tomar minha casa mas que vou ficar bem na beira do rio. Agora eu vou zelar da minha terra, agora já sei onde vai continuar sendo meu.

O medo maior quem tinha era minha neta que mora aqui comigo, ela morre de medo da cidade. Quando eu tenho que ir lá ela fica doidinha! Ela tem medo de carro correndo, de briga, de barulho de bar, ela acha que a cidade é tudo de ruim, mas ela nunca que saiu daqui, sempre estudou aqui na fazenda, na casa do cumpadi Emiliano, onde tem uma escolinha. Quando ela achou que a gente ia ter que ir pra cidade, ela nem não dormia de medo. A vida dela é cuidar das vacas, tirar leite pra ela mesma beber. Ela não ajuda muito em casa, mas ela diverte o dia todo no quintal, brinca com

as vacas, com o porquinho que deu cria, tem uns filhotinhos, ela dá banho nele, passeia. Ela gosta é dessa vida. E eu também. Ele até dá uma ajudinha, passa uma vassoura na casa, ajuda numas coisas poucas, mas sem compromisso. Essa vida aqui é boa, a gente gosta de viver assim...

* * *

Ninguém vive sozinho, ainda mais nas fazendas, a gente sempre precisa um do outro. Ninguém vive sozinho. Vizinho e família pra nós é a mesma coisa. É tudo importante pra sobreviver as dificuldades da vida e da roça...

Desde que você teve aqui, em 2009, acho que minha vida continua a mesma. Tá só mais custoso mesmo, mas também um pouco é a idade. Pra mim continua a mesma vida. Tive 8 alqueires tomado, fui indenizada e tá bão. Num tem muito jeito, não é? Já foi. Mesmo se eles quisessem me devolver a terra não dava, então nós tem é que conformar mesmo. Recebi o valor que eles me falaram, não era o que valia, era bem menos, mas o dinheiro me foi muito bão. Formei mais um pastinho que não tinha. Continuo do mesmo jeito, tirando leite, a mesma vida.

O ruim é que dá uma diferença muito grande por causa da qualidade da terra que agora não é mais minha. Eu já formei tudo, tudo, tudo e não dá o que eu consegui antes. Eu tinha estes 8 alqueires em beira de corgo tudo formadinho, e sabe que em 8 alqueires de chão dá pra criar muito gado. Então agora, sem eles, já diminui minha produção, não teve jeito.

Tudo que eles falaram que iam fazer pra mim a empresa fez, disso eu não posso reclamar, me pagaram no dia combinadinho, mas também pago o tanto que eles quiseram pagar, né? Acho que eu só reclamo de uma coisa: da água ter pegado as melhores terras, mas sobre isso não tinha outro jeito.

Os vizinhos mudou muito, agora nós temos pouquinho aqui, quase não tem ninguém. Aqui em baixo, do lado do rio pra lá todo mundo mudo, ali agora é uma escuridão só, foi todo mundo embora pra cidade ou compraram terras em outras bandas que era mais baratinho, porque aqui não dá mais pra comprar. Desde que a usina disse que vinha com tudo os preços aqui ficaram tudo doido, e os donos das

terras também, todo mundo achou que ali era hora de ganhar dinheiro de verdade, mas não aconteceu assim. Pelo menos eu não sei de ninguém que ficou rico de fazer negocio com as terras aqui. O jeito que tem mais certo de ganhar dinheiro é trabalhando, não tem dois, é só trabalhando muito mesmo.

Pra mim eu nem posso ficar reclamando não, eu abri outra fossa aqui, porque a minha fosse a barragem me tomou. Eu pedi a elas assistência, eles disseram pra eu ir fazendo que uma hora eles mandam alguém aqui pra ver as águas, como é que tá. Ainda não veio ninguém, mas é porque tá muito dificultoso chegar aqui, tá mais longe depois da barragem, mas qualquer hora eles bate aqui pra ver.

O que eu falei pra eles da usina é que eles tem que ajudar até as nossas terras da a produção que dava antes deles chegarem aqui. Os vizinhos me faz falta de mais. Quando eu pego a lembrar eu até choro, eu tento nem pensar muito nisso, mas tem dias que é duro, é uma dor igual perder gente da família ou até maior! Porque os vizinhos estava sempre aqui, de manhã, de tarde, de noite, qualquer precisão era só ir na minha porteira que vinha rapidinho alguém aqui. Esses dias mesmo eu tava conversando aqui com o cumpadi Frodis que, antes a gente ia na casa um do outro na carrera na pressa mas ia, agora nem num dianta, acabou mesmo, não sobrou ninguém. O seu Geraldo, o Eli, o Luizim, eu nunca mais vi e nem vou vê eles mais. Eles ficaram tudo doente e não vem aqui porque é longe, eu não vou lá porque nem tem como. De cavalo é longe, de pé nem pensar, então nós fico tudo apartado agora é longe de mais...

Eu tenho uma saudade da dona Elvira, você nem imagina como. Nos era como irmã de sangue de verdade. Era uma pela outra. Eu sei que ela estava com problema de saúde, queria muito visitar, mas não tem condição naquela lonjura. Nós tem carro, mas eu nunca dirigi carro, quando eu preciso mesmo ir lá na cidade o William, meu filho, me leva. Ele mora aqui comigo desde que ele separou. Mas sempre é rapidinho, a gente vai e tem que voltar logo, até porque tem tido muito assalto aqui. Desde que começou a chegar essa gente estranha, as vezes vem uns ladrão e entra na casa da gente, leva os trem embora.

Mas sabe como é, né? Amigo é amigo! Ninguém vive sozinho, ainda mais nas fazendas, a gente sempre precisa um do outro. Ninguém vive sozinho. Vizinho e família pra nós é a mesma coisa. É tudo importante pra sobreviver as dificuldades da vida e da roça...

Tinha muita festa, diminui as festas tudo, pode até dizer que festa mesmo acabou. Nem digo é culpa da Sefac ou não. Acho que não tem culpado, só foi acontecendo assim.... Agora, as vezes, as festas são lá no Centro Comunitário e faz uma festinha, mas é muito sem gracinha, primeiro porque quase não tem mais ninguém e outra porque a gente não se sente a vontade, é um lugar estrando, tem umas coisas que faz a gente sentir que não é nosso. Por exemplo, a própria construção daquilo é diferente de tudo que você já viu aqui. Ali é tudo colorido, cheio de placa, até os balde de lixo é colorido. Não tem jeito de fazenda, nem tem a nossa cara ali, eu não gosto. Eu até vou, mas vou contrariada. E outra coisa é que as festas lá tem hora de acabar. Vai escurecendo vai todo mundo pra suas casas. Quando as festas era por aqui era uma beleza, porque a gente virava a noite, dormia nas casas dos festeiros e emendava outro dia de festa, música, comida, truco. Era bão de mais!

É pra voltar ter festa de São Sebastião. Eu acho que vai dar certo de fazer na casa da minha cumadi, mas agora é pouquinha gente. São Sebastião é um santo importante pra nós aqui não podia acabar com esta festa aqui. Ele é santo que protege os animais, se a gente tem criação ele protege todos os animais. Antes de fazer o Centro eu tava combinado de fazer esta festa aqui em casa mesmo, ia ser eu e minha mãe a fazer. Mas agora as pessoas querem que faça no Centro Comunitário que é mais perto pra quem mora na cidade. Agora em janeiro, dia 20, tem que fazer a festa mas não dá tempo, a gente vai fazer mesmo sem ser na data dele. Porque tem que fazer, porque depois não adianta reclamar. A gente vai atrasar porque tem muita coisa pra organizar. Tem muita gente envolvida, tem que fazer os cartazes, os professor vem.

Minha mãe adoeceu e internou, por isso eu vou ter que jogar esta festa mais pra frente, porque ela quer participar mas ela tem que tá boa. Deus ajudando a gente faz! Minha mãe ficou 7 dias internada lá em Catalão. Esta festa é importante pra pedir, pra agradecer o que foi produzido e pra ter uma melhor produção. Acho que ele é o santo mais importante pra quem lida com fazenda.

O rio aqui foi embora por causa da seca, se a gente não tiver ninguém pra pedir ajuda a gente não vai ter colheita este ano. A barragem fez alguma coisa estranha e acho que errada, porque eles diziam que o rio ia beirar minha casa, ele chegou aqui mesmo mas sumiu, ficou só um cheio ruim de coisa morta e podre. Tá feio... A água tava aqui no fundo, se eu quisesse sair pra pescar não precisa ir lá fora, daqui da minha cozinha eu podia jogar o anzol e trazer uns peixes pro almoço.

Teve umas vacas minha que andaram caindo dentro do corgo, e agora eu tenho que tirar elas sozinha porque os vizinho de grito acabou tudo. Eu mesmo tiro, as vezes pego um trator e tiro. Elas vai beber água e acha que é como era, que o rio ia afundando devagar, mas agora ele é fundo, não tem parte rasa, elas cai e é duro pra tirar. Eu pedi muito pra usina fechar a beira do corgo todinho, mas ele nem voltaram mais aqui.

Outra coisa que mudou aqui é os tamanduás, eles de primeiro vinha as vezes, depois que chegou a barragem era todo dia, agora sumiu. O que tem de mais aqui é cobra! Daquelas cascavel. Eu mato e tiro o chocalho delas, o povo da usina diz que não pode matar, que tem que prender e levar pra eles. Mas onde já se viu um negocio desse? Eles me coloca em risco! Pode pegar uma criança aqui, e agora elas vem pra dentro de casa! Tem muito inseto também. Nossa! Deu umas 4 da tarde, acabou! Não pode nem ir lá de fora.

Os multirão acabou, o povo descrençou tudo! Ninguém tá mexendo com isso mais não. De primeiro juntava aquele mundo véio de gente, era muita gente, era a maior festa que tinha aqui. Agora hoje quando faz junta umas 15 pessoas, mas fica sem gracinha porque a gente fica comparando com os de antigamente. A gente reúne e joga truco, mas não tem a mesma graça. O Centro virou ponto de encontro, antes era nas casas, mas pro tanto de gente que dá fica parecendo que é outra coisa qualquer. Eu mesma fui descrençando, todo mundo foi descrençando...

Depois que a água veio tudo aqui ficou sem graça, não dá nem vontade reunir. Antes a gente preocupava era que os mais novos não ia dar continuidade, hoje nem a gente consegue dar. É triste... Era uma coisa boa quando a gente conseguia fazer as treições, os multirões, a reza pra encomendação das almas. A Sefac vem aqui, eles querem que a gente avise eles quando a gente fizer que eles querem filmar, mas eles não entenderam que sem gente não tem jeito, isso fez os que restaram aqui fica muito desanimado. A festa é um motivo pra gente conversar, contar as novidades, tinha as fiandeiras que vinha as vezes, era bão de mais.

A Sefac disse que ia providenciar a reunião lá no Centro pra gente achar um representante pra nós todos, pra que quando eles precisassem falar com a gente eles iam nesta pessoa e falava e ela ficaria encarregada de falar com a gente. Eu acho muito bom a gente ter um representante, mas não acho que deve ser quem eles querem, deve ser alguém que a gente quer.

Se a gente conseguir formar um grupo a gente fica forte, a gente consegue negociar as compras de sal na cidade, eu to falando isso porque eu vi isso na fazenda dos Paulista. Tem muita vantagem a gente se agrupar. Ninguém vive sozinho, um exemplo é que se eu estiver tirando a vaca de dentro do rio sozinha eu não tenho força, mas se eu tiver uma turma aí tem força é como a associação de moradores. Juntos nós vamos ter mais força. Eu sou a favor, mas não do jeito que eles querem.

A associação é dos moradores e não da barragem. A gente devia ter esta associação pra decidir as coisas aqui e levar prontas pra eles, já tudo arrumadinho do que a gente quer e não o contrário. Essa associação podia ajudar a gente a ganhar poder de compra e de venda. Era só a gente conseguir fazer. Fica difícil porque hoje tem menos gente, mas dá pra fazer, eu acho que dá.

Hoje eu faço mais compra na cidade. Minha terra de plantio é da Sefac, então eu produzo pouco aqui. Antes eu produzia pra minha fazenda, dava e vendia aqui pros vizinhos, mas hoje nem pra mim eu produzo mais. Se eu precisar de qualquer coisa é na cidade, isso ficou pior porque eu não produzo e não vendo, não vendendo eu não tenho tanto dinheiro pra comprar na cidade. Mas a gente lá vai levando, né? É a primeira vez que eu tenho que comprar carne no açougue. Eu acho muito caro e ruim, não tem o mesmo sabor que tinha aqui da minha fazenda.

Minha neta foi pra cidade. Como quase não tem mais criança aqui na fazenda eles desmancharam as escolinhas todas. Era só uma escolinha mas tinha até a 4ª série. Ela teve muito medo, eu quase morri de saudade e de preocupação com ela, mas não teve outro jeito. Meu filho separou da mãe dela, e depois elas foram todas pra cidade, estão lá em Catalão. É perto daqui, mas eu preferia elas aqui dentro de casa comigo. Minha neta é uma companheira. Ajuda nos serviço de casa, gostava de ir pro curral comigo pra apartar as vacas. Ela adorava brincar com as criação daqui e também gostava de ver quando eu ia ficar. Era uma contoria só! Ela sabe de cor os versinhos das fiandeiras. Tá difícil pra elas lá, minha nora não arrumou serviço por lá, a gente é que ajuda, mas tem vez que a gente não tem nem pra gente, né? Eu faço meus tear ainda, vendo igual antes mas tem vez que não posso ficar esperando as pessoas vim aqui buscar eu mesma levo até a cidade pra vender. Sempre eu levo em fim de semana, passo pela feira e mostro pra umas pessoas, vende tudo muito rápido. Essa ficou sendo a minha renda fixa e que ajuda a trazer as coisas da cidade. Eu tenho até dor no coração de ter que comprar até pimenta! Eu adorava ter minhas pimentas! Compro alface e fico triste, queria ter os meus aqui. Se Deus quiser eu vou ter isso

ainda. O tanto de terra que eu tenho dá pra plantar mas a qualidade desta terra não é das boas, eu vou gastar mais pra plantar e colher menos e de pior qualidade. Mas não sou de perder tempo reclamando. Já comecei a plantar tudo aqui. Já dá algumas coisas, mas bem menos.

Esse rio que tá nesse fedor todo num tem mais peixe, quando consigo pegar um ele tem cheiro muito forte, eu desisti de pescar... Pescar leva tempo, e pra gente perder um tempo e não trazer nada pra casa não vale a pena e quando traz ainda é ruim, não dá pra garantir nem a janta, melhor é gastar meu tempo fiando, arrumando a casa, arrumando a horta.

* * *

Envolvida com sua roda de fiar e seus apetrechos, D. Divina contava suas histórias. Enquanto escaroçava o algodão, sua neta prestava atenção aos movimentos que envolviam tal prática. Cardava os rolinhos e os transformavam em fios. Mais tarde estes fios seriam o material das colchas que ela produz para vender na cidade.

O processo não começa ali na roda de fiar, além das etapas já citadas, há o plantio do algodão, a colheita, o tingimento dos fios, momentos diretamente relacionados ao trabalho na natureza, pois além da relação óbvia do plantio e da colheita com o trabalho na terra, o tingimento era relacionado, á princípio, as plantas colhidas na horta, como nos contou D. Divina.

O saber fazer, a arte de transformar fios em colchas é transmitida de geração para geração. É por meio do trabalho em família que os nomes dos tecidos e as regras para fazê-los são transmitidos.

Todo o processo de descaroçar o algodão, batê-lo, cardá-lo, fiá-lo, fazer as meadas, tingi-lo e tecê-lo, envolve um conjunto de conhecimentos que no passado compunha grande parte do universo feminino na zona rural de Goiás. No presente, todavia, esse processo é feito por poucas pessoas, D. Divina lamenta que nem todas suas filhas tenham interesse em aprender esta arte. Porém sua neta aprende todos os passos e nomes dos fios e tramas que ela tece. Neste caso, a interpretação da cultura de fazer a artesanaria, caminha no sentido de pensá-la enquanto algo que tem significado na vida das pessoas, como escreveu Certeau: para que haja verdadeira

cultura, não basta ser autor da práticas sociais, é preciso que estas práticas sociais tenham significado para quem as realiza¹²³. D. Divina nos disse que a arte de fazer as colchas começam ainda no plantio do algodão, ela imprime significado a cada etapa da arte de fazer.

Abaixo, D. Divina transforma seus fios em colchas pra vender. Esta foto foi tirada num terceiro encontro na casa dela, quando chegamos ela estava trabalhando na colcha e gravamos parte do processo e suas histórias enquanto ela trabalhava na colcha feita sob encomenda.

¹²³ CERTEAU, Michel de. *A cultura no Plural*. Op. Cit., p. 141.

Foto 18 - D. Divina ¹²⁴.

Voluntariosa e decidida, ela contou sobre suas vida, suas escolhas, e sobre a barragem e as mudanças que tal empreendimento fizeram na região e na vida de seus moradores.

D. Divina nos contou sobre os anos que se dedicou a cuidar do marido que era mais velho que ela e adoeceu. Ele ficou de cama por 10 anos. Nesse tempo, o serviço no campo passou a ser de responsabilidade exclusiva dela, que antes dividia as tarefas

¹²⁴ Fotografia tirada pela autora em jan. de 2009. Pertence ao acervo do Centro de Referência (UFU/UFG).

com o marido. Depois de viúva ela assumiu por completo as atividades da roça, deixando de lado o que era intitulado de trabalho de mulher e trabalho de homem.

Em nossas andanças pelo sertão de Goiás, vimos que as viúvas, de uma forma geral, assumem o papel do esposo, gerindo o sustento familiar e, por vezes, deixam nas mãos de outros membros da família, como as crianças, tarefas que antes eram executadas por elas. Estas fortes mulheres do campo passam a se reconhecer como força essencial à manutenção da família, embora, quando seus maridos estavam vivos, algumas delas se considerassem auxiliares nos trabalhos pesados, conforme nos contou D. Hosana:

Quando eu fiquei viúva achei que ia morrer junto com meu marido, que não ia dar conta de tudo sozinha. A vida todinha eu era auxiliar dele, pegava no pesado, mas ele era o principal de tudo. Eu achei que eu ia ter que fazer todo o serviço do mundo pra manter meu filho na escola em Catalão. Eu comecei a torrar farinha pros outros à meia, eu comecei a tecer, eu e minha filha tecia o dia inteiro, a gente tecia num dia o que outras mulheres ficavam 5 dias pra fazer. Minha coluna não aguentava mais... Eu panhava mandioca dos outros, fazia polvilho pra vender e manter meu filho na escola. Esse era meu objetivo, porque era o que meu marido mais sonhava: ver nosso filho formado! Eu queria era manter o sonho do meu marido vivo. Minha filha mais nova e eu apartava vaca junto, tirava leite, fazia queijo. A outra filha cuidava do fogão, fazia comida, fazia tudo de dentro de casa. Ela passou a fazer o que eu fazia quando tinha meu marido, e eu passei a fazer o serviço dele, o que antes eu achava que era serviço de homem... ¹²⁵.

As mulheres no campo nos contaram sobre a consciência de estarem sozinhas na roça, o que evidencia a distância de um tempo em que ter a família e os vizinhos era fundamental para a sobrevivência no espaço rural, pois o trabalho era realizado por estas pessoas, de forma conjunta a viabilizar a vida sem as facilidades da vida na cidade. Segundo Antônio Candido ¹²⁶, no regime de economia de subsistência, é possível exercer as atividades da lavoura em base familiar ¹²⁷ – cada família bastando-se a si mesma e podendo viver relativamente isolada, sem integrar-se noutra estrutura mais ampla. Trata-se porém de um fato raro, e quase sempre transitório.

¹²⁵ CARDOSO, Hosana. *Narrativa*. Campo Alegre de Goiás, jul. De 2009.

¹²⁶ CÂNDIDO, Antônio. A. op. Cit. P.65.

¹²⁷ Por base familiar compreendemos família e vizinhos, que têm entre si uma relação como se fossem família.

Para além da família, é o grupo de vizinhança que garante a estes moradores alternativas para atender suas necessidades cotidianas. A estratégia fundamental destes grupos, sejam de vizinhos ou familiares, é o trabalho coletivo.

Do trabalho coletivo, mutirão, demão, treição, emerge uma marca fundamental da cultura popular: a relação de solidariedade, que une as famílias num contexto de troca de trabalho, ou seja, troca de ajuda nas tarefas em que os braços de uma só pessoa ou de uma só família não são suficientes. D. Divina exemplificou com o trabalho de resgatar as vacas que caem dentro dos córregos. Ela e suas netas não conseguem resgatar o animal, precisando recorrer a ajuda de vizinhos.

O momento de sociabilidade, de encontro com os vizinhos, segundo os colaboradores, nos dão a ideia da comunidade que o trabalho coletivo expressa. A ajuda ao outro é elaborada não apenas no universo material de troca de trabalho. O mutirão é antes de tudo, um espaço lúdico, da brincadeira, da conversa durante o bater pasto ou junto ao fogão de lenha. Segundo o senhor Frodis,

Eu sempre levo a pinga. A minha pinga é das melhor daqui! Em todo mutirão levo pelo menos 3 litros. Nós trabaia muito, mas diverte muito também! Eu levo a pinga e minha mãe, ela é muito festeira, adora uma treição, uma demão, nunca vi igual! O povo daqui diz que sem a minha pinga e sem a minha mãe pra ajudar no fogão num sai treição! Eu fico doidinho pra ter mais treição, mutirão, demão... Nestes dias a gente trabaia e nem percebe, quando vê já foi um pasto inteiro, já fizemos cerca, já fica tudo arrumadinho. As vezes, quando eu tô sozinho fazendo estes serviços fico pensando que se fosse de mutirão era num instantinho, ficava tudo prontinho...¹²⁸

Geralmente as tarefas realizadas em dias de treição necessitam de muitos braços, como é o caso dos dias que se destinam a bater pasto. O mutirão e a treição assumem um sentido especial nas narrativas, à medida que trabalho e festa fundem-se, ou seja, entrelaçam-se, rompendo a dicotomia trabalho/festa – festa, neste caso, entendida como momento do não-trabalho – e que em um mesmo momento atendem tanto a uma necessidade material como a uma necessidade de interagir e integrar-se aos vizinhos, amigos e familiares.

¹²⁸SILVA, Frodis da. *Narrativa*. Campo Alegre de Goiás, jul. De 2009.

Na foto abaixo, D. Divina e sua neta, Stephany, depois de trabalharem juntas no pasto, apartando vacas e tirando leite, sorriem. O lenço na cabeça e os brincos são usados diariamente por D. Divina, pois, segundo ela, é a única coisa que a diferencia de um homem no campo, a saia, o lenço na cabeça e os brincos.

Foto 19 – Estefani, neta de D. Divina Canedo, ajuda no trabalho doméstico em horário alternado da escola, e pela manhã, antes da aula, ajuda sua avó na ordenha manual¹²⁹.

Na história destas mulheres, o trabalho tem lugar de destaque, suas memórias mostram que elas não se curvam diante das dificuldades, do esforço físico e mesmo do perigo. Encontramos mulheres que andam armadas com espingardas, que servem de proteção contra as cobras e mesmo contra pessoas, caso precisem usar. Estas mulheres são verdadeiras “lutadeiras nessa vida”, verdadeiras heroínas do sertão¹³⁰.

Estas mulheres, de forma geral, falam de suas atividades e do que estas atividades abarcam, que vai desde irem a luta por condições menos injustas nos acordos com a Sefac, até a lida do cotidiano em gerir a casa e os afazeres que

¹²⁹ Fotografia tirada pela autora em jan. de 2009. Pertence ao acervo do Centro de Referência (UFU/UFG).

¹³⁰ Foram entrevistadas 57 mulheres na primeira fase da pesquisa e 9 na segunda fase, no município de Campo Alegre de Goiás.

envolvem a vida na zona rural. Mesmo D. Eva, no auge dos 81 anos, é responsável pelas tarefas possíveis de serem feitas pelo fator limitante idade.

São esposas, mães, parteiras, curandeiras, benzedeiras, algumas viúvas, algumas deram a luz sozinhas, mantêm a casa, cozinham, limpam, capinam, plantam, colhem, tiram leite, fazem queijos, tratam de gado, dos porcos e das galinhas, tecem, bordam, fazem quitandas, cumprem votos religiosos, conhecem plantas do quintal para produzir remédios, trabalham fora do lar para compor a renda familiar e, ainda assim, quando contam suas histórias, não raro, dizem que não tem nada pra contar, se consideram coadjuvante na lida e na vida do campo.

É comum e recorrente nas narrativas destas mulheres o trabalho fazer parte de suas vidas desde a infância, fato que muitas delas percebem como sendo natural, sem o peso que a sociedade privilegiada dá ao trabalho. Ele é parte da vida, nele se cresce e se estabelece as relações familiares. Se as crianças fazem parte da vida na roça, e a vida na roça é carregada de muito trabalho, é de fato natural que elas trabalhem desde cedo. Existem histórias de sobre peso do trabalho, porém o mais recorrente é o trabalho como parte da vida.

O que descobrimos deste universo rural é a busca por manter uma identidade e um sentido de mundo, ordenado pelo trabalho com a terra e pela existência em comunidade. O apego ao lugar e ao saber-fazer, ali construído, reforça a resistência ao esfacelamento de um modo de vida destes afogados. Esse mundo rural ao se transformar recriou outro sentido de existência, resignificando as práticas e costumes que caracterizam suas formas de viver. No presente, estes homens e mulheres se mantêm como sujeitos do campo, como homens da roça, como caipiras. Pessoas que, dia-a-dia, experimentam uma existência em que trabalhar é terra é um trabalho árduo, mas também é sentido por eles como uma forma de festejar a vida.

5. Considerações Finais

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro.
(Weil, Simone. A condição operária e outros estudos sobre a opressão, 1979.)

A preocupação central deste trabalho foi evidenciar os dilemas vividos por uma comunidade afogada pelo barramento do rio e questionar como é que, em nome da modernização e das relações de direitos, os poderes públicos e a iniciativa privada juntos, se assenhoram de instituições formadoras de conhecimento, para auxiliar no trabalho de expulsão dos camponeses de seus territórios. Nossa intenção não se restringe a fazer diagnósticos, e sim propor uma discussão maior, assumindo um compromisso social transformador.

Quando se pensa numa região a ser afetada por um empreendimento como a construção de uma barragem, não se tem uma noção clara da riqueza das relações sociais estabelecidas no campo, das suas sutilezas e formas de ocupação. Neste sertão de Goiás, mais de perto, observa-se que, além dos proprietários de terra, propriamente ditos, existem arrendatários, empregados temporários, posseiros com direito ou não de uso da terra, os garimpeiros, os agregados, os caseiros, entre outros. É um cenário múltiplo, repleto de particularidades que são sumariamente ignorados pela Serra do Facão.

Os moradores do vale do rio São Marcos, uma vez desapropriados e compulsoriamente deslocados, se viram obrigados a adaptar-se frente a novos ambientes. Algumas regiões foram replanejadas por técnicos da usina, cuja a ignorância da cultura da população rural local só não é comparável à arrogância que manifestavam no trato distanciado com as famílias afetadas pelo empreendimento hidrelétrico.

Acreditam, estes técnicos, que a oferta de um novo território de moradia, dotado de casas com azulejos, energia elétrica e saneamento básico, representam uma justa e integral compensação das perdas impostas à população ribeirinha afastada do

contato com a água e com as melhores terras de plantio, que para eles são fonte de trabalho e alimento.

Estas pessoas são verdadeiramente heroicas pois, ainda assim, elas enfrentam, a sua maneira, este poder constituído e trabalham de forma coletiva, para fechar acordos em melhores condições. Eles são senhores de suas próprias vidas, fazem suas críticas, tem conhecimento de todo o processo e fazem acordos buscando melhores condições pré e pós a instalação da barragem. A palavra negociação, intencionalmente, não foi utilizada, pois para haver uma negociação, pressupõe-se uma relação entre iguais. Aqui neste cenário a definição mais adequada é de acordo entre as partes envolvidas.

A inventividade social dos pobres da terra em situação de crise e mudanças tem tem sido, de certo modo, canalizada para objetivos sociais e políticos que não coincidem necessariamente com aquilo que os pobres querem e podem. Porém, estes afogados não se permitiram abater, eles lutaram, recomeçaram e construíram, dentro de outro repertório, suas vidas, mesmo que fora do que previamente planejavam ¹³¹.

Estes afogados inventam e reconfiguram seu mundo inteiro de vida e relações sociais a partir da violência que é desocupa-las de suas casas margeadas pelo rio com potencial hidrelétrico, como se isso justificasse a ação de expulsão. Desestruturados e impactados com as radicais mudanças em suas formas de existir, os afogados pela barragem, tentam adaptar-se frente ao novo ambiente. Mais que moradores das margens do rio São Marcos, estes sujeitos vivem uma relação com as águas do rio nas quais e para as quais haviam configurado um expressivo repertório de saberes técnicos e simbólicos.

Além disso, diversas situações ficaram inconclusivas, mesmo pós instalação da barragem. Inventários por fazer, terras por remarcar, limites de uso nas proximidades do rio – APP (Área de Preservação Permanente) por definir e documentar.

À luz destes pressupostos é possível concluir que as formas de mitigar os impactos, sejam eles ambientais ou sociais, ficam aquém do ideal. O enchimento dos reservatórios promovem uma expulsão do homem do campo para a cidade. As medidas são insuficientes e equivocadas. Conforme escreveu Queiroz, o enchimento do reservatório tem levado ao esvaziamento da vida de pessoas que moram as

¹³¹ MARTINS, José de Souza. *O sujeito oculto*. 2003, p. 223-224.

margens dos rios barrados, a despeito das insuficientes e amiúde equivocadas ações compensatórias a elas dirigidas¹³².

Recentemente, pesquisadores que estão trabalhando criticamente sobre os dados censitários referente ao crescente êxodo rural, como José Eli da Veiga¹³³ e José da Silva Graziano¹³⁴ constataam que é preciso rever as mudanças compulsórias que envolvem abandono das antigas casas nas zonas rurais. Ambos propõem que as UHEs sejam substituídas por PCHs – Pequenas Usinas Hidrelétricas¹³⁵ – que se comparadas as UHEs, provocam menores impactos ambientais e sociais, porém exigem um maior investimento inicial e produz energia de acordo com o enchimento natural dos rios. Estas PCHs aproveitam a vazão natural do rio e contribuiriam para a descentralização de grandes explorações energéticas e grandes expulsões das famílias que moram margeando os rios com potenciais hidrelétricos

Por fim, concluímos que projetos que envolvem expulsão do homem do campo, precisam ser repensadas de forma a causar menores impactos e as medidas compensatórias e condicionantes para a instalação de uma barragem, deveriam de fato, compensar estas famílias afogadas, de forma a mitigar os impactos. Para que algo neste sentido aconteça é preciso que haja um compromisso entre o empreendimento, o estado e as comunidade atingida. Ao deslocar as pessoas, promover mudanças irreversíveis no meio ambiente, despertar a organização de movimentos sociais e provocar alterações na sociedade afogada e no seu entorno, a produção de energia elétrica ganha dimensão de um fenômeno social.

¹³² QUEIROZ, Renato da Silva.

¹³³ VEIGA, José Elias da. *Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI*. Editora Garamond Universitária, Rio de Janeiro, 2008.

¹³⁴ GRAZIANO, J. da Silva. *A nova dinâmica da agricultura brasileira*. Campinas, Instituto de economia : UNICAMP, 2007. Disponível em: http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Valeria/Pdf/O_novo_rural_brasileiro.pdf. Acesso: jul. 2013.

¹³⁵ Pequena Central Hidrelétrica (PCH) é uma usina hidrelétrica de pequeno porte com capacidade superior a 1 MW e inferior a 30 MW, com área de reservatório inferior a 3 km². As PCHs são regulamentadas pela ANEEL – Agência Nacional de Energia Elétrica, através da resolução nº 394 de 04 de dezembro de 1998. Esse tipo de hidrelétrica é utilizada principalmente em rios de pequeno e médio porte. Em alguns casos dispensam reservatório, chamada “a Fio D’água”, quando a força da água é suficiente para movimentar as turbinas. Mas o formato mais utilizado possui pequenos reservatórios para garantir a regularização do fluxo d’água em diferentes condições climáticas. O que não é possível no caso de “A Fio D’água”, onde a potência diminui, ou até para, em caso de grandes estiagens e baixa das águas.

Não tivemos a intenção de esgotar a discussão sobre este tema, antes de mais nada, o que pretendemos é apontar trilhas de pesquisa e reflexões. Trilhas estas que devem ser alargadas em outras pesquisa e trabalhos futuros. Todo material produzido por esta pesquisa será doado ao Centro de Referência da Universidade Federal de Uberlândia e da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão e ao Diversitas – Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerância e Conflitos – USP - visando auxiliar futuras pesquisas e o acesso a este material pelos colaboradores do sertão goiano.

6. Bibliografia

ANDRADE, Manuel Correia de. *Modernização e pobreza, a expansão da agroindústria e seu impacto ecológico e social*. São Paulo. Editora da Universidade Paulista, 1994.

_____. *O Planejamento Regional e o problema agrário no Brasil*. São Paulo. Hucitec, 1976.

ARRUDA, Gilmar. *Cidades e Sertões, Entre a História e a Memória*. Bauru, EDUSC, 2000.

BAGNO, Marcos. *Preconceitos linguísticos: O que é, como se faz*: Edições Loyola. São Paulo, 2007.

BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2005.

BENJAMIN, Walter. *O Narrador*. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo. Ed. Brasiliense, vol. 01, 1987, pp. 197-221 (Obras Escolhidas).

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória. Ensaio sobre psicologia social*. São Paulo. Atelier Editorial, 2003.

_____. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A partilha da vida*. São Paulo : Cabral, 1995.

_____. *Plantar, colher comer: um estudo sobre o campesinato goiano*. Rio de Janeiro: Graal. 1981.

_____. *No Rancho fundo: espaços e tempos no mundo rural*. Uberlândia: Edufu, 2009.

_____. *De tão longe eu venho vindo: símbolos gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás*. Goiânia: Editora da UFGO, 2004.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

_____. *A arte da conversação*. Trad. Álvaro Hattneer. São Paulo: Unesp, 1995.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo. 4 ed. EDUSP, 2003.

CANDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo, 9º ed., Editora 34, 2001.

CHIAVENATO, Júlio José. *Violência no campo, o latifúndio e a reforma agrária*. São Paulo. Moderna, 2004.

DELGADO, Lucila A. Neves, et alii. *História oral*. Juiz de fora: Ed. UFJF, 2007.

GRAZIANO, J. da Silva. *A nova dinâmica da agricultura brasileira*. Campinas, Instituto de economia : UNICAMP, 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo. Ed. Vértice, 1990.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos. O breve século XX*. São Paulo: Cia. Das letras, 1998.

_____. *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*. São Paulo: Paz e terra, 1998.

IANNI, Octavio. *A ideia de Brasil Moderno*. São Paulo. Brasiliense, 2004.

_____. *Estado e Planejamento Econômico no Brasil 1930-1970*. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 1971.

_____. *Origens Agrárias do Estado Brasileiro*. São Paulo. Editora Brasiliense, 2004.

IOKOI, Zilda G. O reconhecimento das articulações entre o rural e o urbano. IN: PRIORI, Ângelo. *O protesto do trabalho*. Maringá: Eduem, 1996.

_____. *Vozes da terra: história de vida dos assentados rurais de São Paulo*. São Paulo: Fundação Itesp, 2005.

_____. Violência e barbárie na era da globalização. In: *Simpósio Nacional de História*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP: ANPUH, 1999, p. 591-608.

_____. Descaminhos da modernidade. Identidade e movimentos sociais no Brasil. In: *Revista Catarinense de história*, n. 3, p. 41-63. Florianópolis, 1995.

KOWARICK, Lucio. *A expropriação urbana*. São Paulo. Paz e Terra, 3º ed., 1993.

_____. (org.) *As lutas sociais e a cidade*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1994

LEFEBVRE, Henry. *O Direito à Cidade*. São Paulo, Ed. Centauro, 2001.

MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1998.

_____. (Org.). *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. Reforme agrária: o impossível diálogo sobre a história possível. In: *Tempo social*. Revista de sociologia da USP, vol. 11 – n. 2p. 97 – 128. São Paulo, fev. 2000.

_____. *Não há terras pra plantar neste verão*. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *Os camponeses e a política no Brasil*. Petrópolis. Editora Vozes, 1986.

_____. O poder do atraso. Ensaios de sociologia da história lenta. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. *A chegada do estranho*. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo: Hucitec, 2008.

_____. *O cativo da terra*. São Paulo: Hucitec, 1986.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo. 5ª ed., Ed. Loyola, 2005.

_____. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo, Ed. Contexto, 2007.

_____. *(Re) Introduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo. Xamã, 1996.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral e Memória, a cultura popular revisitada*. São Paulo. Contexto, 2001.

MOURA, Margarida Maria. *Camponeses*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. *A Geografia das Lutas no Campo*. São Paulo. 3º ed., Contexto, 1997.

_____. *A agricultura camponesa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. *O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social*. São Paulo: Editora Casa Amarela e Editora Paz, 2004.

PRADO, Jr. Caio. *Evolução Política do Brasil*. São Paulo. 21º ed., Editora Brasiliense, 1994.

_____. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo. Editora Brasiliense, Publifolha, 2000.

_____. *A Questão Agrária*. São Paulo. 19ºed., Editora Brasiliense, 1979.

_____. *História Econômica do Brasil*. São Paulo. 19ºed., Ed. Brasiliense,

1976.

_____. *A agricultura camponesa no Brasil*. São Paulo. 2º ed., Contexto, 1996.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. Deslocamento campo – cidade: caminho para viver uma nova realidade. In: Coggiola, Oswaldo (org.), *Caminhos da História*. São Paulo. Xamã, 2006.

SADER, Emir (org.). *Contragolpes, seleção de artigos da New Left Review*. São Paulo. Boitempo, 2006.

SANTOS, Milton. *Pobreza Urbana*. São Paulo/Recife. Ed. Hucitec, 1978.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado, Cultura da Memória e Guinada Subjetiva*. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 2005.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*. São Paulo. 2º ed., Paz e Terra, 1998.

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade na História e na Literatura*. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 1990.

VEIGA, José Elias da. *Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI*. Editora Garamond Universitária, Rio de Janeiro, 2008.

VOVELLE, M. *Ideologia e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

Documentos

ATLAS do desenvolvimento humano de Goiás, 2003. Disponível em: <http://cidades.gov.br.br>

BIODINÂMICA. EIA. -RIMA. Estudos de Impactos Ambientais: diagnóstico ambiental. Rio de Janeiro: ago. 2002. (Mimeo)

Informativo SEFAC. Serra do Facão. Disponível em: <http://www.sefac.com.br>. Acesso em: 10 mar. 2014.

Serra do Facão Energia S.A.. Termo de referência: Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural. Catalão, ago. 2007

POCHMANN, Márcio; AMORIN, Ricardo (org.) Atlas da exclusão social do Brasil. Rio de Janeiro: Cortez, 2006.

Artigos e reportagens de jornal

INFORMATIVO SEFAC. Jan. fev.2009. Ano III. Jornal bimestral.

Folha de São Paulo. São Paulo, 10 jun., 2012. Caderno Opinião.

Folha de São Paulo. 11 set., 2012. Caderno Mundo.

Folha de São Paulo, São Paulo, 07 de jun., 2014. Caderno Especial Desenvolvimento Sustentável.

Folha de São Paulo, São Paulo, 12 de jul., 2014.

Revista Caros Amigos, n. 27 e n.39.

Jornais do MAB Nacional. Disponível em: <http://www.mabnacional.org.br/jornais>

Jornais do MAB de Goiás. Disponível em: <http://www.jornaldiariodonorte.com.br/detalhes-impresso.php?tipo=706&cod=680>

Vídeos

O Profeta das Águas. Leopoldo Nunes (roteiro, direção e pesquisa). Documentário, São Paulo, Brasil: 2008, DVD.

Narradores de Javé. Eliane Café (direção). Ficção, São Paulo, 2003, DVD.

Mesa Brasileira: tropas e boiadas de Goiás velho. TV Cultura. Documentário 2010, CD-ROM

Foi assim que ouvi contar. Flávio Citton e Cairo Ibrahim (direção e pesquisa). Documentário, Goiânia, 2009, CD-ROM.

Cafundó. Paulo Betti e Clóvis Bueno (roteiro e direção). Drama/Ficção, 2005, DVD.

Festa de São Sebastião: comunidades de Goiás. Produção Sefac, 2008.
Documentário. CD-ROM.